

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SARA DOMINGOS RODRIGUES

INDIFERENÇA E DISTANCIAMENTO: A RESPOSTA INTERNACIONAL A DISPUTAS
DO GOLFO PÉRSICO

Brasília
2021

SARA DOMINGOS RODRIGUES

INDIFERENÇA E DISTANCIAMENTO: A RESPOSTA INTERNACIONAL A DISPUTAS
DO GOLFO PÉRSICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Instituto de Relações Internacionais como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Isabel
Carvalho Pinto

Coorientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Lessa

Brasília
2021

SARA DOMINGOS RODRIGUES

INDIFERENÇA E DISTANCIAMENTO: A RESPOSTA INTERNACIONAL A DISPUTAS
DO GOLFO PÉRSICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Relações Internacionais como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Relações Internacionais.

Aprovado em ___ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Vânia Isabel Carvalho Pinto
(orientadora) – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Antônio Carlos Lessa (coorientador)
– Universidade de Brasília

Prof. Dr. Niels Soendergaard– Insper

Prof. Dr. Renato José da Costa – Universidade
Federal do Pampa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão da bolsa de pesquisa que me permitiu desenvolver essa dissertação de mestrado. Além disso, agradeço à minha orientadora professora Vânia Carvalho Pinto por ter me acompanhado desde a primeira pesquisa na iniciação científica até o mestrado. Assim como agradeço imensamente ao meu coorientador professor Antônio Carlos Lessa por ter aceitado o desafio de me orientar na última etapa da pesquisa. Sou grata ao trabalho e dedicação dos senhores e à contribuição de ambos para a ciência brasileira.

Também, agradeço à minha família, aos meus pais Elisabeth e Osvaldo, e às minhas irmãs Ana e Natália. Por último, agradeço acima de tudo a Deus. “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus. Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas” (Fp. 6: 7-8).

RESUMO

Em junho de 2017 Arábia Saudita, EAU, Barein e Egito decidiram suspender relações com o Catar e lhe impor um bloqueio. O estopim para essa crise foi a publicação de uma notícia falsa, segundo a qual o rei catari teria expressado opiniões controversas. Logo em seguida, jornais sauditas e emiradenses produziram matérias acusando o Catar de contribuir para a instabilidade regional por meio de suas políticas. Pouco depois, o bloqueio foi declarado. Todavia, a resposta internacional para o impasse regional foi a inação apesar da seriedade das acusações levantadas e das medidas tomadas. Diante dessa reação, esta pesquisa procurou identificar os elementos do discurso bloqueador que ajudam a compreender sua falta de ressonância internacional. Para operacionalizar essa análise, o conceito de *framing* foi empregado e o método de codificação aplicado a matérias dos principais jornais sauditas e emiradenses, bem como a discursos governamentais. Concluiu-se que o *frame* construído acerca do Catar não teve ressonância, pois os regimes saudita e emiradense superestimaram sua capacidade de convencimento ao não se preocuparem com a coerência de suas falas não fornecerem provas de suas acusações. Ademais, não souberam ler a realidade da sua audiência acerca da questão do terrorismo e ignoraram o peso econômico e securitário que o Catar possuía para países fora do Golfo.

Palavras-chaves: Catar, Arábia Saudita, EAU, *framing*, bloqueio

ABSTRACT

In June 2017 Saudi Arabia, UAE, Bahrain, and Egypt decided to suspend relations with Qatar and declare a blockade. The spark to this crisis was a piece of fake news that stated that the Qatari king had expressed controversial opinions. Following that, Saudi and Emirati newspapers published news accusing Qatar of worsening regional instability through its policies. Soon after that, the blockade was declared. However, the international response to the regional deadlock was inaction despite the seriousness of the accusations and measures taken. Due to that reaction, this research aimed to identify the elements of the blockading discourse which explain its lack of international resonance. To achieve this, the concept of framing was employed, and the method of codification applied to news of the main Saudi and Emirati newspapers as well as government speeches. The research concluded that the frame about Qatar did not have resonance because the Saudi and Emirati regimes overestimated their ability to convince by not paying attention to the coherence of their claims and not supplying enough evidence for their claims. Furthermore, they have not interpreted the relations of their audience with terrorism properly and ignored Qatar's economic and security weight to countries outside of the Gulf.

Keywords: Qatar, Saudi Arabia, UAE, *framing*, blockade

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: <i>Framing</i>	27
Quadro 2: Distribuição das fontes recolhidas.....	49
Quadro 3: Lista de textos recolhidos segundo fonte, título e data.....	50
Quadro 4: Lista de categorias e subcategorias.....	52
Quadro 5: Tarefas centrais do <i>framing</i>	72
Quadro 6: Limitações do <i>frame</i> contra o Catar.....	87

LISTA DE SIGLAS

AGNU	Assembleia Geral das Nações Unidas
CCG	Conselho de Cooperação do Golfo
EAU	Emirados Árabes Unidos
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos da América
ISIS	Estado Islâmico no Iraque e Síria
ONU	Organização das Nações Unidas
QIA	<i>Qatar Investment Authority</i>
QNA	<i>Qatar News Agency</i>
QSI	<i>Qatar Sports Investment</i>
UE	União Europeia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 UMA RUPTURA NO GOLFO: OS ANTECEDENTES DO BLOQUEIO AO CATAR.....	32
1.1 O INÍCIO DE UMA POLÍTICA EXTERNA CATARI INDEPENDENTE	32
1.2 BRAÇO CULTURAL DA POLÍTICA CATARI	35
1.3 BRAÇO POLÍTICO DA ESTRATÉGIA CATARI	39
1.4 EFEITOS DA POLÍTICA EXTERNA CATARI E AGRAVAMENTO DE TENSÕES ATÉ 2017.....	45
2 A CAMPANHA CONTRA O CATAR.....	49
2.1 COMO FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR O <i>FRAME</i> SOBRE O CATAR.....	49
2.2 O ESTOPIM DA CAMPANHA CONTRA O CATAR: O DISCURSO DA QNA.....	53
2.3 O CATAR COMO PARTE DO PROBLEMA.....	58
2.4 COMO LIDAR COM O CATAR.....	67
2.5 POR QUE SE IMPORTAR COM UMA CRISE REGIONAL?	69
3. A RESPOSTA INTERNACIONAL À CAMPANHA CONTRA O CATAR	74
3.1 COMO AVALIAR A RESSONÂNCIA DO <i>FRAME</i>	74
3.2 DISTANCIAMENTO DE UMA NARRATIVA PROBLEMÁTICA	74
3.3 INDIFERENÇA FRENTE A UMA QUESTÃO LOCAL	82
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
APÊNDICE A - TABELA DE CÓDIGOS	108
ANEXO A – LIST OF DEMANDS BY SAUDI ARABIA, OTHER ARAB NATIONS.....	115
ANEXO B- QATARI EMIR: DOHA HAS ‘TENSIONS’ WITH THE DONALD TRUMP ADMINISTRATION	117
ANEXO C - DHAHI KHALFAN SAYS QATAR FAVORS IRAN, MUSLIM BROTHERHOOD OVER ARAB COUNTRIES	119

ANEXO D- WHAT BIN LADEN DOCUMENTS REVEAL ABOUT HIS RELATIONS WITH QATAR	120
ANEXO E- ANALYSIS: HEZBOLLAH AND QATAR – A STORY OF FORBIDDEN LOVE?.....	122
ANEXO F - QATAR’S EMIR TAMIM CALLS IRAN’S PRESIDENT ROUHANI SEEKING ‘DEEPENING OF TIES’	124
ANEXO G - PRO-IRAN, PRO-TERROR GROUP'S COMMENTS ATTRIBUTED TO QATARI EMIR SPARKS GCC OUTRAGE	125
ANEXO H - HACK OR ATTACK? QATARI EMIR'S ALLEGEDLY CONTRARIAN 'COMMENTS' UNSETTLE NEIGHBORS	127
ANEXO I - SANCTIONS, LEAVING MILITARY BASE ‘POSSIBLE OPTIONS AGAINST QATAR’	130
ANEXO J - QATAR’S EMIR WANTS TIES WITH IRAN TO BE ‘STRONGER THAN EVER BEFORE’	132
ANEXO K - QATAR-BACKED WEBSITE SLAMMED OVER CARTOON SHOWING TRUMP 'SUMMONING DEVIL'	134
ANEXO L - HAFTAR: DOHA AIDING TERROR OUTFITS IN LIBYA.....	136
ANEXO M - US HELPING QATAR PROBE WEBSITE HACKING.....	138
ANEXO N - KINGDOM OF SAUDI ARABIA SEVERS DIPLOMATIC AND CONSULAR RELATIONS WITH QATAR.	139
ANEXO O – DISCURSO DA ARÁBIA SAUDITA NA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS	141
ANEXO P - KINGDOM OF SAUDI ARABIA SEVERS DIPLOMATIC AND CONSULAR RELATIONS WITH QATAR	144
ANEXO Q - QATAR CANNOT CONTINUE TO FACE TWO WAYS	145
ANEXO R - BY PLAYING RISKY POLITICS, QATAR COURTS A BACKLASH ..	147
ANEXO S - GARGASH SAYS QATAR’S BEHAVIOUR THREATENS STABILITY IN THE GULF.....	150
ANEXO T - QATAR MUST CHOOSE SIDES OVER IRAN	152

ANEXO U - RENEWED TENSIONS WITH QATAR ARISE FROM OLD, UNRESOLVED ISSUES.....	154
ANEXO V - QATAR EMIR IN KUWAIT FOR TALKS ON RESOLVING GCC ROW	157
ANEXO W - QATAR SHOULD STOP FUNDING TERRORISM, SAYS LEADING OPPOSITION FIGURE	159
ANEXO X - US CONTEMPLATES SANCTIONS AGAINST QATAR.....	161
ANEXO Y - QATAR EMIR STIRS CONTROVERSY BY DEFENDING IRAN AND HEZBOLLAH.....	163
ANEXO Z - GULF SLAMS QATAR STANCE ON IRAN AND HEZBOLLAH.....	166
ANEXO AA - QATAR MUST STOP UNDERMINING GCC INTERESTS.....	168
ANEXO AB - SECRET QATARI-IRANIAN MEETING HELD IN BAGHDAD	171
ANEXO AC - UAE SUPPORTS STATEMENTS OF KINGDOM OF BAHRAIN AND KINGDOM OF SAUDI ARABIA ON QATAR	173
ANEXO AD – DISCURSO DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS NA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS.....	175
ANEXO AE - TRADE MAP - LIST OF IMPORTING MARKETS FOR A PRODUCT EXPORTED BY QATAR.....	181

INTRODUÇÃO

Em 5 de junho de 2017, a região do Golfo¹ foi abalada por uma nova crise. Arábia Saudita, Barein, Emirados Árabes Unidos (EAU) e Egito declararam a suspensão de relações diplomáticas com o Catar (AL JAZEERA, 2020). No mesmo dia, o quarteto instaurou um bloqueio marítimo, aéreo e terrestre contra o país (AL JAZEERA, 2020). Além disso, Riade, Abu Dhabi e Manama² determinaram que os cataris localizados em seus territórios por motivos de turismo ou residência deveriam se retirar, enquanto seus cidadãos situados no Catar deveriam retornar para seus países de origem. Tudo isso deveria ser feito em um prazo de 14 dias (AL JAZEERA, 2020). Por fim, o governo saudita ordenou que o governo catari retirasse suas tropas da coalizão de países árabes atuantes na guerra do Iêmen³ (AL JAZEERA, 2020). A decisão de suspender relações com o Catar foi replicada pelo Iêmen (pelo governo de Abdu Rabbu Mansour Hadi), pelo Governo do Leste da Líbia, pelas Maldivas, por Comores e pela Maurítânia. Já Jordânia, Chade, Níger e Djibouti decidiram rebaixar suas relações com o país (AL JAZEERA, 2020).

Cerca de duas semanas após a instauração do bloqueio, em 22 de junho de 2017, o quarteto bloqueador apresentou ao Catar, por meio do Kuwait, uma lista de treze demandas que o país deveria atender até 2 de julho para que o impasse entre as nações árabes fosse resolvido (AL JAZEERA, 2017b; BBC, 2017; GULF NEWS, 2017f). Dentre as exigências

¹ O golfo no qual se encontram Irã, Iraque, Arábia Saudita, Barein, Omã, Kuwait, EAU e Catar é referido neste trabalho somente como Golfo, à semelhança do que Cinzia Bianco e Gareth Stansfield (2018, p. 616) fazem em seu artigo. Tal nomenclatura tem como objetivo evitar controvérsias. Isso porque até os anos 1950, a área era referida como Golfo Pérsico. Entretanto, devido ao movimento de nacionalismo árabe, que ganhou força naquela década, o termo passou a ser considerado inapropriado por líderes de países árabes, que compõem a maioria dos Estados da região, sendo o Irã a única exceção por ser persa. Aqueles países começaram, então, a referir-se à região como Golfo Árabe, o que, por sua vez, foi considerado ofensivo pelo Irã (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 616). Assim, para evitar discussões em torno do nome, decidiu-se mencionar a área apenas como Golfo.

² Capitais da Arábia Saudita, dos EAU e do Barein, respectivamente.

³ Desde março de 2015, Arábia Saudita e EAU lideram uma coalizão no Iêmen que inclui Barein, Egito, Marrocos, Jordânia, Sudão, Senegal e Catar (esse até 2017) (SHARP, 2017, p. 1). Essa união de forças foi montada a partir da instauração de uma guerra civil no território iemeni em setembro de 2014, quando forças houthis aliadas ao ex-presidente Ali Abdullah Saleh tomaram a capital Sanaa (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020). Os houthis são um grupo armado xiita zayd proveniente do norte do Iêmen e formado originalmente para combater o que via como esforços para marginalizar a comunidade e as crenças zayd. Entretanto, desde os protestos que ocorreram no país em 2011, no contexto da Primavera Árabe, os objetivos do grupo se transformaram e passaram a abarcar um discurso populista e de oposição ao regime eleito em 2012, liderado por Abdu Rabbu Mansour Hadi (SHARP, 2017, p. 1). Sabe-se que os houthis recebem apoio do Irã, mas não há um consenso entre analistas sobre qual seria o grau desse suporte (SHARP, 2017, p. 1). Em resposta às ações dos houthis contra o governo de Hadi, Arábia Saudita e EAU interviram no país enviando suas forças. Até o momento, o conflito no Iêmen deixou mais de 17.500 pessoas feridas ou mortas e mais de 20 milhões vivendo em situação de insegurança alimentar (HUMAN RIGHTS WATCH, 2020).

apresentadas a Doha, destacam-se a redução de laços diplomáticos com o Irã e o fechamento de missões diplomáticas iranianas alocadas no Catar, bem como a suspensão de relações com e do financiamento a organizações consideradas terroristas pelos bloqueadores (especificamente, a Irmandade Muçulmana⁴, o Estado Islâmico no Iraque e Síria⁵, a Al-Qaeda⁶, o Fateh Al-Sham⁷ e o Hezbollah do Líbano⁸). Além disso, o quarteto bloqueador demandou o fechamento da rede de televisão catari *Al Jazeera* e de emissoras afiliadas. Também foi determinado o pagamento de um valor não especificado como forma de reparação e compensação pela “perda de vida e outras perdas financeiras” geradas pelas políticas do Catar dos anos prévios (AL JAZEERA, 2017b, tradução nossa). Nesse sentido, também se exigiu que Doha alinhasse suas políticas dos campos social, militar, político e econômico com as políticas dos demais países árabes e do Golfo segundo o Acordo de Riade de 2014⁹ (AL JAZEERA, 2017b).

Como justificativa para as ações acima descritas (suspensão de relações, imposição de um bloqueio e de uma lista de demandas), os bloqueadores apresentaram três justificativas. O Catar foi acusado de manter relações muito próximas com o Irã, de financiar grupos

⁴ A Irmandade é uma organização política e religiosa fundada no Egito em 1928 que defendia o retorno para o Alcorão e a Hadith (tradições ou ensinamentos do Profeta Maomé) como orientações para uma sociedade islâmica moderna. O grupo cresceu e possui braços no Egito, no Sudão, na Síria, na Palestina e no Líbano (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020c).

⁵ O ISIS (em inglês, ou Daesh em árabe) é um grupo insurgente transnacional, cujos objetivos são liderar a comunidade islâmica e obter controle sobre território. O ISIS surgiu no Iraque em 2006 sob o nome de Estado Islâmico do Iraque. O grupo reduziu suas atividades e perdeu força durante o período de 2007 a 2011. Em 2012, devido a Guerra Civil da Síria, o grupo aumentou suas atividades em território sírio e no ano seguinte muda de nome para ISIS. A organização operava principalmente no Oeste do Iraque e no Leste da Síria, onde lançou ofensivas contra os governos de ambos os países. Em novembro de 2017 o grupo foi considerado oficialmente derrotado, apesar de ainda ter controle sobre um pequeno território (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2019c).

⁶ A Al-Qaeda é uma organização militante islâmica fundada por Osama bin Laden em 1986. O grupo começou como rede logística de apoio a muçulmanos que lutaram contra a URSS durante a Guerra do Afeganistão. Com a saída dos soviéticos o grupo se dispersou e em 1996 se restabeleceu no Afeganistão sob a tutela do Talibã. Posteriormente, a Al-Qaeda se uniu com outros grupos islâmicos e realizou uma série de ações terroristas, dentre as quais o ataque de 11/09 às Torres Gêmeas nos EUA. A organização se opõe ao que entende como regimes islâmicos corruptos e a presença estrangeira (particularmente americana) em regiões islâmicas (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2019a).

⁷ Previamente conhecido como Frente Nusra, o grupo é um afiliado da Al-Qaeda na Síria que rivaliza com o ISIS (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2019c).

⁸ Hezbollah (árabe para “Partido de Deus”) é um partido político e grupo militante formado inicialmente por clérigos xiitas como uma milícia durante a guerra civil no Líbano após a invasão israelense em 1982. O objetivo do grupo era retirar a presença israelense do território libanês e estabelecer uma república islâmica no país. Em 2009, o grupo atualizou seu manifesto, passando a defender um governo democrático que represente unidade nacional; enquanto manteve-se um discurso de resistência a Israel e suporte ao Irã (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020a).

⁹ A lista completa de demandas pode ser acessada no Anexo A. O Acordo de Riade de 2014 é explicado em maior detalhe seção 2.

terroristas (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 614; KATZMAN, 2020, p. 8) e de intervir em questões domésticas de outros países (AL JAZEERA, 2020).

Frente a essas acusações, as respostas iniciais de representantes cataris consistiram na negação de qualquer apoio ao terrorismo ou intervenção em assuntos de outros países, bem como na caracterização do bloqueio como um ataque à soberania de seu país. No mesmo dia em que a suspensão de relações diplomáticas e o bloqueio foram anunciados, o Ministério das Relações Exteriores do Catar se manifestou sobre o ocorrido, expressando

[...] profundo lamento com a decisão da Arábia Saudita, dos Emirados Árabes Unidos e do Reino do Barein de fecharem suas fronteiras e espaço aéreo, e de cortarem relações diplomáticas com o Catar. Essas medidas são injustificadas e baseadas em alegações sem base e fundamento.

O Catar tem sido sujeitado a uma campanha baseada em alegações que chegaram ao ponto da completa fabricação, o que prova que há intenções premeditadas de prejudicar o Estado. O Catar é um membro ativo do Conselho de Cooperação do Golfo¹⁰ comprometido com seu estatuto, que respeita a soberania de outros países, não interfere em suas questões internas e que cumpre seu papel em combater o terrorismo e o extremismo.

[...] o propósito [do bloqueio e da suspensão de relações diplomáticas] é a imposição de tutela sobre o Estado [do Catar]. Isso é em si uma violação da sua soberania, sendo prontamente rejeitado (CATAR, 2017a, tradução nossa)¹¹.

Mais de um mês depois dessa declaração, em 21 de julho de 2017, o emir¹² do Catar, Sheik¹³ Tamim bin Hamad Al Thani, fez seu primeiro discurso tratando do bloqueio (AL JAZEERA, 2017c). O monarca afirmou que tinha se tornado evidente que a crise em que o Golfo se encontrava – referida como uma “campanha” – fora desenvolvida com “[...] antecedência e que aqueles que a planejaram e implementaram atacaram a soberania do

¹⁰ O Conselho de Cooperação para os Estados Árabes do Golfo, chamado mais comumente de Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), é um bloco de países fundado em 1981, composto por todas as monarquias sunitas da região (Arábia Saudita, Barein, EAU, Kuwait, Omã e Catar). Segundo o Estatuto do CCG, o objetivo do bloco é "efetuar a coordenação, integração e interconexão entre os Estados-membros em todos os campos a fim de atingir unidade entre os países" (COOPERATION COUNCIL FOR THE ARAB STATES OF THE GULF, 1981, *article four*, tradução nossa).

¹¹ No original em inglês: “*The Ministry of Foreign Affairs of the State of Qatar expressed deep regret over the decision of Saudi Arabia, the United Arab Emirates and the Kingdom of Bahrain to close their borders and airspace and cut off diplomatic relations. Such measures are unjustified and are based on baseless and unfounded allegations. Qatar has been exposed to an instigation campaign based on allegations that amounted to absolute fabrications, which proves that there are premeditated intentions to cause damage to the State. Qatar is an active member of the Gulf Cooperation Council (GCC), committed to its Charter, respects the sovereignty of other countries, does not interfere in their internal affairs, and carries out its duties in combating terrorism and extremism. [...] the purpose is clear: the imposition of guardianship over the State. This in itself is a violation of its sovereignty as a state which categorically rejected*” (CATAR, 2017a).

¹² Termo árabe que significa comandante ou príncipe usado comumente em países muçulmanos para se referir a comandantes militares, governadores de uma província ou militar de alta patente (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2016).

¹³ Título de respeito usado particularmente por chefes de ordens religiosas ou de universidades, bem como líderes de tribos, vilas ou de uma área de uma cidade (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020e).

Catar” (CATAR, [2017], tradução nossa)¹⁴. No que diz respeito às acusações dirigidas ao país, Al Thani disse ser de conhecimento geral que “tem havido diferenças com alguns países do CCG sobre a política externa independente do Catar. Nós também não concordamos com a política externa de alguns membros do CCG ... Todavia, nós não tentamos impor nossa opinião a ninguém” (CATAR, [2017], tradução nossa)¹⁵. Ademais, o país “está combatendo o terrorismo incansavelmente e sem concessões, e há reconhecimento da comunidade internacional do papel do Catar nessa questão” (CATAR, [2017], tradução nossa)¹⁶.

Ao fim de seu discurso, o emir agradeceu os esforços de mediação dos Estados Unidos da América (EUA) e do emir do Kuwait, bem como as “posições construtivas da Alemanha, da França, da Grã-Bretanha, da Europa em geral e da Rússia” frente à crise (CATAR, [2017], tradução nossa)¹⁷. Por último, Al Thani afirmou:

Qualquer solução para a crise deve ser baseada em dois princípios: em primeiro lugar, a solução deve estar dentro da estrutura de respeito à soberania e à disposição de cada Estado. Em segundo lugar, [a solução] não deve ser na forma de ordens dirigidas de uma parte contra outra, mas na forma de empreendimentos mútuos e comprometimentos conjuntos e vinculantes para todos (CATAR, [2017], tradução nossa)¹⁸.

Para além desses posicionamentos, o Catar não atendeu a nenhuma das demandas apresentadas pelos bloqueadores. Essa resposta frente à crise, assim como a medida inédita de imposição de um bloqueio ao Catar, fez da crise de 2017 um momento marcante para a política regional do Golfo. Segundo Kristian Coates Ulrichsen (2020, p. 1-2), os eventos de junho de 2017 e seus desenvolvimentos configuraram a ruptura mais séria da região desde a invasão do Kuwait pelo Iraque em agosto de 1990.

Tal ruptura, entretanto começou a dar sinais antes mesmo do quarteto bloqueador anunciar suas medidas contra o Catar. A crise no Golfo começou quando a rede de notícias

¹⁴ No original em inglês: “*It has become evident to those near and far that this campaign and the steps that followed it had been planned well in advance, and that its plotters and implementers carried out an attack on the sovereignty of the state of Qatar*” (CATAR, [2017]).

¹⁵ No original em inglês: “[...] *there have been differences with some GCC countries over Qatar’s independent foreign policy. We too do not agree with the foreign policy of some member states of the GCC...However, we do not try to impose our opinion on anyone*” (CATAR, [2017]).

¹⁶ No original em inglês: “*Qatar is fighting terrorism, relentlessly and without compromises, and there is international recognition of Qatar’s role in this regard*” (CATAR, [2017]).

¹⁷ No original em inglês: “*The constructive positions of Germany, France, Britain, Europe in general and Russia*” (CATAR, [2017]).

¹⁸ No original em inglês: “*Any solution to the crisis must be based on two principles: first, the solution should be within the framework of respect for the sovereignty and will of each State. Secondly, it should not be in a form of orders by one party against another, but rather as mutual undertakings and joint commitments binding to all*” (CATAR, [2017]).

estatal catari *Qatar News Agency* (QNA) reportou em maio de 2017 um suposto discurso do emir catari apresentado em uma cerimônia de graduação militar. Na ocasião, o governante teria emitido uma série de falas problemáticas que mencionavam, dentre vários assuntos, tensões entre o Catar e os EUA, questionando a duração do governo de Donald Trump. Além disso, Al-Thani teria afirmado que o Hamas seria o representante legítimo do povo palestino e reforçado o apoio catari à Irmandade Muçulmana. Por fim, o emir teria destacado as boas relações do país com Israel e criticado inimizades com o Irã (ASSOCIATED PRESS, 2017; MACLEAN, 2017; ROBERTS, 2017a).

No dia seguinte à publicação da notícia, o Catar, por meio do seu Escritório de Comunicações, negou as afirmações atribuídas ao emir, argumentando que al-Thani não se pronunciara na cerimônia e que a QNA fora hackeada¹⁹ (CATAR, 2017b). Apesar dessa declaração, a notícia da QNA deu início a uma ofensiva midiática da parte de jornais da Arábia Saudita e dos EAU, que produziram várias matérias criticando as políticas de Doha. O maior foco estava nas acusações de apoio a grupos terroristas e de suporte ao Irã e às milícias apoiadas por esse último. Algumas publicações chegaram a questionar a legitimidade do emir catari enquanto governante (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 614-615).

Uma amostra desse ataque midiático pôde ser observada nas matérias publicadas por jornais de língua inglesa sediados na Arábia Saudita e nos EAU durante os cinco dias que se seguiram ao incidente. O *Al Arabiya* publicou oito artigos sobre o discurso, enquanto o *Saudi Gazette* postou três; já o *Gulf News* publicou sete textos e o *The National*, um editorial (WHITAKER, 2017). Pouco tempo depois (cerca de duas semanas depois de a QNA ter sido hackeada), Arábia Saudita, Barein, EAU e Egito declararam a retirada de seus embaixadores de Doha e a imposição de um bloqueio ao país, dando início a uma crise que perdurou mais de três anos, sendo finalizada somente em janeiro de 2021.

Um aspecto que chamou atenção nesse episódio da história do Golfo é que, apesar de ele ter se desenvolvido publicamente, a mobilização da comunidade internacional foi muito baixa. Apesar da severidade das acusações dirigidas a Doha, poucos países se uniram às quatro nações árabes bloqueadoras. Mais do que isso, nenhuma potência apoiou o bloqueio. A resposta internacional ao bloqueio contra o Catar e às acusações lançadas ao país foi a inação, uma mistura de distanciamento e indiferença. Tal reação foi o problema sobre o qual essa pesquisa se debruçou. Mais detidamente, buscou-se entender por que os países bloqueadores,

¹⁹ Duas semanas após o incidente, uma investigação do Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos da América (FBI) apontou que hackers russos teriam fabricado a notícia depois de terem sido contratados pelos EAU (FILKINS, 2018; WINTOUR, 2017).

liderados por Arábia Saudita e EAU, não foram capazes de mobilizar potências internacionais a apoiarem o bloqueio e as medidas tomadas contra o Estado catari. Assim, a pergunta que esta pesquisa procurou responder foi: que elementos do discurso da Arábia Saudita e dos EAU ajudam a entender por que nenhuma potência mundial tomou parte no bloqueio que os países impuseram ao Catar em 2017 e que vigorou até 2021?

O principal objetivo com tal pergunta foi compreender por que Arábia Saudita e EAU não conseguiram que o bloqueio tivesse apoio internacional. Especificamente, buscou-se identificar quais elementos dos discursos produzidos por e a partir de Riade e Abu Dhabi sobre o Catar explicam por que esses países não conseguiram incentivar outros a se unirem ao bloqueio. Para atender a esse propósito, os objetivos específicos da pesquisa foram, primeiramente, compreender como os países que lideraram o bloqueio (Arábia Saudita e EAU) caracterizaram o Catar para justificar suas ações contra o mesmo e motivar outros países a reproduzirem-nas. Em seguida, buscou-se entender por que esse discurso não persuadiu nenhuma potência. Ou seja, tratou-se aqui de analisar a (falta de) ressonância do discurso saudita e emiradense perante uma audiência internacional.

Para avançar nesses objetivos, este estudo partiu de duas premissas. Em primeiro lugar, o bloqueio foi entendido como um meio de forçar o Catar a rever suas orientações de política externa. Em segundo lugar, entendeu-se que Arábia Saudita e EAU lideraram a crise de 2017, uma vez que foram os países que mais emitiram discursos sobre o país e o bloqueio a ele imposto. Tais premissas foram devidamente embasadas no primeiro capítulo desta pesquisa.

Para responder à pergunta que orienta a pesquisa e atender aos objetivos propostos, foi utilizado o conceito de *framing*²⁰ como instrumento teórico. O uso de um conceito importado da Psicologia para as Relações Internacionais (RI) em um estudo focado em dinâmicas do Oriente Médio tem como objetivo aproximar teoria e estudos de área. Isso porque existe um distanciamento entre, de um lado, estudos teóricos de RI que se pretendem universais, mas são “situados” em experiências ocidentais e; de outro lado, estudos de área que, em geral, carecem de aporte teórico mais robusto (DERICHS, 2015). Diante dessa lacuna, esta pesquisa procura ser uma adição ao corpo de pesquisas que contribuem para a

²⁰ Em português, a palavra *framing* pode ser traduzida pelo termo enquadramento. Entretanto, decidiu-se utilizar o conceito em inglês ao longo do trabalho por dois motivos. Primeiro, porque o termo foi inicialmente desenvolvido na língua inglesa, e segundo, porque a língua franca da academia internacional é o inglês. Assim, ao usar a palavra *framing* ao invés de enquadramento, este trabalho procura dialogar com as demais pesquisas que usam o conceito, entendendo que isso não prejudica a compreensão de um leitor de língua portuguesa.

aproximação entre trabalhos teóricos e estudos sobre Oriente Médio (cf HALLIDAY, 2005, TETI 2007, VALBJORN, 2003, POMEPS, 2015). A ferramenta teórica selecionada para tal exercício de aplicação de um conceito mais abrangente em uma realidade localizada é o *framing*.

Acerca da escolha de instrumental teórico, é importante ressaltar que a baixa mobilização internacional em torno do bloqueio ao Catar poderia ser analisada por diversas lentes teóricas e conceituais. Diante dessa multiplicidade, o conceito de *framing* foi selecionado devido ao foco desta pesquisa na dimensão discursiva do bloqueio, aliada ao nível de detalhamento que o conceito permite para a análise proposta.

A noção de *framing* teve sua origem no conceito de *frame* (em português, moldura ou quadro), que foi proposto originalmente na década de 1950 por Gregory Bateson, em suas pesquisas sobre comunicação dentro do campo da Psicologia. Entretanto, o conceito ganhou maior projeção ao ser desenvolvido pelo sociólogo Erving Goffman (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 188-189).

Segundo Goffman (1974, p. 21, tradução nossa), *frame* consistiria em um “esquema interpretativo” que permitiria que indivíduos localizassem, percebessem, identificassem e rotulassem eventos. Em outros termos, *frames* seriam recursos que as pessoas desenvolveriam para atribuir significados a fenômenos e, assim, conseguir organizar suas experiências e orientar suas ações (BENFORD; SNOW, 2000, p. 614). A construção desses arranjos seria o resultado da necessidade humana de não aceitar o inexplicável e buscar uma explicação para todos os fenômenos que presenciamos (GOFFMAN, 1974, p. 29-30).

Goffman argumentava que haveria dois tipos de *frame*: o natural e o social (GOFFMAN, 1974, p. 22). O primeiro consistiria em esquemas que lidam com ocorrências puramente físicas, determinadas por fatores naturais nas quais nenhum ator interfere. Versões mais elaboradas desses *frames* são construídas pelas ciências biológicas e exatas. Seria o caso, por exemplo, de um relatório sobre o tempo de uma região. O segundo tipo de esquema, por sua vez, abordaria fenômenos que incorporam a agência humana, por sua vez influenciada pelos padrões sociais nos quais aquele que age está inserido e pelas possíveis consequências de seu ato. Além disso, a ação humana, ao contrário de eventos físicos ou naturais, envolveria intenção e motivação. *Frames* mais sofisticados dessa natureza seriam elaborados pelas ciências humanas.

A partir do trabalho de Goffman, o estudo sobre *frame* foi se desenvolvendo e dele surge a noção de *framing*, muito explorada nas ciências sociais (particularmente na Sociologia, na Ciência Política, na Comunicação e na Psicologia) para estudar movimentos

sociais e ação coletiva (BENFORD; SNOW, 2000, p. 612; MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 187). O desenvolvimento desse conceito enquanto instrumento para analisar as dinâmicas de movimentos de grupos parte do entendimento de que ideias não nascem automaticamente. Ao contrário, seriam o resultado do trabalho de agentes que produzem e mantêm significados sobre fatos tendo em mente os membros de seu movimento, seus antagonistas e observadores. A essa ação de atribuir sentido a uma realidade e em seguida tentar convencer uma audiência dessa leitura foi dado o nome de *framing* (BENFORD; SNOW, 2000, p. 613-614, 1988, p. 198).

O *framing* seria, portanto, um processo dinâmico que corresponde à ação de um ator de construir uma certa interpretação da realidade, denominada *frame* de ação coletiva (BENFORD; SNOW, 2000, p. 614). Esse atribui significado para fatos assim como faria no caso de um *frame* individual, mas dá um passo além ao buscar mobilizar uma coletividade para agir (BENFORD; SNOW, 1988, p. 198). Assim, um *frame* de ação coletiva seria um conjunto de ideias que tem como função inspirar e legitimar as atividades de um grupo, obter suporte de observadores e desmobilizar antagonistas (BENFORD; SNOW, 2000, p. 614). Diante disso, conclui-se que *framing* seria um processo de convencimento com o qual um determinado ator leva uma determinada audiência a interpretar eventos de uma certa maneira e, em seguida, atuar segundo seus objetivos (PINTO, 2014, p. 164).

Para que esse processo possa ser operacionalizado, David Snow e Robert Benford (1988, p. 199-204) identificaram três tarefas centrais do *frame* de ação coletiva: o diagnóstico, o prognóstico e o *framing* motivacional. O diagnóstico consistiria na identificação de um problema e na construção de um consenso sobre quais seriam as causas ou os agentes responsáveis por ele. Em outros termos, apontar as fontes ou culpados por uma dada situação que o ator que realiza o *framing* entende ser problemática. A partir disso, seria construído um prognóstico, o que significa articular uma proposta de solução e de estratégias de ação para lidar com o problema identificado. A terceira etapa seria a construção do *framing* motivacional, que fornece razões para que uma audiência se engaje na ação coletiva proposta (BENFORD; SNOW, 2000, p. 616-617; 1988, p. 199, 201-204). Em outras palavras, o discurso empregado para incentivar um grupo de atores a tomar uma atitude – especificamente, as ações propostas pelo prognóstico. Tal discurso deve empregar um vocabulário que motive a audiência a agir (BENFORD; SNOW, 2000, p. 617).

Uma vez que as tarefas centrais foram executadas e o *frame* de ação coletiva construído, sua capacidade de mobilizar uma audiência dependerá da sua ressonância – em outros termos, de quão convincente sua interpretação da realidade foi para a audiência

objetivada. Segundo Hank Johnston e John A. Noakes (2005, p. 11, 15), isso dependeria de fatores como compatibilidade cultural (sua sincronia com o conteúdo cultural do grupo alvo), consistência (coerência entre as ideologias, falas e ações dos articuladores) e relevância (capacidade de relacionar-se com a vivência da audiência). Benford e Snow (2000, p. 619) entenderam ressonância de maneira semelhante a esses autores, mas de forma mais detalhada, a definindo como uma função de dois fatores: credibilidade e saliência do *framing*. Esses se desdobram em outros seis elementos.

A credibilidade do *framing* dependeria de três aspectos: sua consistência, sua credibilidade empírica e a credibilidade de seus articuladores. Consistência se refere à congruência entre as crenças, afirmações e ações dos agentes engajados no *framing*. Isso significa que, se há contradições entre as convicções e as falas dos atores que executaram o *framing* ou se o discurso que eles emitiram (*frame* de ação coletiva) não está alinhado com suas ações (ou seja, falam uma coisa, mas fazem outra), a consistência do *framing* é prejudicada (BENFORD; SNOW, 2000, p. 619-620). Credibilidade empírica, por sua vez, diz respeito à correspondência entre um *frame* e os eventos no mundo. Credibilidade está ligada à possibilidade de verificar empiricamente as afirmações do diagnóstico e do prognóstico (BENFORD; SNOW, 2000, p. 620, 1988, p. 208). Nesse sentido, é importante ter em mente que credibilidade não significa necessariamente quão factual ou válido é o *frame*, mas sim quão crível ou convincente é a leitura da realidade que ele propôs para uma audiência específica. Por fim, a credibilidade dos articuladores diz respeito à credibilidade dos atores que veiculam o *frame*, a qual depende do *status* e/ou da expertise dos mesmos (BENFORD; SNOW, 2000, p. 620-621). De maneira sucinta, credibilidade significa que a mensagem veiculada deve ter argumentos lógicos e estar alinhada com o que o grupo alvo interpreta como problemas (PINTO, 2014, p. 166).

O segundo fator do *framing*, a saliência, seria uma função de outros três aspectos: centralidade, comensurabilidade experiencial e fidelidade narrativa. A centralidade se refere a quão importantes as crenças, valores e ideias apresentadas pelo discurso são para a audiência (BENFORD; SNOW, 2000, p. 621). Em outros termos, qual a posição dos valores apresentados pelo *frame* na hierarquia de valores da audiência (BENFORD; SNOW, 1988, p. 206). Já a comensurabilidade experiencial se refere ao grau em que o *frame* consegue se relacionar com as experiências pessoais dos atores alvo desse discurso (BENFORD; SNOW, 2000, p. 621). De maneira mais simples, em que medida os articuladores conseguem sugerir soluções que tenham relação com a vivência e a realidade da audiência? (BENFORD; SNOW, 1988, p. 209). Por fim, fidelidade narrativa concerne à ressonância cultural do *frame*, ou seja,

sua capacidade de se aproximar dos mitos, suposições e ideologias que fazem parte da cultura da audiência (BENFORD; SNOW, 2000, p. 622, 1988, p. 209). Em resumo, o discurso mobilizador deve trazer questões consideradas relevantes (centrais) para sua audiência, conectando-se com sua visão de mundo e com sua cultura (PINTO, 2014, p. 166). Um resumo da abordagem de *framing* é exposto no Quadro 1.

Quadro 1: *Framing*

Participantes	Dimensões do <i>framing</i>	Critérios de <i>framing</i>	
Articulador	Tarefas centrais	Diagnóstico Prognóstico <i>Framing</i> motivacional	
Relação entre o articulador e a audiência-alvo:	Ressonância	Credibilidade	Consistência do <i>frame</i> Credibilidade empírica Credibilidade dos articuladores do <i>frame</i>
		Saliência	Centralidade Comensurabilidade experiencial Fidelidade narrativa

Fonte: Pinto (2012, p. 12).

A abordagem de *framing* foi particularmente proveitosa para esta pesquisa, pois ela pode ser aplicada em qualquer situação que envolva uma tentativa de convencer uma audiência a aderir a uma certa ideia (PINTO, 2014, p. 164). Essa aplicação correspondia ao problema de pesquisa analisado, na medida em que Arábia Saudita e EAU instauraram um bloqueio ao Catar, mas não conseguiram convencer nenhuma potência mundial a fazer o mesmo. Assim, os regimes de Riade e de Abu Dhabi articularam um processo de *framing* contra Doha. No entanto, o *frame* coletivo proposto fracassou, na medida em que pouquíssimos países, dos quais nenhuma potência, se uniu ao bloqueio. Tal hipótese foi explorada ao longo deste estudo que buscou identificar qual o discurso bloqueador (seu *frame*

de ação coletiva) para, em seguida, analisar quais critérios de credibilidade e saliência ele falhou em atender.

Um estudo dessa natureza se enquadra entre duas vertentes de análise de *framing* identificadas por Ricardo F. Mendonça e Paula G. Simões (2012, p. 193-195): a de análise de conteúdo discursivo e a de análise dos efeitos de *framing*. A primeira procura compreender como a realidade foi apresentada por um *frame*, ou seja, qual leitura proposta de um dado evento. Já a segunda foca sua atenção na compreensão de como um discurso pode ser construído estrategicamente para produzir certos resultados.

Para aplicar o *framing* como instrumento teórico, foram reunidos dois tipos de fontes: discursos de jornais e governamentais. A seleção de matérias de jornais como fontes baseou-se em dois motivos. O primeiro deles concerne à atuação da mídia no período compreendido entre a publicação da notícia falsa da QNA e a decisão dos quatro países bloqueadores de suspenderem suas relações com o país. Após a publicação do discurso de Al-Thani pela QNA, a mídia regional do Golfo, particularmente a saudita e a emiradense, publicou diversas matérias que tomavam a fala do governante como verdadeira e a usavam como ponto de partida para criticar o Catar (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 614; ULRICHSEN, 2017a, p. 6).

Esse fato ganhou ainda mais relevância ao se levar em consideração o contexto de controle sob o qual o jornalismo saudita e o emiradense atuavam (e ainda atuam). Tanto a Arábia Saudita quanto os EAU são países em que a liberdade de imprensa é muito limitada. No caso saudita, as leis que regulam o trabalho da mídia são restritivas e, embora elas sejam vagas, sua infração acarreta penalidades duras. Exemplo disso é o fato de que autoridades estatais têm o direito de nomear e demitir membros do corpo editorial de um veículo de informação (COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS, 2012). Essa regra se aplica tanto às mídias tradicionais quanto às digitais, cuja autorização para produzir conteúdo depende, desde 2011, da aprovação do Ministério da Cultura e Informação (COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS, 2012, 2019). Algo semelhante ocorre nos EAU, onde vigora uma das leis para imprensa mais restritivas do mundo árabe. Essa legislação regula todos os aspectos da mídia, proibindo críticas ao governo. Como resultado, ambos os países receberam a nota 0 (de no máximo 4) no quesito de existência de imprensa livre e independente da *Freedom House* ([2019]a; [2019]b).

Dentro desses contextos de controle sobre a produção jornalística, é difícil esperar que veículos de informação nacionais produzam conteúdo que critique ou discorde da postura do regime vigente. Consequentemente, seria difícil sustentar que um conteúdo crítico a Doha,

como o que foi publicado, conseguiu ser produzido nos territórios saudita e emiradense sem algum nível de aval governamental (ULRICHSEN, 2017a, p. 7). Assim, ainda que as publicações analisadas não sejam porta-vozes de seus respectivos governos, pôde-se entender que seus conteúdos estavam alinhados com as posturas estatais.

À luz dessa realidade, aliada à observação de uma quantidade significativa de publicações sobre o Catar a partir da notícia falsa da QNA, entendeu-se que o conteúdo dessas matérias ofereceu suporte e justificativa para a imposição do bloqueio. Nesse sentido, as publicações em inglês foram particularmente valiosas para esta pesquisa, pois eram textos produzidos para uma audiência internacional que não foram censurados pelos regimes saudita e emiradense. Diante dessa constatação, esta pesquisa entendeu que a publicação do suposto discurso de Al-Thani deu ensejo a um processo de *framing*, em que uma certa imagem do Catar (um *frame* de ação coletiva) foi construída. Esse processo começou com matérias jornalísticas – logo, desenvolveu-se de maneira pública e não foi minimamente interrompido pelos governos saudita e emiradense – e culminou na decisão de quatro governos árabes, liderados por Arábia Saudita e EAU, de bloquearem o Catar. Esse entendimento justificou o marco temporal empregado para a coleta de matérias de jornais sauditas e emiradenses: 23 de maio (publicação da QNA) a 5 de junho (anúncio do bloqueio).

Coletadas as notícias, o segundo tipo de fonte recolhida foram discursos feitos em nome dos governos saudita e emiradense. Mais especificamente, as falas que anunciaram e justificaram a suspensão de relações e o bloqueio contra o Catar perante uma audiência internacional. Nesse sentido, é relevante destacar que todos os textos coletados foram redigidos em inglês. Essa seleção de língua é resultado do próprio problema de pesquisa. Afinal, busca-se entender por que Arábia Saudita e EAU não conseguiram mobilizar uma audiência internacional em seu bloqueio. Para isso, é preciso analisar os discursos voltados para essa audiência escritos em inglês.

A partir da coleta de discursos e matérias, esses documentos foram submetidos à codificação. Codificação consiste em uma técnica exploratória por meio da qual se atribui códigos a um conjunto de dados verbais e/ou visuais (SALDAÑA, 2013, p. 3, 8). Um código por sua vez, é “[...] uma palavra ou frase curta que confere um atributo somativo, saliente, de captura de essência e/ou evocativo para uma porção de informação visual ou verbal”

(SALDAÑA, 2013, p. 3, tradução nossa)²¹. Em outros termos, código é um rótulo construído por um pesquisador e conferido a um conjunto de dados – que pode variar de uma única palavra a uma página inteira – a fim de lhe atribuir-significado. Assim, um código não deve simplesmente reduzir os dados coletados, mas ele pode resumir, destilar ou condensar as informações com as quais se trabalha. Diante desse entendimento, codificação significa decodificar uma passagem de dados para decifrar seu significado central e, em seguida, rotulá-la com o código apropriado (SALDAÑA, 2013, p. 4-5).

De posse desse método, as falas e matérias obtidas foram analisadas e rotuladas em códigos para atender ao objetivo de descrever seu conteúdo. Com isso, foi possível compreender qual o *frame* de ação coletiva construído sobre Doha por parte de Riade e Abu Dhabi. Feito isso, partiu-se para a segunda parte da análise, em que os elementos dos discursos recolhidos foram confrontados com dados concretos sobre o Catar, a Arábia Saudita, os EAU e a audiência internacional para que fosse possível avaliar se o discurso bloqueador atendeu aos critérios de credibilidade e saliência do *framing*. Ao final desses dois passos, foi possível identificar os elementos do discurso bloqueador que ajudam a compreender por que o bloqueio ao país catari não recebeu suporte internacional e, assim, responder à pergunta de pesquisa.

Estabelecidos o problema de pesquisa, o instrumental teórico e o método empregados, a análise proposta por este estudo foi dividida em três partes. O primeiro capítulo retomou o desdobramento de eventos que levou o Golfo à crise com o Catar, partindo da década de 1990 e da inauguração de uma nova política externa catari. Esse passo permitiu a compreensão do contexto em que o boqueio foi instaurado. Feito isso, o segundo capítulo foi direcionado à aplicação da primeira parte do *framing* (suas tarefas centrais) para, com isso, entender como o Catar foi caracterizado pela Arábia Saudita e pelos EAU. Em outros termos, buscou-se identificar qual o *frame* de ação coletiva construído acerca do Catar. Por fim, o terceiro capítulo aplicou a segunda parte do *framing* para, assim, avaliar a ressonância do discurso de jornais e governos sauditas e emiradenses perante uma audiência internacional. Em outras palavras, buscou-se analisar o *frame* de ação coletiva construído sobre o Catar segundo os critérios de credibilidade e saliência. A partir disso, foi possível responder à pergunta desta pesquisa e compreender por que nenhuma potência se uniu ao bloqueio e por que o *framing* contra o Catar não foi bem-sucedido em angariar apoio internacional.

²¹ No original em inglês: “A code in qualitative inquiry is most often a word or short phrase that symbolically assigns a summative, salient, essence-capturing, and/or evocative attribute for a portion of language-based or visual data” (SALDDAÑA, 2013, p. 3).

1 UMA RUPTURA NO GOLFO: OS ANTECEDENTES DO BLOQUEIO AO CATAR

1.1 O INICÍO DE UMA POLÍTICA EXTERNA CATARI INDEPENDENTE

Para entender por que nenhuma potência se uniu ao bloqueio contra o Catar, é importante entender como o Golfo chegou a essa situação de crise em primeiro lugar. Assim, este capítulo discute os desenvolvimentos que levaram as monarquias do Golfo à crise de 2017. Para isso, é preciso retomar a origem da atual política externa do Catar que foi gradativamente gerando tensões entre seus vizinhos até chegar em um ponto de limite que culminou com o bloqueio ao país.

Tal política externa teve seu início oficial em 1995, data que marca o começo de uma mudança nas relações exteriores do Catar. Nesse ano, o Sheik Hamad bin Khalifa Al Thani assumiu o trono por meio de um golpe de Estado que retirou seu pai, Sheik Khalifa bin Hamad Al Thani, do poder. A ascensão de Sheik Hamad formalizou o começo de uma nova política externa encabeçada pelo recém-empossado emir e pelo então ministro das relações exteriores, Sheik Hamad bin Jassim Al Thani (ULRICHSEN, 2020, p. 28). Essa nova postura não foi simplesmente o resultado de uma troca repentina de liderança, mas também algo construído gradualmente, como resposta a dois desenvolvimentos regionais prévios ao golpe que colocaram em xeque a segurança do Catar frente a países territorialmente maiores (ULRICHSEN, 2020, p. 30), particularmente a Arábia Saudita (ABU SULAIB, 2017, p. 35).

O primeiro desses eventos foi a invasão do Kuwait pelo Iraque em 1990, que foi sucedida, pouco depois, pela formação de uma coalizão de trinta e quatro países liderados pelos Estados Unidos, que expulsou a ocupação iraquiana em alguns meses (ULRICHSEN, 2020, p. 29). Esse episódio deixou duas lições para Doha. De um lado, demonstrou a vulnerabilidade de Estados territorialmente pequenos frente a vizinhos maiores (ULRICHSEN, 2012b, p. 8). No caso catari, isso se traduzia em um possível risco de ataque proveniente de um de seus dois grandes vizinhos: Arábia Saudita ou Irã. De outro lado, a rápida resposta internacional à invasão mostrou a importância para países pequenos de construir relações de segurança com países terceiros que fossem baseadas em um interesse comum na estabilidade da região onde o Estado menor se encontrava (ULRICHSEN, 2020, p. 29).

Algum tempo após esse episódio, o Catar enfrentou uma série de confrontos entre sauditas e cataris na fronteira entre os países. Um deles ocorreu em 1992 e resultou na morte

de dois militares catariis, enquanto outros cinco incidentes aconteceram em 1994 (ABU SULAIB, 2017, p. 35; ULRICHSEN, 2020, p. 29). Esses embates foram significativos porque, além de ocorrerem após a invasão iraquiana ao território kuwaiti, tinham como pano de fundo o passado expansionista da Arábia Saudita. Isso por que do século XIX até o XX, o reino saudita tentou várias vezes ampliar seu território em direção ao Catar²² (ULRICHSEN, 2020, p. 19-24). Agravava ainda mais esse cenário, o fato de que historicamente a Arábia Saudita se vê como um líder regional. Tal papel é fruto de sua superioridade territorial, populacional, econômica e militar em relação às demais monarquias do Golfo aliada à sua posição de guardião de dois locais sagrados para o Islã: Meca e Medina (EGEL *et al.*, 2016, p. 10; JAHNER, 2012, p. 40, 46). Dentro desse contexto é importante notar que, além de se posicionar como um líder no Golfo, Riade também se opôs a empreendimentos que visassem ampliar a cooperação entre os Estados menores da região²³ (ULRICHSEN, 2020, p. 26-27).

Como resultado desses dois eventos no início da década de 1990 combinados com a dimensão territorial do Catar e sua proximidade geográfica a dois grandes países, dos quais um possuía um passado expansionista e aspirações de liderança, o emir catari, juntamente com seu ministro de relações exteriores, desenvolveu uma nova política externa. Essa foi orientada em torno de dois objetivos principais: a independência do Catar dos poderes regionais e a ampliação da sua presença internacional (ABU SULAIB, 2017, p. 36, 38; KHATIB, 2013, p. 418). Para atingir esses objetivos, o regime catari investiu em recursos culturais, expandiu suas relações exteriores e fortaleceu sua atuação em crises humanitárias e situações de conflito, alterando sua postura de neutralidade após a Primavera Árabe

²² Alguns exemplos disso são: nos anos de 1835 e 1851, o emir Faisal bin Turki Al Saud, que governava parte da região que compreende o atual território saudita, reivindicou a península do Catar para si. Tal reivindicação foi feita novamente em 1902 por seu neto Abdulaziz bin Abdulrahman Al Saud, fundador da Arábia Saudita, durante o processo de expansão do território que culminou na criação de seu Estado moderno (ULRICHSEN, 2020, p. 19-20). Anos depois, em 1934, o vice-ministro das relações exteriores saudita afirmou que todas as tribos vivendo na região costeira do Catar, de Omã e de Hadramaute (Iêmen) faziam parte do reino da Arábia Saudita (ULRICHSEN, 2020, p. 19-20). Em 1948, empregados da empresa catari de extração de petróleo *Petroleum Development* tiveram que retirar linhas de acesso e trilhos instalados pela Aramco (empresa petrolífera saudita) que desrespeitavam a fronteira entre os países e entravam em solo catari (ULRICHSEN, 2020, p. 23).

²³ Em 1989, Riade se retirou de uma proposta do Catar, apresentada ao CCG, de construir uma rede de gás natural que exportasse esse produto para Arábia Saudita, Barein, EAU e Kuwait. Além de não apoiar o projeto, o governo saudita conseguiu bloquear a participação do Kuwait e tentou, sem sucesso, fazer o mesmo com os EAU, argumentando em ambos os casos que a rede passaria por território saudita, o que exigiria seu consentimento. Esse comportamento se repetiu em 2005, quando o ministro do interior da Arábia Saudita enviou notas de protesto aos governos do Catar e dos EAU contra a construção de uma ponte que ligaria os países. Como fundamento, o governo saudita alegou que a ponte passaria sobre uma área de fronteira marítima disputada por Riade e Abu Dhabi (ULRICHSEN, 2020, p. 26).

A operacionalização dessa política externa teve seu custo e dificilmente poderia ser levada adiante por um país com menos recursos. Apesar de seu pequeno tamanho (11.610 km²) e de sua população de apenas cerca de 2,7 milhões de pessoas, das quais 75% são imigrantes (THE WORLD BANK, [2015?], [2019?], [2018?]), Doha é privilegiada do ponto de vista econômico. Isso se deve em parte ao fato de que o país tem à sua disposição a terceira maior reserva de gás natural do mundo, o que o coloca como o maior exportador mundial do produto (ABU SULAIB, 2017, p. 30; KINNINMONT, 2019, p. 22).

Para além do comércio exterior, o setor financeiro internacional do Catar também é bem robusto. O desenvolvimento desse campo da economia catari foi possível em parte graças ao fato de que entre 2002 e 2008 o preço do barril de petróleo cresceu exponencialmente (ULRICHSEN, 2012b, p. 3). Tal crescimento resultou na expansão da riqueza dos membros do Conselho, o que, no caso do Catar, significou um aumento de 595% do seu PIB nesse período (SZALAI, 2019, p. 163). Essa fase de crescimento coincidiu com a crise financeira mundial de 2008, que fez com que economias desenvolvidas, particularmente as da UE, estivessem mais dispostas a receber capital do Golfo (KAMRAVA, 2013, p. 99). Como resultado dessa combinação de fatores o Catar se viu diante de um contexto favorável para investir. Assim, em 2015, o país atingiu a marca de 24,8 bilhões de euros em investimentos estrangeiros diretos na UE (EUROPEAN COMMISSION, 2017), valor que o colocou como o segundo país do CCG com mais investimentos no bloco europeu (atrás somente dos EAU) (SZALAI, 2019, p. 165-166).

As duas instituições catari que coordenam a maioria dos investimentos do governo catari no exterior são a *Qatar Investment Authority* (QIA) e a *Qatar Sports Investment* (QSI) (ROBERTS, 2013, p. 1). A primeira foi fundada em 2005, sendo chefiada pelo então ministro de relações exteriores e primeiro-ministro Sheik Hamad bin Jassim, substituído em 2013 por Sheik Abdulla bin Mohammed bin Saud al-Thani, um membro da família real catari (SZALAI, 2019, p. 169). A QIA possui ações em empresas como LVMH (conglomerado de luxo francês), Printemps (loja de departamento francesa), Tiffany (joalheria de luxo estadunidense), Porsche e Volkswagen (fabricantes de automóveis alemães), Harrods (loja de departamento inglesa), Glencore (companhia de comércio de *commodities* e de mineração inglesa-suíça) e na Bolsa de Valores de Londres, além de investir em empreendimentos como a Vila Olímpica de Londres e o *Canary Wharf* (distrito empresarial de Londres) (FORSYTH, 2014; LOPEZ, 2013; ROBERTS, 2013, p. 2; SZALAI, 2019, p. 170-171; ULRICHSEN, 2012b, p. 3). Para mais, a instituição também realizou investimentos nos setores bancário e

energético da Grécia durante a crise financeira do país e investiu em dois estaleiros localizados na Polônia que estavam em crise (SZALAI, 2019, p. 170–171).

A QSI, por sua vez, também foi fundada em 2005, sendo supervisionada pelo filho do emir catari (que se tornaria rei em 2013). Como o nome da instituição revela, a QSI centra seus investimentos no setor esportivo. Duas aplicações de peso realizadas pela organização foram o acordo de patrocínio com o time espanhol *Futbol Club Barcelona* e a aquisição de 70% do time francês *Paris Saint-Germain Football Club* (SINNOTT, 2011; FC BARCELONA, 2011 *apud* SZALAI, 2019, p. 171).

A partir do comércio de gás natural e da estratégia financeira do governo catari, Doha conseguiu reunir o capital necessário para custear uma nova postura internacional. A soma de *commodities* que o Catar já possuía com os investimentos em economias desenvolvidas que o país passou a realizar permitiu que o regime catari colocasse em prática uma política externa ambiciosa. Essa ampliou sua presença internacional, mas também gerou atritos com seus vizinhos do Golfo pelos quais o Catar teria de responder futuramente.

1.2 BRAÇO CULTURAL DA POLÍTICA CATARI

Uma dimensão muito importante da política externa inaugurada a partir da troca de liderança de 1995 foi a frente cultural. Mais especificamente, o governo catari investiu fortemente nas áreas de aviação, arte, educação e esporte. No que diz respeito ao setor de aviação, foi criada, em 1997, a *Qatar Airways*. A empresa aérea estatal cresceu consideravelmente ao longo dos anos e, como resultado, em 2020, possuía 248 aeronaves e realizava voos para mais de 170 destinos em todos os continentes. Tais números colocam-na como a companhia de aviação com a maior capacidade mundial em número de voos (QATAR AIRWAYS, 2020, p. 1-5).

No campo da arte e educação, um grande investimento feito pelo governo catari foi a criação da *Qatar Foundation*. Essa foi fundada pelo emir Sheikh Hamad Bin Khalifa Al Thani e sua esposa Sheikha Moza bint Nasser no mesmo ano em que o então rei assumiu o trono, 1995. A *Qatar Foundation* foi estabelecida como uma organização sem fins lucrativos composta por entidades (atualmente mais de 50) que trabalham nos setores de “educação, pesquisa e desenvolvimento comunitário” (QATAR FOUNDATION, 2021). Dentre as ações promovidas pela fundação, destaca-se a criação da “Cidade da Educação”. Essa consiste em um campus que abriga filiais de universidades estrangeiras como *Georgetown*, *Northwestern*, *Texas A&M*, *University College London*, *Carnegie Mellon*, *Weill Cornell Medicine*, *Virginia*

Commonwealth, Northwestern e Hautes Études Commerciales Paris (AFP, 2011; SVRLUGA, 2017).

Outra grande iniciativa da *Qatar Foundation* foi a formação da Orquestra Filarmônica do Catar em 2007. Desde sua fundação, a orquestra realiza turnês mundiais regularmente, com programas de temas árabes e ocidentais (WAKIN, 2009). Além disso, a fundação foi responsável pela construção do Museu de Arte Árabe Moderna (também chamado de *Mathaf*) inaugurado em 2010 em parceria com outra fundação cultural do governo catari, o *Qatar Museums* (AFP, 2011). Essa última organização foi fundada em 2005 e é chefiada por Sheikha Al Mayassa bint Hamad bin Khalifa Al Thani, filha do então emir catari e irmã do atual emir (QATAR MUSEUMS, 2021). O *Qatar Museums* consiste em um grupo de centros culturais e museus, dos quais o Museu de Arte Islâmica é um dos principais, tendo sido inaugurado em 2008 com uma coleção de artefatos islâmicos produzidos entre os séculos VII e XIX (AFP, 2011; QATAR MUSEUMS).

Para além da arte, outro campo cultural que recebeu grandes investimentos do governo catari foi o setor de esportes. A partir do início dos anos 2000, o Catar recebeu diversas competições internacionais de grande porte, como os Jogos da Ásia Ocidental de 2005, os Jogos Asiáticos de 2006, os Jogos Árabes de 2011, o Campeonato Masculino de Handball de 2015 e o Campeonato Mundial de Atletismo de 2019. Mais recentemente o país ganhou o direito de ser anfitrião da Copa do Mundo de 2022 (BRANNAGAN; ROOKWOOD, 2016, p. 2; WOERTZ, 2012, p. 4). Em paralelo, Doha sedia anualmente fases dos Campeonatos Mundiais de Tênis feminino e masculino e o *Moto Grand Prix* (BRANNAGAN; ROOKWOOD, 2016, p. 2).

Essas políticas culturais diversas atendiam ao objetivo comum de desenvolver uma imagem positiva do Catar perante uma audiência internacional. No caso de organizações nacionais como a *Qatar Airways*, sua criação contribui fortemente para incentivar o turismo no país (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2018, p. 1146). Além disso, o sucesso de uma empresa nacional atrai atenção e admiração internacionais, o que, por sua vez, incentiva outros países a verem no Catar um modelo a ser seguido, bem como o potencial de liderança e até mesmo de assistência que o país possui (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2018, p. 1147). Já os investimentos em arte e esporte apresentavam para uma audiência internacional aquilo que Doha tem a oferecer a visitantes, o que, por sua vez, pode contribuir para o turismo (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2018, p. 1147).

Para além do turismo, eventos esportivos de grande porte possuem uma vantagem a mais: são fonte de comunicação estratégica. Tal termo, cunhado por Joseph Nye (2011) e

aplicado por Brannagan e Giulianotti (2018, p. 1146) em sua análise da política externa catari, refere-se à capacidade de certos recursos de veicularem mensagens de promoção de reputação que atingem uma grande audiência e perduram por um longo período. Assim, ao ser anfitrião de competições internacionais, Doha conseguia transmitir uma imagem positiva de si para outros países, bem como aumentar sua presença internacional (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2018, p. 1143).

Outra fonte de comunicação estratégica é a mídia de um país (NYE, 2011, p. 18). Ao falar em mídia catari, é difícil ignorar a atuação do jornal e rede de televisão *Al Jazeera*. A emissora não é uma entidade do governo ou uma agência de notícias estatal. Todavia, sua relação com o governo é alvo de várias discussões. Mais do que isso, o papel da *Al Jazeera* para a política externa catari – assim como para gerar conflitos com países vizinhos – é evidente. A emissora foi fundada em 1996 pelo então emir Sheik Hamad com um orçamento de U\$ 137 milhões (GULF STATES NEWSLETTER, 1999, p. 3). Seu quadro de funcionários era composto por profissionais oriundos de um canal de televisão árabe baseado em Londres e pertencente à *British Broadcasting Corporation* (BBC). Esse fora fechado devido a intervenções de investidores sauditas, que ocorreram após o canal cobrir o funeral de uma senhora da família real da Arábia Saudita bem como disponibilizar tempo de transmissão para um dissidente do país (ULRICHSEN, 2020, p. 34).

Da sua data de fundação até a atualidade, a *Al Jazeera* conseguiu se firmar como um dos principais veículos de informação do mundo árabe, transmitindo notícias 24 horas por dia para mais de 100 países. A empresa alcançou esse status graças a sua capacidade de dialogar com seus telespectadores e de abordar assuntos polêmicos (como democracia, direitos humanos, corrupção e fundamentalismo islâmico), bem como pela postura crítica que possuía com relação a diversos líderes árabes (GULF STATES NEWSLETTER, 1999, p. 3; KHATIB, 2013, p. 425–426; ROBERTS, 2017a; STEINBERG, 2012, p. 2–3). Para mais, a rede de notícias também chegou a entrevistar dissidentes do governo saudita (ROBERTS, 2017a), e tudo isso em um panorama saturado por meios de comunicação que serviam de propaganda para governantes árabes (KHATIB, 2013, p. 425-426; ROBERTS, 2017a; STEINBERG, 2012, p. 2-3).

Note-se, entretanto, que o tom crítico da *Al Jazeera* não se aplicava ao regime no Catar e que seu trabalho seguia a agenda de política externa do país (ROBERTS, 2017a; STEINBERG, 2012, p. 2-3; WOERTZ, 2012, p. 4). Nesse sentido, a emissora teve um papel muito importante de apresentar a liderança empossada em 1995 como algo fundamentalmente diferente no Oriente Médio (ULRICHSEN, 2020, p. 34). Ademais, a despeito da rede de

televisão insistir na sua independência editorial²⁴ – mesmo com subsídios na forma de empréstimos do governo catari – sua importância para a política externa de Doha é inegável (ABU SULAIB, 2017, p. 31).

Apesar do papel positivo da *Al Jazeera* para o regime em Doha, não é uma surpresa que a sua linha editorial tenha se tornado uma fonte de tensão entre países árabes e o Catar tanto por conta de seu conteúdo quanto pela associação feita entre a emissora e o governo catari. Essa ligação se devia à percepção de que parte do financiamento da emissora vinha da família real, o que levava à conclusão de que sua cobertura carregava um selo de aprovação do governo (ULRICHSEN, 2020, p. 35). Contribuía para o descrédito do discurso de independência editorial da *Al Jazeera* o fato de que, desde sua fundação em 1996, seu Conselho Administrativo tem sido presidido por um membro da família real catari: Sheik Hamad bin Thamer Al Thani (ALJAZEERA MEDIA NETWORK, [201-?]).

Essa hesitação acerca da independência da *Al Jazeera* não se limitava aos países árabes. Um exemplo disso foi a fala de Joseph LeBaron, antigo embaixador estadunidense para o Catar, em um documento de 2009 da embaixada americana que foi vazado. O diplomata afirmava que “apesar dos protestos do governo do Catar do contrário, a *Al Jazeera* continua sendo um dos seus instrumentos políticos e diplomáticos mais valiosos”²⁵ (BOOTH, 2010, tradução nossa). Como exemplos da instrumentalização da emissora, o documento cita alegações de que o primeiro-ministro catari teria oferecido ao presidente egípcio Hosni Mubarak a suspensão da transmissão da *Al Jazeera* no Egito por um ano em troca de uma mudança no posicionamento egípcio na questão Palestina. Ainda, o documento sugeria que as relações Catar-Arábia Saudita teriam melhorado após a emissora ter reduzido seu tom crítico a membros da família real saudita (BOOTH, 2010).

Como resultado das matérias produzidas pela *Al Jazeera* e do seu possível vínculo com o governo catari, o Catar foi cultivando embates com seus vizinhos. Em 1999, o governo da Arábia Saudita pressionou a empresa saudita *Al Tuhama Advertising Company* a retirar suas propagandas do canal, apesar de a companhia já ter adquirido os direitos de veicular anúncios na emissora catari (BAHRY, 2001). Mais tarde, em 2002, Riade retirou seu embaixador do Catar em resposta a um debate transmitido pela *Al Jazeera*, durante o qual uma iniciativa de paz apresentada pelo rei saudita na Liga Árabe foi discutida e alguns

²⁴ Na página da *Al Jazeera English* pode ser encontrada uma declaração sobre a independência da emissora (ALJAZEERA MEDIA NETWORK, [201-?]).

²⁵ No original em inglês: “Despite GOQ (Government of Qatar) protestations to the contrary, *Al Jazeera* remains one of Qatar’s most valuable political and diplomatic tools” (BOOTH, 2010).

membros da família real saudita criticados. Somente cinco anos após esse incidente a Arabia Saudita voltou a enviar um embaixador a Doha (ULRICHSEN, 2020, p. 35).

Da parte dos EAU, documentos vazados pelo *Wikileaks* informaram que, em 2003, o vice príncipe herdeiro de Abu Dhabi solicitou ao chefe do Comando Central dos EUA que a organização bombardeasse o escritório da *Al Jazeera* no Afeganistão durante a guerra nesse país. Para mais, ao se tornar príncipe de Abu Dhabi em 2004, o mesmo governante teria pedido que autoridades americanas pressionassem o governo catari a controlar o canal (ULRICHSEN, 2020, p. 36).

1.3 BRAÇO POLÍTICO DA ESTRATÉGIA CATARI

No âmbito de política externa que concerne mais diretamente as relações do Catar com outros países, a monarquia catari concentrou ainda mais pontos de tensão com seus vizinhos. Pouco depois do emir Hamad assumir o trono, o Catar adotou uma política de “portas-abertas” no que dizia respeito às suas relações exteriores com atores políticos diversos (KHATIB, 2013, p. 420). Como resultado, Doha investiu em relações com atores diversos e até mesmo antagonicos. Em 1996, pouco depois do emir Hamad bin Khalifa Al Thani assumir o trono, o governo catari permitiu que Israel abrisse uma missão comercial em Doha – a única no Golfo até então. Tal relacionamento culminou na visita, anos depois, do o ministro de relações exteriores israelense à capital catari. A missão funcionou até 2008, quando o Catar decidiu fechá-la em virtude dos ataques israelenses em Gaza (WOERTZ, 2012, p. 4-5). Com o fechamento do escritório, o regime catari intensificou suas relações com um ator político antagonico ao Estado israelense: o Hamas²⁶, de maneira que em 2012 o Catar sediou uma reunião entre o representante da Autoridade Palestina²⁷, Mahmoud Abbas, e o líder do Hamas, Khalid Mishaal (WOERTZ, 2012, p. 5).

Outro ator com o qual o Catar intensificou seu relacionamento foram os EUA. Em 1995, os países assinaram um acordo de defesa (STEINBERG, 2012, p. 2). No ano seguinte o Campo Al Saliyah começou a ser construído, sendo finalizado em 2000, quando o local

²⁶ Hamas (acrônimo para Movimento Islâmico de Resistência) é um movimento militante nacionalista islâmico palestino que atua na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. O grupo foi fundado em 1987 e tem como objetivo o estabelecimento de um Estado islâmico independente na Palestina (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2019b).

²⁷ A Autoridade Palestina é o governo das regiões palestinas autônomas da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Esse governo foi estabelecido em 1994 como parte dos Acordos de Oslo, que consistem em um tratado de paz entre Israel e a Organização de Liberação Palestina, organismo político que afirma representar os palestinos (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020d).

passou a ser usado para o posicionamento de equipamentos militares estadunidenses, tornando-se a maior instalação americana do tipo fora dos EUA (ROBERTS, 2012, p. 235; ULRICHSEN, 2020, p. 38). Alguns anos depois, em 2003, a relação entre os países no campo da segurança foi reforçada graças ao estabelecimento de tropas americanas na base aérea catari de Al Udeid (STEINBERG, 2012, p. 2). Todavia, o mesmo passo que aproximou Doha e Washington, gerou atrito nas relações entre a primeira e Riade, na medida em que os militares que se dirigiram para o Catar estavam anteriormente estacionadas na Arábia Saudita na base *Prince Sultan*. A mudança de um local para outro foi o resultado de tensões entre autoridades militares estadunidenses e o governo saudita (ULRICHSEN, 2020, p. 36).

Outro país relevante para a política regional do Golfo com quem o Catar ampliou relações foi o Irã. Em poucas palavras, o que a monarquia catari procurou fazer foi construir um relacionamento mais cordial com a república iraniana (DOBBINS *et al.*, 2011, p. 31, 38, 41; KHATIB, 2013, p. 419). O histórico de relações não conflituosas entre esses dois países remonta ao início dos anos 1990, quando havia conversas entre Teerã e Doha para que água fosse transportada do território iraniano para o catari (ROBERTS, 2012, p. 235). Posteriormente, em 2008, Doha mediou o conflito no Líbano juntamente com Teerã (DOBBINS *et al.*, 2011, p. 37-38). No mesmo ano, o Catar convidou o então presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, para uma reunião do CCG²⁸ (EGEL *et al.*, 2016, p. 18). Já em 2010, as nações assinaram um acordo de defesa para combater o terrorismo e impulsionar a segurança marítima (TEHRAN TIMES, 2010). Em 2015, o Catar (juntamente com Omã) declarou suas intenções de explorar uma relação mais aberta com o regime iraniano nos setores econômico, de energia e de segurança, em virtude de o Irã ter assinado o Plano de Ação Conjunta Global²⁹ (CAFIERO; WAGNER, 2015).

A construção de uma relação não-antagônica com a república persa foi motivada em parte pelo fato de que Catar e Irã dividem o maior campo de gás natural do mundo – chamado *North Field* pelo primeiro e *South Pars* pelo último (DOBBINS *et al.*, 2011, p. 37-38; KHATIB, 2013, p. 418; STEINBERG, 2012, p. 2). Assim, é importante que o país evite uma relação de atrito com um vizinho que poderia usar desse elemento em comum para impactar negativamente a economia catari. Entretanto, para além do aspecto econômico, uma certa proximidade com Teerã também contribui para a independência de Doha com relação a

²⁸ Ação essa que fez com que a Arábia Saudita reduzisse seu nível de representação na reunião como forma de protesto (EGEL *et al.*, 2016, p. 18).

²⁹ O *Joint Comprehensive Plan of Action* (em inglês) é um acordo internacional firmado entre o Irã, o P5+1 (China, EUA, França, Reino Unido, Rússia mais a Alemanha) e a União Europeia (UE), segundo o qual Teerã se compromete a usar sua capacidade nuclear para fins pacíficos.

Riade. Isso porque o Irã e a Arábia Saudita, historicamente, competem pela hegemonia regional (DOBBINS *et al.*, 2011, p. 41; JAHNER, 2012, p. 40, 46). Assim, ao manter relações com um rival saudita, o Catar consegue contrapor as ambições de liderança da Arábia Saudita (DOBBINS *et al.*, 2011, p. 31) e evita estar totalmente inserido na zona de influência de um dos dois países (AL RANTISI, 2014 *apud* ABU SULAIB, 2017, p. 30).

Não é difícil concluir que a relação do Catar com o Irã é uma fonte de tensão no relacionamento do primeiro com a Arábia Saudita. Mas essa proximidade também incomodou outros Estados do Golfo, região na qual há uma percepção generalizada – ainda que em graus distintos – de que o Irã é uma ameaça. Isso ocorre porque, desde que o Estado iraniano se tornou uma república teocrática em decorrência da Revolução Iraniana de 1979, sua forma de governo passou a representar uma alternativa política socialmente conservadora às monarquias presentes no Golfo. Assim, o Irã é percebido como capaz de inspirar revoltas populares contra governos autoritários. Contribui para esse receio o potencial do Irã, país majoritariamente xiita, de mobilizar minorias xiitas excluídas dentro dos demais países do Golfo, cujos nacionais são majoritariamente sunitas (DOBBINS *et al.*, 2011, p. 30-31, 40). Tal receio é tão forte que é um dos motivos pelos quais o CCG foi formado. O bloco de monarquias do Golfo foi resultado de uma série de ameaças regionais comuns para seus membros, sendo a importação da Revolução de 1979 uma delas (COLOMBO, 2012, p. 11; EGEL *et al.*, 2016, p. 6-7).

Outro campo de atuação política no qual o governo catari investiu esforços foi o envio de ajuda humanitária para outros países. Em 2005, o país doou US\$ 100 milhões para Nova Orleans, a fim de auxiliar na reconstrução da região após o furacão Katrina (NOSSITER, 2008). No ano seguinte, o Catar se comprometeu a reconstruir mesquitas e infraestrutura do Líbano afetadas pelos ataques de Israel (KHATIB, 2013, p. 425). Compromisso semelhante foi feito na região de Gaza na Palestina quando, em 2012, o emir catari se tornou o primeiro líder árabe a visitar a região controlada pelo Hamas e, nessa ocasião, abordou planos de investimento na área e renovou esperanças de reconciliação entre a organização islâmica e a Autoridade Palestina (KHATIB, 2013, p. 425). No mesmo ano, o Crescente Vermelho Catari³⁰ ofereceu suporte a refugiados e coordenou intervenções

³⁰ O Crescente Vermelho do Catar é uma das sociedades nacionais da Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, uma agência humanitária que possui afiliados nacionais em quase todos os países do mundo. Esse movimento começou em 1863 com a fundação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha para ajudar vítimas em períodos de guerra. Posteriormente, sociedades nacionais da Cruz Vermelha foram criadas para atuar em situações de sofrimento humano. O nome Cruz Vermelha é utilizado

humanitárias no norte do Mali, até então recusadas por islamistas presentes na região em razão de sua oposição à Cruz Vermelha Internacional (AL ARAB, 2012 *apud* KHATIB, 2013, p. 426). Mais recentemente, em 2015, a mesma organização do Catar atuou no Nepal, enviando pessoal para ajudar as vítimas do terremoto Kathmadu (KOVESY, 2015).

As políticas de ampliação de relações com distintos atores e de ajuda humanitária abriram caminho para que o Catar desenvolvesse um terceiro aspecto de sua política externa: a mediação de conflitos. Ao se relacionar com atores políticos concorrentes como Israel e Hamas, Estados Unidos e Irã; bem como oferecer suporte em crises humanitárias, o Catar conseguiu se apresentar como um bom candidato para o papel de mediador em contextos de hostilidade. Como resultado, o regime catari atuou em diversas disputas regionais da década de 2000. Doha mediou tanto conflitos interestatais, como aqueles entre Etiópia e Eritreia, Israel e Palestina, quanto situações de instabilidade doméstica, tais como aquelas ocorridas no Saara Ocidental, Indonésia, Somália, Sudão, Líbano, Iêmen e Afeganistão (HOUNSHELL, 2012; STEINBERG, 2012, p. 1-3; WOERTZ, 2012, p. 5). Além disso, em 2013, o Talibã³¹ estabeleceu um escritório em território catari para travar diálogos com os EUA, com o Afeganistão e com outros países (BBC, 2013; WOERTZ, 2012, p. 5).

Ao atuar como mediador, estabelecendo relações com atores diversos e até mesmo antagônicos, o Catar buscou aumentar sua presença internacional e, com isso, se afastar do risco de anonimato e da consequente vulnerabilidade que afeta Estados pequenos. Além disso, a atuação do Catar no sentido de solucionar conflitos ajudou a evitar que esses chegassem às suas fronteiras (ABU SULAIB, 2017, p. 31; KHATIB, 2013, p. 418-420). No mais, a mediação também foi um meio do país ampliar sua influência regional e construir uma imagem positiva de si para a comunidade internacional, de maneira a favorecer o seu relacionamento com países ocidentais (ABU SULAIB, 2017, p. 31; KHATIB, 2013, p. 418-420).

Entretanto, em seus esforços de mediação, o Catar acabou por interferir em regiões que certos países consideravam como suas zonas de influência. Foi o caso da atuação catari

em países majoritariamente cristãos e o nome Crescente Vermelho, em países majoritariamente muçulmanos (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2017).

³¹ O Talibã é um grupo religioso e político ultraconservador que surgiu no Afeganistão em 1994, após a retirada de tropas soviéticas do país. A organização chegou a ter controle sobre quase todo o território afegão dos anos 1990 até 2001, quando foram retirados do poder por tropas americanas e aliadas. Atualmente, o Talibã concordou em abrir um diálogo com o governo central do Afeganistão (percebido como ilegítimo), estabelecido com a atuação dos EUA (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020f).

no Iêmen, cuja situação política é alvo da atenção saudita³², e no Sudão, onde a intervenção do Catar foi malvista pelo Egito³³ (ULRICHSEN, 2020, p. 48). Contribuiu para a exacerbação das tensões entre o Catar e a Arábia Saudita, o fato de que, tradicionalmente, o papel de mediador no Oriente Médio era exercido pela monarquia saudita. Entretanto, Riade teve esse *status* prejudicado devido à sua perceptível falta de neutralidade em certos conflitos – particularmente no Líbano³⁴. Nesse contexto, Doha buscou, então, apresentar-se como uma alternativa à Arábia Saudita (KHATIB, 2013, p. 419).

Entretanto, alguns anos após o início desse papel neutro e conciliatório do Catar, seu regime mudou de postura e passou a adotar posições mais parciais em situações de crise. O evento regional que marcou essa mudança de política foi a Primavera Árabe³⁵. Os protestos em vários países árabes marcaram a substituição da política catari de não tomar partido em conflitos pela adoção de uma linha de apoio aos movimentos contra governos autoritários. Essa postura foi justificada com base em uma narrativa de que problemas árabes deveriam receber soluções árabes (ULRICHSEN, 2014, p. 8). Essa nova postura, porém, fez com que os atritos que o regime catari havia formado com outras monarquias da região, principalmente a Arábia Saudita, e em menor escala os EAU, aumentassem.

Apoiar a Primavera Árabe em países que presenciaram protestos populares significou dar suporte a certos grupos islâmicos por meio de financiamento e cobertura midiática favorável. Foi o caso da Irmandade Muçulmana no Egito, do *Ennahda* na Tunísia e de certas milícias na Líbia e na Síria (ROBERTS, 2017a; STEINBERG, 2012, p. 1; STEPHENS, 2017,

³² O Iêmen é percebido pela Arábia Saudita como um país que exige sua atenção e cuidado. Tal percepção é resultado da fronteira compartilhada pelos países e do fato de que o Iêmen é um dos países mais pobres e populosos do Golfo. O resultado dessa combinação é um fluxo de imigrantes, traficantes e islamistas militantes da república iemenita em direção à monarquia saudita (SALISBURY, 2015, p. 3). Além disso, existe uma preocupação do regime saudita de que o Estado iemenita se torne estável e forte o suficiente a ponto de representar uma ameaça à segurança doméstica da Arábia Saudita. Assim, Riade, historicamente, apresenta uma política de contenção e manutenção em relação ao Iêmen que se traduz no apoio ao regime que estiver no poder para prevenir o colapso do Estado, mas garantindo algum nível de disfuncionalidade (SALISBURY, 2015, p. 3).

³³ Segundo informações diplomáticas dos EUA, vazadas e publicadas pelo *Wikileaks*, um diplomata egípcio teria afirmado em 2010 que o Egito estaria irritado com a mediação catari em Darfur no Sudão, pois esse país faz parte do “quintal do Egito” (SUDAN TRIBUNE, 2011 *apud* BARAKAT, 2014, p. 11).

³⁴ A liderança saudita mantinha uma relação política próxima com o bloco político 14 de Março no Líbano, liderado pelo libanês-saudita Saad Hariri, primeiro-ministro de 2009 a 2011 e de 2016 a 2020 (KHATIB, 2013, p. 419).

³⁵ O termo é usado para se referir à onda de protestos que começaram no fim de 2010 na Tunísia e que se espalharam para Egito, Líbia, Síria, Iêmen e Barein. Esses movimentos, a despeito de suas diferenças, tinham como pontos em comum o fato de buscarem sistemas políticos mais inclusivos, baseados no Estado de direito e em uma governança mais responsável. A Primavera Árabe de cada país tem várias causas, mas os protestos foram motivados, em grande medida, por uma combinação de insatisfação política, social e econômica devido à pouca liberdade política, de imprensa e de expressão, aliada à corrupção, ao nepotismo e à má gestão dos governos, somados ao desemprego e à falta de oportunidades (COLOMBO, 2012, p. 2).

p. 13). Esses grupos foram percebidos pelo regime do Catar como uma força crescente no Oriente Médio, de maneira que apoiá-los era um meio de Doha ampliar sua influência regional (DICKINSON, 2014; ROBERTS, 2017b, p. 56; STEINBERG, 2017, p. 67). Além desses atores, o governo do Catar interveio direta e indiretamente nas situações síria e líbia, apoiando outros grupos políticos que promoviam mudanças políticas. O país também mobilizou suporte econômico para os governos que foram eleitos após os protestos, o que abrangeu os casos tunisiano e egípcio (ABU SULAIB, 2017, p. 39; ULRICHSEN, 2014, p. 8).

Todavia, a postura do Catar divergiu da adotada pelos demais países do Golfo. Esses viram nos movimentos de oposição a governos autoritários uma ameaça a seus próprios regimes (ULRICHSEN, 2014, p. 8). Essa ameaça se tornou muito real para as monarquias que futuramente decidiriam impor um bloqueio ao Catar. Na Arábia Saudita, houve manifestações e uma petição popular, assinada por milhares de cidadãos, pedindo mais direitos (COLOMBO, 2012, p. 5-6; KINNINMONT, 2015, p. 44-45). Já no Barein, manifestantes se dirigiram às ruas demandando uma monarquia constitucional (COLOMBO, 2012, p. 5-6; KINNINMONT, 2015, p. 44-45). Nos EAU, por sua vez, um grupo de 132 nacionais assinou uma petição solicitando que todos os cidadãos emiradenses tivessem o direito de votar e que o Conselho Nacional Federal tivesse poderes legislativos (ULRICHSEN, 2012a). No contexto catari, os cidadãos não chegaram a apresentar demandas formais ou informais a seus governantes, o que reduziu possíveis receios da liderança catari de que a Primavera Árabe chegasse às suas fronteiras (ULRICHSEN, 2014, p. 8).

O resultado dessas divergências na interpretação dos protestos da Primavera Árabe por cada país pôde ser percebido nos posicionamentos que os regimes catari, saudita e emiradense apresentaram diante dos protestos no Egito, na Líbia e na Síria. No contexto egípcio, o Catar apoiou o governo de Mohammed Morsi (membro da Irmandade Muçulmana e eleito presidente em 2012) com ajuda financeira e empréstimos de mais de 7 bilhões de dólares, além de envio de carregamentos de gás natural (ULRICHSEN, 2020, p. 52). Já a Arábia Saudita e os EAU colaboraram financeiramente com o governo militar que depôs Morsi em 2013, contribuindo com valores de 5 bilhões e 3 bilhões de dólares, respectivamente (ULRICHSEN, 2020, p. 52-53).

Na Líbia, por sua vez, tanto Doha quanto Abu Dhabi forneceram assistência a rebeldes. Porém, os países apoiaram grupos distintos, que eram rivais entre si. De sua parte, o Estado catari forneceu armas, dinheiro (mais de 400 milhões de dólares), treinamento e suprimentos, bem como ajuda na exportação de petróleo líbio (EGEL *et al.*, 2016, p. 17;

ULRICHSEN, 2014, p. 11). Ademais, o Catar foi o único país árabe a apoiar a campanha da Organização do Tratado do Atlântico Norte contra o ditador líbio Muammar Gaddafi ao enviar seus militares para auxiliar na operação (WOERTZ, 2012, p. 5). Para mais, o primeiro-ministro catari tomou a liderança no processo de formação de uma coalizão de países que apoiasse a resolução do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) para o estabelecimento de uma região *no fly zone* em território líbio (ULRICHSEN, 2014, p. 10). Na Síria, à semelhança do caso líbio, os governos catari e saudita financiaram milícias concorrentes (DICKINSON, 2014; ULRICHSEN, 2014, p. 14). De um lado, o Catar enviou, entre 2012 e 2013, 85 aviões carregados com 3.500 toneladas de equipamento militar para rebeldes sírios. De outro, a Arábia Saudita foi responsável pelo envio de 37 aeronaves para outros grupos rebeldes (PEÇANHA, 2013).

É importante ressaltar que, apesar de a Primavera Árabe no Norte da África e na Síria ter sido bem recebida pelo regime catari, quando eventos semelhantes ocorreram mais perto de suas fronteiras, a resposta de Doha foi diferente (ULRICHSEN, 2020, p. 44). O Catar se uniu à coalizão do CCG denominada *Peninsula Shield Force*, que, liderada pela Arábia Saudita, foi enviada ao Barein para conter os protestos no país (ULRICHSEN, 2020, p. 44). Pouco depois, em 2012, o governo catari se uniu novamente ao Conselho em uma ação coletiva do bloco no Iêmen, que objetivava negociar uma transição de poder do então presidente Ali Abdullah Saleh para seu vice Abd Rabbu Mansur Hadi (ULRICHSEN, 2020, p. 44).

1.4 EFEITOS DA POLÍTICA EXTERNA CATARI E AGRAVAMENTO DE TENSÕES ATÉ 2017

A estratégia política catari diante da Primavera Árabe aumentou a projeção do país, mas também o fez colidir com seus vizinhos. A partir desse momento marcante para a história regional do Oriente Médio, a política externa catari, antes interpretada pela Arábia Saudita e pelos EAU como uma busca por maior autonomia, passou a ser entendida como um desafio ao *status quo* regional. O entendimento desses países era, portanto, que essa postura do Catar deveria ser contida e, se possível, revertida (ULRICHSEN, 2020, p. 41).

A oportunidade para isso surgiu em junho de 2013, quando houve uma troca de poder no Catar e o emir Sheik Hamad abdicou em favor de seu filho Sheik Tamim bin Hamad Al Thani. Esse processo foi acompanhado pela saída de Sheik Hamad bin Jassim Al Thani dos seus cargos de primeiro-ministro, ministro de relações exteriores e chefe executivo da

QIA. Com os dois arquitetos da política externa catari afastados do governo, surgiu a chance de pressionar o novo líder de Doha enquanto ele consolidava e estabelecia seu poder (ULRICHSEN, 2020, p. 54-55).

Em março de 2014, Arábia Saudita, Barein e EAU decidiram retirar seus embaixadores do Catar. Na ocasião, as monarquias acusaram o governo catari de não se comprometer com os princípios do CCG, interferir na política doméstica de seus vizinhos, dar suporte a organizações prejudiciais à segurança dos mesmos e apoiar mídias hostis (KIRKPATRICK, 2014). Após oito meses de impasse, as relações entre os Estados foram normalizadas. Porém, para isso acontecer, Doha expulsou do país sete líderes da Irmandade Muçulmana e fechou uma estação da *Al Jazeera* no Egito que cobria eventos a partir de uma perspectiva pró-Irmandade. Além disso, o recém-emir catari assinou o Acordo de Riade de 2014 (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 620-621; EGEL *et al.*, 2016, p. 17; KINNINMONT, 2015, p. 61).

Esse documento, assinado no âmbito do CCG, tinha como objetivo reforçar os pontos acordados entre seus membros no Acordo de Riade de 2013. Esse último, por sua vez, demandava que o Catar alinhasse suas prioridades e perspectivas com a dos demais países do CCG a nível de políticas do bloco e regionais. Além disso, incluía medidas de monitoramento e implementação de política externa, que se referiam explicitamente à Síria, ao Iêmen e “a outros países disputados”. Ademais, é interessante notar que a *Al Jazeera* foi citada no acordo como instrumento de política externa do Catar (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 620).

Como resultado do incidente de 2014, Sheik Tamim manteve a política externa que seu pai havia construído, porém, com uma abordagem mais discreta (ULRICHSEN, 2014, p. 23). Todavia, as tensões com os países vizinhos não desapareceram e, cerca de três anos depois, voltaram à tona com a publicação da QNA. A notícia falsa deu início ao processo que esta pesquisa analisa e que culminou na decisão de impor um bloqueio ao Catar. O bloqueio ao Catar, assim, como a crise anterior, buscou pressionar Doha a rever e reorientar sua política externa. A crise de 2017, no entanto, apresentou alguns elementos inéditos que a tornam mais séria. O primeiro deles é a decisão de impor um bloqueio a um vizinho, medida sem precedente na história das relações entre as monarquias do bloco (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 615). Ademais, o emprego hostil das mídias contra Doha e o caráter público da disputa em um contexto de países que, tradicionalmente, lidam com as desavenças entre si de maneira mais reservada contribuem para o ineditismo do bloqueio de 2017 (BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 615; ULRICHSEN, 2017b, p. 7). Além disso, o uso da

mídia e a exposição pública da crise com o Catar também permitem a conclusão de que havia uma intenção dos bloqueadores de envolver outros países no impasse.

O motivo pelo qual os atritos entre Arábia Saudita, EAU e Catar ressurgiram em 2017 está muito atrelado à mudança de gestão no governo estadunidense em 2016. A administração de Trump eleita um ano antes do bloqueio havia sinalizado uma política regional para o Golfo que estava mais próxima das políticas de Riade e de Abu Dhabi. Para mais, muitos dos conselheiros mais próximos de Trump não possuíam muita experiência prévia com a política do Oriente Médio, o que abriu uma oportunidade para as lideranças sauditas e emiradenses de influenciarem a visão de tais pessoas acerca das questões envolvendo a região. Como resultado, o então presidente americano abordou as relações de seu país com o Golfo posicionando a Arábia Saudita e os EAU como pilares na região. A proximidade do genro de Trump com o príncipe-herdeiro saudita e com o embaixador emriadense para os EAU podem ser vistos como sinais dessa abordagem (ULRICHSEN, 2017b, p. 7).

Tal proximidade e alinhamento de políticas teriam sido expressos de maneira mais concreta na Conferência Árabe Islâmica-Americana³⁶ que ocorreu em maio de 2017 e reuniu o presidente americano com líderes de países árabes em solo saudita. O objetivo da Conferência era “renovar nosso compromisso mútuo com segurança global e fortalecer laços econômicos, culturais e políticos já existentes”³⁷ (ARAB, 2017, tradução nossa). Após a realização do encontro, percebeu-se um aumento considerável na assertividade política a nível regional e doméstico dos países bloqueadores (ULRICHSEN, 2017b, p. 7), o que pode ajudar a entender a data da nova crise no Golfo. Afinal, somente dois dias depois do fim da Conferência, a QNA foi hackeada e o discurso do emir Al-Thani publicado, resultando em um bloqueio ao Catar em cerca de duas semanas.

Estabelecido como a política externa adotada pelo regime do Catar a partir da década de 1990 contribuiu para a crise de 2017, é possível caminhar para os dois próximos objetivos deste trabalho. O próximo capítulo busca entender qual a imagem construída sobre o Catar a fim de justificar o bloqueio. Em seguida, o capítulo final procurar entender por que o discurso

³⁶ A Conferência ocorreu entre 20 e 21 de maio de 2017 e consistiu na realização de três encontros. O primeiro encontro foi entre a Arábia Saudita e os EUA, seguido da reunião entre membros do CCG com os EUA e, por fim, houve a conferência entre Washington e representantes dos demais países árabes. O lema da Conferência era “juntos prevalecemos” (ARAB, 2017).

³⁷ No original em inglês: “...will renew our mutual commitment to global security and further strengthened already deep business, cultural and political ties” (ARAB, 2017).

que sustenta essa imagem não foi capaz de mobilizar outros países a se unirem aos bloqueadores.

2 A CAMPANHA CONTRA O CATAR

2.1 COMO FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR O *FRAME* SOBRE O CATAR

A publicação do suposto discurso do rei catari pela QNA em maio de 2017 foi o estopim para o início do processo de construção de uma certa imagem do Catar que, em junho do mesmo ano, culminaria na decisão de Arábia Saudita, Barein, Egito e EAU de suspenderem relações com o país e lhe imporem um bloqueio. Essa imagem construída por matérias de jornais e discursos governamentais consiste no *frame* de ação coletiva acerca do Catar, que este capítulo procura compreender. Antes de explorar tal *frame*, que abrange diagnóstico, prognóstico e *framing* motivacional, no entanto, é importante descrever brevemente os métodos de recolha de fontes e de análise aplicados.

Como a lista de jornais sauditas e emiradenses que publicam em inglês é extensa e há uma desproporção entre o número de veículos de imprensa desse tipo na Arábia Saudita e nos EAU, decidiu-se selecionar, para cada país, dois jornais com grande audiência internacional. Para mensurar essas audiências, foi usado o número de seguidores desses jornais em suas redes sociais (Twitter, Facebook e Instagram), uma vez que não é possível saber o número de acessos que seus sites recebem. Como resultado desses critérios, foi recolhido conteúdo das publicações sauditas *Al Arabiya* e *Arab News*, e das emiradenses *Gulf News* e *The National*.

Desses jornais foram coletados notícias e artigos cuja autoria foi atribuída ao corpo editorial ou a repórteres do jornal e não a indivíduos específicos que teriam emitido suas opiniões particulares. Esse filtro foi aplicado, pois o objetivo era identificar o *frame* construído pelos jornais e não por certas pessoas. No que tange o conteúdo, as matérias selecionadas abordavam diretamente o discurso do emir catari publicado pela QNA. Afinal, foi a partir dessa notícia que jornais sauditas e emiradenses aumentaram o número de matérias críticas ao Catar, usando o discurso de Al-Thani como base para tais críticas (cf BIANCO; STANSFIELD, 2018, p. 614; ULRICHSEN, 2017, p. 6). Assim, foram recolhidas matérias que meramente citavam as falas do governante catari, usando-as como ponto de partida para uma discussão mais ampla sobre o Catar, bem como matérias que discutiam tais falas de maneira mais profunda.

Uma vez coletada a porção jornalística do *frame* sobre o Catar, o segundo tipo de fonte recolhida corresponde aos discursos feitos em nome dos governos saudita e emiradense. Mais especificamente, os discursos que anunciaram e justificaram a suspensão de relações e o bloqueio contra o Catar. Foram analisados os comunicados oficiais que cada país emitiu no

dia 5 de junho, quando o bloqueio começou, bem como seus discursos na Assembleia Geral da ONU alguns meses depois. Essa escolha, apesar de não abarcar todas as falas de representantes desses Estados acerca do Catar, permitiu compreender o *framing* desses países. Isso porque, nessas duas situações, Arábia Saudita e EAU se dirigiram a uma audiência internacional por vias oficiais e apresentaram os motivos pelos quais decidiram agir contra um país vizinho.

Como resultado da coleta de fontes, foram reunidos e codificados ao todo vinte e nove textos, dos quais cinco são governamentais e vinte e quatro jornalísticos. Desse total, quinze foram produzidos na Arábia Saudita (doze de jornais e três de documentos governamentais) e outros quatorze nos EAU (doze de jornais e dois de documentos governamentais). A distribuição desses textos está esquematizada no Quadro 2.

Quadro 2: Distribuição das fontes recolhidas

País/fonte e quantidade	Governo	Número	Jornais	Número	Total
Arábia Saudita	Ministry of Foreign Affairs	2	Al Arabiya	5	15
	Saudi Press Agency	1	Arab News	7	
EAU	Ministry of Foreign Affairs and International Cooperation	1	The National	7	14
	Emirates News Agency	1	Gulf News	5	
	Total	5	Total	24	

Fonte: elaboração da autora (2021).

Já no Quadro 3 estão organizados todos os textos segundo fonte, título e data de publicação. Todos os textos analisados constam nos Anexos B a AD e estão devidamente sinalizados no quadro.

Quadro 3: Lista de textos recolhidos segundo fonte, título e data de publicação

	Arábia Saudita	Anexo	Título	Data
Jornais	<i>Al Arabiya</i>	B	Qatari Emir: Doha has 'tensions' with the Donald Trump administration	24/05/2017
		C	Dhahi Khalfan says Qatar favors Iran, Muslim Brotherhood over Arab countries	24/05/2017
		D	What Bin Laden documents reveal about his relations with Qatar	26/05/2017
		E	Hezbollah and Qatar – a story of forbidden love?	27/05/2017
		F	Qatar's Emir Tamim calls Iran's President Rouhani seeking 'deepening of ties'	27/05/2017
	<i>Arab News</i>	G	Pro-Iran, pro-terror group's comments attributed to Qatari Emir sparks GCC outrage	24/05/2017
		H	Hack or attack Qatari emir's allegedly contrarian 'comments' unsettle neighbors	25/05/2017
		I	Sanctions, leaving military base 'possible options against Qatar'	27/05/2017
		J	Qatar's emir wants ties with Iran to be 'stronger than ever before'	28/05/2017
		K	Qatar-backed website slammed over cartoon showing Trump 'summoning devil'	30/05/2017
		L	Haftar Doha aiding terror outfits in Libya	30/05/2017
		M	US helping Qatar probe website hacking	04/05/2017
	Governo	Ministério de Relações Exteriores	N	Kingdom of Saudi Arabia severs diplomatic and consular relations with Qatar
O			Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas	23/09/2017
<i>Saudi Press Agency</i>		P	Kingdom of Saudi Arabia severs diplomatic and consular relations with Qatar	05/06/2017
	Emirados Árabes Unidos	Letra	Título	Data
Jornais	<i>The National</i>	Q	Qatar cannot continue to face two ways	27/05/2017
		R	By playing risky politics, Qatar courts a backlash	27/05/2017
		S	Gargash says Qatar's behaviour threatens stability in the Gulf	28/05/2017
		T	Qatar must choose sides over Iran	28/05/2017
		U	Renewed tensions with Qatar arise from old, unresolved issues	30/05/2017
		V	Qatar Emir in Kuwait for talks on resolving GCC row	31/05/2017
		W	Qatar should stop funding terrorism, says leading opposition figure	03/06/2017
	<i>Gulf News</i>	X	US contemplates sanctions against Qatar	24/05/2017
		Y	Qatar Emir stirs controversy by defending Iran and Hezbollah	24/05/2017
		Z	Gulf slams Qatar stance on Iran and Hezbollah	24/05/2017
AA		Qatar must stop undermining GCC interests	25/05/2017	
Governo	<i>Emirates News Agency</i>	AC	UAE supports statements of Kingdom of Bahrain and Kingdom of Saudi Arabia on Qatar	05/06/2017
	Ministério de Relações Exteriores	AD	Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas	22/09/2017

Fonte: elaboração da autora (2021).

Uma vez recolhidas, as fontes foram submetidas à codificação. Mais especificamente, foi empregado o *subcoding*, tipo de codificação composto por dois ciclos de análise das fontes com grau crescente de detalhe. Durante o primeiro ciclo de análise o

conteúdo recebe códigos mais amplos e gerais e, no segundo, o mesmo material recebe códigos mais específicos, a fim de detalhar ou enriquecer as informações recolhidas (SALDAÑA, 2013, p. 267). Aplicado esse método, todos os códigos foram organizados em um quadro (que se encontra no Apêndice A), onde foram dispostos segundo tema e categoria, sendo a ocorrência de cada código quantificada por tipo de texto (jornalístico ou governamental) e por país de origem (Arábia Saudita ou EAU) em que o código foi localizado.

Durante o processo de codificação, buscou-se empregar alguns critérios para desenvolver os códigos. O primeiro deles foi escolher uma palavra ou expressão curta que resumisse o conteúdo do excerto selecionado. Além disso, buscou-se usar, sempre que possível, palavras presentes no próprio texto, para reduzir ao máximo possíveis distorções de significado e limitar a interpretação da autora, apesar de não ser possível impedir isso totalmente.

É importante pontuar que, devido ao elevado número de códigos e ao fato de os discursos saudita e emiradense na Assembleia Geral da ONU não terem tratado apenas do Catar, nem todos os códigos identificados foram incluídos na tabela presente no Apêndice A. Os códigos empregados na análise desta pesquisa foram aqueles que possuíam alguma relação com o Catar ou com o discurso de Al-Thani ou com o bloqueio. Assim, os códigos reunidos se encaixavam em ao menos um dos seguintes critérios: fazer parte do discurso publicado pela QNA; tratar de países ou grupos mencionados no discurso; abordar políticas do Catar; fazer referência à região do Golfo ou do Oriente Médio; e tratar de decisões dos países bloqueadores. Estabelecidos esses parâmetros, o resultado foi a seleção de 126 códigos, distribuídos em sete categorias e trinta e quatro subcategorias, que estão esquematizados no Quadro 4.

Quadro 4: Lista de categorias e subcategorias.

Categoria	Subcategoria
Contexto do bloqueio	Problema mundial
	Esforço dos bloqueadores
	Problemas regionais
	Papel do Irã na região
	Arábia Saudita, EAU, EUA
Discurso QNA	EUA e governo de Trump
	Irã
	Israel
	Hamas
	Hezbollah
	Interferência
	Campanha contra o Catar
	Terrorismo
	Resposta catari ao discurso
Associações feitas ao Catar	Suporte a violência
	Uso da mídia pelo governo catari
	Políticas regionais do Catar
Comentários sobre países e grupos associados ao Catar e sobre o discurso	EUA
	Mídia do Catar
	Relações Irã-Catar
	Características do Irã
	Síria
	Grupos islâmicos ou terroristas
	Hamas
	Irmandade Muçulmana
	Al-Qaeda
	Hezbollah
	Talibã
	Política regional do Catar
	Mídia
Demandas feitas ao Catar	Demandas feitas ao Catar
Decisão dos bloqueadores	Decisão dos bloqueadores
	Ressalvas
	Convocação de outros países
<i>Framing</i> motivacional	Ameaça internacional
	Reconhecimento internacional

Fonte: elaboração da autora (2021).

2.2 O ESTOPIM DA CAMPNHA CONTRA O CATAR: O DISCURSO DA QNA

A partir da reunião das fontes e posterior análise, foi possível identificar a construção de uma narrativa (ou *frame*) acerca do Catar. Tal narrativa carecia de uniformidade, mas ainda assim, foi possível identificar temas recorrentes que de alguma maneira sustentaram uma certa imagem sobre Doha. A construção dessa imagem teve como pilar o conteúdo do discurso que Al-Thani foi acusado de emitir. Consequentemente, para entender melhor o *frame* contra o Catar, é importante conhecer a base sobre a qual ele se sustentou e que ofereceu suporte para as acusações direcionadas ao país. A notícia da QNA, no entanto, foi tirada do ar pouco depois de sua publicação, impossibilitando acessá-la diretamente. No entanto, foi possível conhecer o que jornais sauditas e emiradenses afirmaram sobre esse discurso. Segundo as fontes analisadas, o rei catari teria emitido falas polêmicas sobre o Irã, Israel, o governo de Trump, a base americana em Al-Udeid, o Hezbollah, o Hamas, bem como argumentado que o Catar seria alvo de uma campanha contra si. O conjunto dessas falas foi o pontapé de uma crise que atingiria seu ápice com o bloqueio.

Dessas alegadas falas do emir catari, as que diziam respeito ao Irã foram as mais citadas pelos jornais. Acerca da república persa, Al-Thani teria afirmado que “não há sabedoria em guardar hostilidade em relação ao Irã”³⁸ (AL ARABIYA, 2017b, tradução nossa, 2017b, 2017c; ARAB NEWS, 2017a, 2017b, 2017c, 2017f; GULF NEWS, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d). Isso porque, o país “representa um poder islâmico e regional que não pode ser ignorado”³⁹ (AL ARABIYA, 2017b, 2017e; ARAB NEWS, 2017a; GULF NEWS, 2017b, tradução nossa, 2017c, tradução nossa, 2017d, tradução nossa). Além disso, Teerã também seria “um grande poder na estabilização da região”⁴⁰ (GULF NEWS, 2017b, tradução nossa, GULF NEWS, 2017c, tradução nossa, GULF NEWS, 2017d, tradução nossa). A combinação dessas falas foi interpretada como um “endosso” do emir do Catar ao seu vizinho persa (ARAB NEWS, 2017a, 2017b, 2017c; KARAM, 2017).

Outro país supostamente citado por Al-Thani foi Israel. Porém, as menções a esse país são menos numerosas e se resumem à declaração de que “as relações com Israel são ‘boas’...”⁴¹ (AL ARABIYA, 2017a, tradução nossa; ARAB NEWS, 2017a, 2017b). No restante de seu discurso, o rei catari teria concentrado sua atenção em atores políticos mais específicos, incluindo pessoas e organizações.

³⁸ No original em inglês: “*There is no wisdom in harboring hostility toward Iran*” (AL ARABIYA, 2017b).

³⁹ No original em inglês: “*Iran represents a regional and Islamic power that cannot be ignored...*” (GULF NEWS, 2017b, GULF NEWS, 2017c, GULF NEWS, 2017d).

⁴⁰ No original em inglês: “*It is a big power in the stabilisation of the region*” (GULF NEWS, 2017b, GULF NEWS, 2017c, GULF NEWS, 2017d).

⁴¹ No original em inglês: “*The Emir also said relations with Israel are ‘good’...*” (AL ARABIYA, 2017a).

Um indivíduo que recebeu particular atenção foi o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Al Thani teria criticado o governo de Trump, afirmando haver “‘tensões’ com a nova administração dos EUA”⁴² (AL ARABIYA, 2017b; ARAB NEWS, 2017a, 2017b, 2017c) que teria sido chamada de “problemática” (GULF NEWS, 2017b) e cujo futuro político teria sido questionado (NEWLAND, 2017). Como fundamento para essas alegações foram citados problemas políticos domésticos que a gestão de Trump estaria enfrentando devido às suas relações com a Rússia (ARAB NEWS, 2017a, 2017b, 2017c). Outra suposta fala do rei do Catar que foi interpretada como uma afronta foi a crítica do monarca à acordos “exagerados” de compra de armas cujos investimentos deveriam ser gastos em “projetos de desenvolvimento”. Essa afirmação foi interpretada pelos jornais que a relataram como um ataque ao acordo armamentista firmado entre EUA e Arábia Saudita em maio de 2017 (ARAB NEWS, 2017a, 2017b).

Para além do presidente americano, outro ponto referente aos EUA alvo de comentários foi a base militar americana localizada no Catar em Al Udeid. Segundo jornais sauditas e emiradenses, Al Thani teria afirmado que a base militar “era única garantia de proteção de seu país contra a ‘ameaça representada por alguns países vizinhos’”⁴³(AL ARABIYA, 2017b; ARAB NEWS, 2017a, 2017b; GULF NEWS, 2017c, tradução nossa).

Outros dois atores políticos que os jornais alegaram terem sido citados pelo governante de Doha foram os grupos Hezbollah e Hamas. Ambos teriam sido classificados como “movimentos legítimos de resistência” (AL ARABIYA, 2017c; GULF NEWS, 2017b, tradução nossa, 2017c, tradução nossa) apoiados pelo Catar (ARAB NEWS, 2017a, 2017b, 2017d; GULF NEWS, 2017a; KARAM, 2017; KHAN, 2017a). Para mais, o Hamas teria sido chamado de representante “oficial” e “legítimo” dos palestinos (AL ARABIYA, 2017b; ARAB NEWS, 2017a, 2017b; GULF NEWS, 2017b, 2017c).

Por fim, outra suposta declaração de Al-Thani foi de que o Catar estaria sofrendo uma “campanha injusta” contra si executada pelos “irmãos” nos EAU, Egito e Barein (ARAB NEWS, 2017a, 2017b, 2017d; GULF NEWS, 2017a, 2017b). O objetivo de tal campanha seria “associar [o Estado catari] ao ‘terrorismo’ e ‘prejudicar seus esforços para criar estabilidade com um propósito e incentivo conhecidos’”⁴⁴ (AL ARABIYA, 2017e, tradução

⁴² No original em inglês: “...*tensions*’ with the new US administration...” (ARAB NEWS, 2017a).

⁴³ No original em inglês: “...*the American bases in Qatar were the only guarantee to safeguard his country from the ‘threat posed by some neighbouring countries’*” (GULF NEWS, 2017c).

⁴⁴ No original em inglês: “*The campaign is to link Qatar to ‘terrorism’ and to ‘smear its efforts to create stability with a known purpose and incentive’*” (AL ARABIYA, 2017e).

nossa; GULF NEWS, 2017b). Além disso, o emir teria rejeitado acusações de apoio ao terrorismo, afirmando que

“ninguém possui o direito de nos acusar de terrorismo somente porque eles listaram a Irmandade Muçulmana como terrorista ou rejeitam os movimentos de resistência do Hamas ou do Hezbollah (do Líbano)”⁴⁵ (AL ARABIYA, 2017b, tradução nossa).

Para mais, o rei catari teria defendido que seu país “não interfere nas questões domésticas de nenhum país não importa o quanto tenha privado seu povo de liberdade e direitos”⁴⁶ (GULF NEWS, 2017a, tradução nossa). Por fim, uma notícia saudita acrescentou que Al-Thani teria afirmado que “nós iremos atrás daqueles países e organizações [que estão em campanha contra o país] para proteger o papel pioneiro regional e internacionalmente do Catar e para proteger a dignidade do seu povo”⁴⁷ (AL ARABIYA, 2017e, tradução nossa). É interessante notar como essas falas sugeriram que o rei catari teria citado uma campanha contra o Catar antes mesmo da declaração do bloqueio, bem como defendido o país de acusações de terrorismo que ainda não haviam sido formalmente feitas.

Ainda sobre o discurso publicado pela QNA, há um último ponto que merece consideração. Pouco tempo após a publicação do alegado discurso de Al-Thani, o governo catari anunciou que a rede de notícias fora hackeada e que as falas veiculadas eram uma notícia falsa. Essa declaração foi citada por parte considerável das publicações, totalizando quinze matérias de vinte e quatro (cf AL ARABIYA, 2017a; ARAB NEWS, 2017b, 2017c, 2017d, 2017e, 2017f; GULF NEWS, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d; KHAN, 2017a; 2017c; NATIONAL EDITORIAL, 2017; NEWLAND, 2017; THE NATIONAL STAFF, 2017). Todavia, desse total, seis questionaram a veracidade da alegação de Doha.

Como base para esse questionamento, parte das matérias citou a falta de provas da ação de *hacking* (cf ARAB NEWS, 2017d; NATIONAL EDITORIAL, 2017). Uma matéria foi além, afirmando ser difícil acreditar no governo catari tendo em vista suas políticas. Segundo o texto,

⁴⁵ No original em inglês: “No one has the right to charge us with terrorism just because they blacklisted the Muslim Brotherhood as terrorist or rejected the resistance movements by Hamas or [Lebanon’s] Hezbollah” (AL ARABIYA, 2017a).

⁴⁶ No original em inglês: “Qatar does not interfere in the internal affairs of any country no matter how much it deprived its people of their freedom and rights” (GUL NEWS, 2017a).

⁴⁷ No original em inglês: “He added: “We will be after those countries and organizations to protect Qatar’s pioneering role regionally and internationally, and to protect its people’s dignity” (AL ARABIYA, 2017e).

“A sugestão de que comentários do Sheikh Tamim, emir do Catar, foram resultado de um ataque cibernético carregariam mais peso no Golfo se Doha produzisse alguma prova e se seus comentários desviassem muito das políticas declaradas e da visão de mundo de seu país. Não é uma surpresa que os Estados do Golfo estejam relutantes para acreditar na explicação de Doha”⁴⁸ (NATIONAL EDITORIAL, 2017a, tradução nossa).

Outras notícias, por sua vez, argumentaram que o fato do discurso ter sido reproduzido em diferentes mídias sociais da QNA e em mais de uma língua tornava mais difícil acreditar que falas do emir não teriam sido fabricadas (cf ARAB NEWS, 2017a, 2017b; GULF NEWS, 2017d; NEWLAND, 2017). De acordo com uma matéria

“O Catar afirmou que os comentários (...) foram resultado de um hack à Qatar News Agency que é operada pelo Estado. O que é mais difícil de explicar é como os comentários foram transmitidos em televisão estatal e em outras plataformas de mídia digital em duas línguas” (NEWLAND, 2017).

Ao questionarem a veracidade da defesa do Catar, esses textos e aqueles que sequer mencionaram a alegação de *hacking* não apenas trataram o suposto discurso de Al-Thani como verdadeiro, como também buscaram orientaram seus leitores a fazerem o mesmo.

Estabelecida a “veracidade” das falas do representante máximo do Catar, havia uma base sobre a qual construir um diagnóstico que apontava para o Catar com fonte de problemas. É preciso, no entanto, fazer a ressalva de que essa base era pouco sólida. Essa fragilidade devia-se à falta consistência e regularidade no conteúdo da mídia da Arábia Saudita e dos EAU ao descreverem a alegada fala de Al Thani. Nenhum dos códigos identificados ao analisar as falas do emir ocorreu em todas as matérias. Curiosamente, a informação mais frequente no conteúdo produzido sobre a publicação da QNA se refere à acusação do rei catari de que a rede de notícias estatal fora hackeada. Além disso, dos vinte e sete códigos localizados no suposto discurso do rei catari, que correspondem a vinte e sete falas distintas, somente onze puderam ser identificados em publicações sauditas e emiradenses. Os demais códigos (falas) só ocorreram nas publicações de um único país.

Essa falta de uniformidade impactou o conteúdo do diagnóstico desenvolvido sobre o Catar. Uma vez que foi estabelecido o que Al-Thani teria dito em seu discurso, as publicações sauditas e emiradenses prosseguiram e se puseram a comentar sobre os países e grupos supostamente citados pelo governante e como as políticas cataris em relação a esses atores

⁴⁸ No original em inglês: “The suggestion that comments of Sheikh Tamim, emir of Qatar, were the result of a cyberattack would carry more weight in the Gulf if Doha produced some proof and if his comments deviated wildly from his country’s stated policies and world view. No wonder the Gulf states are reluctant to believe Doha’s explanation” (NATIONAL EDITORIAL, 2017a).

seriam prejudiciais. O conjunto desses comentários viabilizou a construção de um certo diagnóstico sobre o país, posteriormente consolidado pelos governos saudita e emiradense. Todavia, a falta de uniformidade no relato do que Al-Thani teria discursado resultou em falta de uniformidade no diagnóstico, enfraquecendo o *frame* acerca do país.

2.3 O CATAR COMO PARTE DO PROBLEMA

O diagnóstico desenvolvido pelos governos saudita e emiradense foi apresentado por esses países em seus anúncios do bloqueio e, de maneira mais explícita, em seus discursos perante à AGNU. Tal diagnóstico consistiu na identificação da instabilidade e do terrorismo como problemas que afetavam a segurança regional e mundial, e para os quais o Catar contribuiu com suas políticas. Essas incluíam o apoio catari a certos grupos islâmicos, a relação do país com o Irã, a permissão do uso da mídia local como plataforma para grupos terroristas, bem como uma postura política divergente dos demais países do Golfo. No entanto, para que Arábia Saudita e EAU pudessem apresentar tal narrativa para uma audiência internacional como algo verdadeiro e crível, a mídia desses países teve um papel crucial. Jornais sauditas e emiradenses produziram matérias que, repetidamente, associavam o Catar a uma série de políticas. Essas foram retomadas posteriormente nos discursos governamentais em que Riade e Abu Dhabi apontavam-nas como culpadas por exacerbar os problemas regionais e mundiais de instabilidade política e terrorismo.

Para fundamentar esse diagnóstico, os representantes da Arábia Saudita e dos EAU iniciaram seus discursos na AGNU discutindo o que entendiam serem alguns dos problemas mundiais e regionais mais urgentes da atualidade. No caso saudita, o ministro das relações exteriores, Adel bin Ahmed Al-Jubeir, argumentou que

“nossa comunidade internacional está diante de um de seus maiores desafios hoje, um que compromete segurança e estabilidade. Esse é a ameaça de terrorismo que é notável em todo lugar ao redor do mundo em desafio a todos os direitos e valores humanos”⁴⁹ (UNITED NATIONS, 2017, tradução nossa).

⁴⁹ No original em inglês: “*Mr President, our international community is facing one of its biggest challenges today, one that jeopardizes security and stability. This is the threat of terrorism which is striking everywhere throughout the world in defiance of all human rights and human values*” (UNITED NATIONS, 2017).

O ministro emiradense, Abdullah bin Zayed bin Sultan Al Nahyan, por sua vez, concentrou seu discurso em crises regionais, mas argumentou que essas possuem impactos mundiais. O representante afirmou que

“a despeito de esforços regionais e internacionais sérios, nossa região continua a sofrer com crises. Essas possuem várias causas: extremismo e terrorismo; interferência contínua de Estados nas questões internas uns dos outros; políticas agressivas e expansionistas dirigidas por ambições hegemônicas; e regimes que buscam influência por meio de suporte a grupos extremistas e terroristas para prejudicar governos legítimos e espalhar caos e conflito pela região e pelo mundo. [...] Se essa situação persistir, ela gerará somente mais violência, destruição e esgotamento de recursos econômicos, culturais e humanos, não somente em nossa região, mas pelo mundo”⁵⁰ (AL-NAHYAN, 2017, p. 2, tradução nossa).

Essa fala foi complementada pela afirmação de que “algumas partes em nossa região estão fazendo alianças com organizações que buscam prejudicar a paz e a segurança na região árabe e no mundo”⁵¹ (AL-NAHYAN, 2017, p. 3, tradução nossa).

As constatações dessas ameaças regionais e mundiais foram contrapostas pelos esforços da Arábia Saudita e dos EAU em combater os problemas identificados. O governo saudita afirmou que continuaria

“trabalhando firmemente para conter o extremismo e o terrorismo em todas as suas formas e manifestações. Uma conferência Árabe Islâmica-Americana foi, portanto, realizada em maio [de 2017] para esse propósito e a conferência reafirmou de maneira inequívoca a necessidade de buscar esforços conjuntos para pôr um fim no extremismo e no terrorismo ao enfrentar as fontes de financiamento de terrorismo.”⁵² (UNITED NATIONS, 2017, tradução nossa).

O ministro emiradense, por sua vez, afirmou que

“Os EAU trabalham duro e de maneira responsável, tanto em sua vizinhança quanto para além dela, a fim de promover a estabilidade e o desenvolvimento de países árabes e enfrentar a destruição cujas guerras de nossos vizinhos deixara. Nós vemos

⁵⁰ No original em inglês: “*Despite serious regional and international efforts, our region continues to suffer from crises. These have several causes: extremism and terrorism; continued interference by states in each other's internal affairs; aggressive and expansionist policies driven by hegemonic ambitions; and regimes which seek influence by providing support to extremist and terrorist groups to undermine legitimate governments and spread chaos and conflict throughout the region and the world. [...]. If this situation persists, it will only generate more violence, destruction and depletion of economic, cultural and human resources not only in our region, but throughout the world*”(AL-NAHYAN, 2017, p. 2).

⁵¹ No original em inglês: “*Some parties in our region are making alliances with organisations that seek to undermine peace and security in the Arab region and the world*”(AL-NAHYAN, 2017, p. 4).

⁵² No original em inglês: “*My country will continue steadfastly working to counter extremism and terrorism in all their forms and manifestations. An Arab Islamic-American summit was thus held in may for this purpose and the summit reaffirmed unequivocally the need to pursue joint efforts to put an end to extremism and terrorism by addressing the sources of financing of terrorism*” (UNITED NATIONS, 2017).

segurança e estabilidade como chaves para o avanço das nações e povos, para o futuro de gerações mais novas e para uma vida decente para todos nós”⁵³ (AL-NAHYAN, 2017, p. 2, tradução nossa).

Somente após os representantes dos Estados saudita e emiradense terem descrito o que percebiam como ameaças mundiais e regionais, contrastando-as com suas ações para solucioná-las, é que o Catar foi abordado. Assim, foi introduzida uma narrativa segundo a qual a região do Golfo e o mundo enfrentavam desafios relacionados à segurança, estabilidade e terrorismo. No entanto, enquanto Arábia Saudita e EAU buscavam combater esses problemas, o Catar contribuía para o seu agravamento por meio de suas políticas. Consequentemente, o Catar seria um mau ator regional e mundial, responsável em parte pelo terrorismo, pela instabilidade política regional e, consequentemente, pela insegurança regional e mundial.

Identificados os problemas que o Oriente Médio e o mundo estariam enfrentando e estabelecido que as políticas de Doha contribuía para eles, restou à Arábia Saudita e aos EAU listarem tais políticas. Para isso, os discursos governamentais retomaram vários pontos que seus jornais haviam apresentado previamente em suas matérias. Essas, por sua vez, buscaram associar o Catar a uma série de políticas envolvendo o Irã, grupos terroristas, a mídia catari e a política regional do país.

Acerca da relação Catar-Irã, a narrativa construída consistiu na descrição de um relacionamento próximo com um vizinho problemático. Algumas matérias afirmaram que Doha adotou uma abordagem “cautelosa” e “menos belicosa” do que Riade e Abu Dhabi em relação a Teerã por conta do campo de gás natural que os países dividem (KHAN, 2017b; KHAN, 2017a). Como resultado desse ponto em comum dos Estados, o “Catar pediu por uma postura de engajamento ao invés de confrontação, uma posição que irritou Riade”⁵⁴ (KHAN, 2017a, tradução nossa).

Todavia, outras matérias deram um passo além sugerindo que os países teriam uma relação muito mais próxima. Segundo essas matérias, o emir catari teria ligado para o presidente iraniano após a publicação da QNA. Na ocasião, Al-Thani teria descrito os laços entre os países como “históricos e firmes” (AL ARABIYA, 2017a; ARAB NEWS, 2017c). O

⁵³ No original em inglês: “*The United Arab Emirates works hard and responsibly, both within its neighbourhood and beyond it, to promote the stability and development of Arab countries and tackle the destruction which our region's wars have left in their wake. We see security and stability as the key to the advancement of nations and peoples, a promising future for younger generations, and a decent life for all*” (AL-NAHYAN, 2017, p. 2).

⁵⁴ No original em inglês: “*Qatar has called for engagement rather than confrontation, a position that has angered Riyadh*” (KHAN, 2017a).

rei do Catar, ademais, teria afirmado suas intenções de fortalecer o relacionamento entre as nações e adicionado que “nós acreditamos que não há nenhum obstáculo no caminho do aprofundamento das relações Irã-Catar” (AL ARABIYA, 2017a, tradução nossa; ARAB NEWS, 2017c). Reforçou essa narrativa de aproximação entre os vizinhos do Golfo, o relato de outra notícia de uma reunião secreta entre o ministro das relações exteriores do Catar e Qasim Sulaimani, militar comandante das Forças *Quds*⁵⁵, na mesma semana da publicação da QNA (GULF NEWS, 2017a). Ambos os jornais que relataram essas supostas comunicações entre lideranças cataris e iranianas argumentaram que tais encontros eram sinais de uma aliança Catar-Irã em prejuízo das relações cataris com os demais países árabes.

Em uma linha de pensamento semelhante, um jornal afirmou que as supostas afirmações do rei catari sobre a relação com o Irã “confirmam suspeitas persistentes que estavam circulando na mídia mundial de que o Catar possuía uma aliança com o Irã contra seus países companheiros árabes e do Golfo”⁵⁶ (ARAB NEWS, 2017c, tradução nossa). Outro texto adicionou que “a defesa [do Catar] do regime terrorista iraniano mostra a aliança secreta Doha-Teerã que tem como intenção atacar a solidariedade árabe islâmica”⁵⁷ (GULF NEWS, 2017a, tradução nossa).

Em um tom mais brando, mas igualmente acusatório, outras matérias, afirmaram que o Catar mantinha uma política ambígua em que tentava se relacionar igualmente com o Irã e com o restante do Golfo. Todavia, os últimos eventos (a publicação da QNA) demonstraram um alinhamento mais próximo de Teerã em detrimento dos seus vizinhos árabe. Segundo um texto, a política catari em relação ao Irã demonstra que a monarquia, “ao invés de se ver como parte do CCG, prefere permanecer neutra, metade no campo do Golfo Árabe e metade no campo do Irã”⁵⁸ (NATIONAL EDITORIAL, 2017b, tradução nossa). Entretanto, a ligação com o presidente iraniano “aparentemente posiciona o Catar mais próximo daquele lado [do Irã]”⁵⁹ (NATIONAL EDITORIAL, 2017b, tradução nossa). Outra matéria, por sua vez,

⁵⁵ Braço do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC em inglês) responsável por suas operações estrangeiras (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020e). O IRGC, por sua vez, é uma instituição parte das Forças Armadas do Irã, mas cuja atuação é independente do Exército iraniano (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020b).

⁵⁶ No original em inglês: “*The remarks confirm lingering suspicions that have been swirling in the world media that Qatar was in league with Iran against its fellow Arab and Gulf countries*” (ARAB NEWS, 2017c).

⁵⁷ No original em inglês: “*Its defence of the Iranian terrorist regime shows the secret Doha-Tehran alliance that intends to strike at Arab and Islamic solidarity*” (GULF NEWS, 2017a, tradução nossa).

⁵⁸ No original em inglês: “*...rather than see itself as part of the GCC, it wishes to remain neutral, half in the Arab Gulf camp, half in Iran’s camp*” (NATIONAL EDITORIAL, 2017b).

⁵⁹ No original em inglês: “*That, rather than see itself as part of the GCC, it wishes to remain neutral, half in the Arab Gulf camp, half in Iran’s camp. Actually, the willingness to accept a phone call from Mr Rouhani at this moment would seem to position Qatar further on that side*” (NATIONAL EDITORIAL, 2017b).

afirmou que “por tempo demais, o Catar tentou olhar para os dois lados, um olho na Península Arábica, um olho no Irã”⁶⁰ (NATIONAL EDITORIAL, 2017a, tradução nossa).

Como fator agravante, diversas matérias associaram uma série de qualidades problemáticas ao Irã, o que reforçou a imagem de que uma relação com o vizinho persa é algo negativo. O país foi qualificado como um “Estado teocrático” (NEWLAND, 2017), que apoia o terrorismo (GULF NEWS, 2017d) e que representa uma fonte de instabilidade regional (ARAB NEWS, 2017c; GULF NEWS, 2017c; THE NATIONAL STAFF, 2017). Ademais, as políticas regionais iranianas foram classificadas como “expansionistas” (THE NATIONAL STAFF, 2017) e “intervencionistas” (GULF NEWS, 2017a, 2017b, 2017c; NATIONAL EDITORIAL, 2017a).

Tais características foram retomadas de maneira mais vaga pela Arábia Saudita na AGNU, quando o país declarou que “a região do Oriente Médio está passando por tensões e crises sem precedentes que continuam inabaláveis. O Irã possui um papel nisso” (UNITED NATIONS, 2017, tradução nossa). Já os EAU foram mais específicos ao afirmarem que as políticas “expansionistas”, “hostis”, de “interferência nas questões domésticas de outros Estados e de armamentos e apoio a grupos terroristas” do Irã tornam o país “o fator comum em todas as crises sofridas pela região e o obstáculo real a qualquer progresso real na resolução dessas crises”⁶¹ (AL-NAHYAN, 2017, tradução nossa).

Para além da relação com o Irã, outra associação feita repetidamente ao Catar foi a acusação de que o país apoiaria grupos terroristas. Diversas matérias afirmaram que o Estado apoiava grupos terroristas ou radicais, sem necessariamente citar nomes (AL ARABIYA, 2017c; ARAB NEWS, 2017a, 2017b; GULF NEWS, 2017a, 2017e; KHAN, 2017b; NEWLAND, 2017; THE NATIONAL STAFF, 2017), enquanto outras fizeram menção a suporte catari a grupos islâmicos (KHAN, 2017b; 2017c).

Ao abordar a forma desse apoio, diferentes matérias acusaram o Catar de diferentes ações. Segundo um jornal saudita, o governo facilitava o deslocamento de terroristas. Como exemplo, a matéria afirmou que a esposa de Abdel-Karim al-Majati, “que é o homem procurado mais perigoso do Marrocos devido a seu papel no estabelecimento de células

⁶⁰ No original em inglês: “*For too long, Qatar has tried to face two ways, one eye on the Arabian Peninsula, one eye on Iran*” (NATIONAL EDITORIAL, 2017a).

⁶¹ No original em inglês: “*The common factor in all crises suffered in the region and the real obstacle to any concrete progress in resolving these crises remains the hostile and expansionist policy of Iran in the region*” (AL-NAHYAN, 2017).

terroristas e recrutamento de homens-bomba suicidas”⁶² teria conseguido viajar do Afeganistão para a Arábia Saudita usando passaportes catari (AL ARABIYA, 2017d, tradução nossa). A mesma matéria também afirmou que Younis al-Hayari, “líder da Al Qaeda na Arábia Saudita”, teria conseguido entrar no país através do Catar (AL ARABIYA, 2017d). Ainda segundo a mesma matéria, o governo catari fazia vista grossa a cidadãos que contribuem financeiramente para organizações terroristas. Para embasar tal acusação, o jornal afirmou que Doha ignorou transferências centenas de milhares de dólares de Salim Hassan Khalifa Rashid al-Kuwari, funcionário do Ministério do Interior do Catar, e de Abdul Rahman bin Omair al-Nuaimi (ex-funcionário do governo catari), para a Al Qaeda (AL ARABIYA, 2017d).

Outras matérias acusaram o governo catari de ter acolhido terroristas e islamistas. Membros da Al Qaeda e do Talibã (AL ARABIYA, 2017d), bem como da Irmandade Muçulmana (GULF NEWS, 2017b; 2017c; 2017e) teriam encontrado abrigo em Doha. Dentre as pessoas que se dirigiram ao Catar, Khalid Sheikh Mohammed foi citado. Ele teria planejado um ataque a aeronaves americanas e seria o sobrinho de um dos terroristas que planejou o 11 de setembro (AL ARABIYA, 2017d). Para além dessas acusações, uma matéria emiradense reproduziu a fala de um membro da família real catari que afirmou em um tweet que “o Catar se tornou uma fonte de financiamento para o terrorismo e um porto de exportação de pensamento extremista”⁶³ (THE NATIONAL STAFF, 2017, tradução nossa).

Em paralelo a essas acusações de apoio mais amplas, outros textos dos jornais sauditas e emiradenses associaram o Estado catari a apoio a grupos islâmicos específicos. Como é o caso do Hamas, do Hezbollah e do Talibã, grupos classificados como proibidos pelos países “ocidentais aliados do Catar”⁶⁴ (AL ARABIYA, 2017b; GULF NEWS, 2017e; NEWLAND, 2017, tradução nossa). Outra organização islâmica repetidamente ligada ao Catar foi a Irmandade Muçulmana, descrita como um grupo terrorista (AL ARABIYA, 2017d; ARAB NEWS, 2017a; 2017e; GULF NEWS, 2017b; 2017c), islâmico (NEWLAND, 2017) que busca desestabilizar a região (GULF NEWS, 2017d). A Al-Qaeda também foi citada, alegando-se que o Catar possuía uma relação com o braço da organização que atua na Líbia (AL ARABIYA, 2017d; ARAB NEWS, 2017e).

⁶² No original em inglês: “*Abdel-Karim al-Majati, who is the most dangerous wanted man in Morocco for his role in establishing terrorist cells and recruiting suicide bombers in Morocco*” (AL ARABIYA, 2017d).

⁶³ No original em inglês: “... *Qatar has become a source of financing terrorism and an export port of extremist thought*” (THE NATIONAL STAFF, 2017).

⁶⁴ No original em inglês: “*Hamas, Hizbollah and the Taliban who are proscribed by its western ‘allies’*” (NEWLAND, 2017).

Essa ligação de Doha com o terrorismo foi posteriormente resgatada nos discursos dos governos da Arábia Saudita e dos EAU. Tanto a Arábia Saudita quanto os EAU afirmaram que o Catar seria responsável por financiar grupos terroristas e acolher seus membros (AL-NAHYAN, 2017; EMIRATES NEWS AGENCY, 2017; MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017; UNITED NATIONS, 2017). Abu Dhabi mencionou suporte à Irmandade Muçulmana (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017), enquanto Riade, além de citar a Irmandade, afirmou que Doha apoiava o ISIS e a Al Qaeda (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017). Para mais, o governo saudita acrescentou que o governo catari também havia fornecido suporte para grupos terroristas apoiados pelo Irã que atuam no Barein e na região de Qatif na Arábia Saudita, além dos houthis no Iêmen (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017). Por último, o ministro das relações exteriores saudita, em seu discurso na Assembleia Geral da ONU, adicionou que Doha seria responsável por disseminar discurso de ódio (UNITED NATIONS, 2017).

Outra crítica levantada contra o Catar se referia à sua mídia local que foi acusada de ser tanto uma plataforma para grupos terroristas quanto um instrumento do governo catari para atacar os demais países do Golfo. Algumas matérias afirmaram que a Al Jazeera atuava como um porta-voz da Irmandade Muçulmana, da Al Qaeda e do ISIS, para além de atacar os Estados do CCG e seus governos (GULF NEWS, 2017c; 2017d; 2017e). Uma notícia chegou a afirmar que “Doha fala alto (geralmente por meio da Al Jazeera árabe), mas carrega um bastão pequeno”⁶⁵ (NEWLAND, 2017, tradução nossa). Outra notícia chegou a afirmar que um canal do Catar – cujo nome não foi citado – atuava como uma plataforma para organizações extremistas como Al Nusra e Al Qaeda, transmitindo entrevistas e mensagens de líderes desses grupos, incluindo Osama bin Laden (AL ARABIYA, 2017d). Além disso, outra matéria afirmou que, independentemente do discurso de Al-Thani ser verdadeiro ou não, ele refletiu muitos dos ataques que jornais “financiados pelo Catar” como Al Jazeera, Al-Arab e *Middle East Eye* já dirigiam à Arábia Saudita, aos EAU e ao Barein (ARAB NEWS, 2017c).

Acusações semelhantes foram retomadas tanto pelo governo da Arábia Saudita quanto dos EAU em seus discursos. A mídia catari foi descrita como uma plataforma para o terrorismo nos documentos dos dois países que anunciavam o rompimento de relações com o Catar e a instauração do bloqueio contra o vizinho. A Arábia Saudita acusou a mídia catari de promover “a ética e os planos” de “grupos terroristas e sectários que buscam desestabilizar a

⁶⁵ No original em inglês: “*Doha speaks loudly (often through Al Jazeera Arabic) but carries a rather small stick*” (NEWLAND, 2017).

região, incluindo a Irmandade Muçulmana, o ISIS e a Al Qaeda”⁶⁶ (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017, tradução nossa). Os EAU fizeram acusação semelhante ao afirmarem que a mídia catari teria promovido as ideologias do ISIS e da Al Qaeda (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017). Além disso, o documento saudita adicionou que a mídia do Catar também seria responsável por incentivar protestos domésticos (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017).

Como resultado das políticas do Catar em relação ao Irã, a grupos islâmicos e à sua mídia local, Doha foi acusada de ter uma postura regional divergente dos seus vizinhos árabes e até mesmo prejudicial para o Golfo. Várias matérias afirmaram que os posicionamentos do Catar, particularmente no que dizia respeito ao Irã, ao Hamas e ao Hezbollah, divergiam da posição dos Estados membros do CCG e até mesmo desafiavam o bloco (ARAB NEWS, 2017b; GULF NEWS, 2017c; 2017d; KARAM, 2017). Para além disso, as falas que o emir catari teria emitido em seu discurso, atrapalharam o trabalho de alinhamento de política construído dias antes com os Estados Unidos na Conferência Árabe Islâmica-Americana. De acordo com uma matéria, “o Qatar lançou uma chave inglesa nas obras, introduzindo uma rachadura no edifício de propósito estratégico acordado pelo CCG”⁶⁷ (NEWLAND, 2017, tradução nossa).

Em uma linha semelhante, outras matérias afirmaram que o comportamento do Catar estaria promovendo divisões dentro do bloco e prejudicando os esforços de seus membros. Os comentários de Al Thani “são profundamente perigosos”, pois “desestabilizam relações dentro do CCG” e “semeiam divisões” entre o bloco e “nossos aliados no mundo”⁶⁸ (NATIONAL EDITORIAL, 2017a, tradução nossa). Para mais,

“o Catar não está fazendo nenhum favor para si ao tentar prejudicar os esforços do Golfo para defender sua segurança, prosperidade e o futuro de seus cidadãos. O Catar deve perceber que suas próprias segurança e prosperidade são parte da segurança coletiva do Golfo”⁶⁹ (GULF NES, 2017, tradução nossa).

⁶⁶ No original em inglês: “... adopting various terrorist and sectarian groups aimed at destabilizing the region including the Muslim Brotherhood Group, Daesh (ISIS) and Al-Qaeda, promoting the ethics and plans of these groups through its media permanently...” (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017).

⁶⁷ No original em inglês: “Qatar is seen to have thrown a spanner into the works, introducing a crack into the edifice of strategic purpose agreed by the GCC” (NEWLAND, 2017).

⁶⁸ No original em inglês: “Comments such as these by the emir are profoundly dangerous. They destabilise relations within the GCC. They sow division between the GCC and our allies around the world” (NATIONAL EDITORIAL, 2017a).

⁶⁹ No original em inglês: “Qatar is not doing itself any favour by trying to undermine Gulf efforts to defend its security, prosperity and the future of its citizens. Qatar must realise that its own security and prosperity are part of the Gulf’s collective security” (GULF NES, 2017).

Em um tom mais acusatório, outra matéria afirmou que o Catar escolheu um caminho de confrontação frente aos Estados do CCG (GULF NEWS, 2017c). Ao que outro texto argumentou que

“Doha deve chegar a um entendimento simples e claro: o CCG está movendo como um. Se o Catar não deseja se unir a essa direção, ele não deve se surpreender caso se encontre isolado – e se esse isolamento trouxer consequências. O CCG consegue sobreviver sem o Catar. A liderança em Doha pode querer considerar se o oposto é verdadeiro”⁷⁰ (NATIONAL EDITORIAL, 2017a, tradução nossa).

Para além do CCG, o Catar foi acusado de divergir das posições de países árabes e muçulmanos (AL ARABIYA, 2017c; GULF NEWS, 2017a; THE NATIONAL STAFF, 2017). De acordo com um jornal emiradense, “apesar do Catar ser um país pequeno, ele está sempre procurando um papel maior a todo custo, mesmo que ele rasgue o tecido da solidariedade árabe, islâmica e do Golfo”⁷¹ (GULF NEWS, 2017a, tradução nossa). Ademais, uma matéria afirmou que o posicionamento regional catari também se opunha às orientações dos EUA em relação ao Oriente Médio nas questões envolvendo extremismo, o Irã e o conflito Palestina-Israel (NEWLAND, 2017).

Um ponto mais específico da política externa catari discutido foi seu papel de mediador em conflitos. O Catar teria agido como uma “Suíça com dentes” a fim de se diferenciar de seus vizinhos em uma espécie de “excepcionalismo catari” (NEWLAND, 2017, tradução nossa). No entanto, “no fim, o Catar é um país pequeno, mesmo com pretensões de Estado grande”⁷² (NEWLAND, 2017, tradução nossa).

O acúmulo das tensões que o Catar desenvolveu com suas políticas teve consequências. Em 2014, o Barein, a Arábia Saudita e os EAU retiraram seus embaixadores de Doha como resultado das frustrações que as políticas cataris haviam gerado (GULF NEWS, 2017b; 2017c; 2017d; 2017e; KHAN, 2017b; NATIONAL EDITORIAL, 2017b; NEWLAND, 2017). Pouco tempo depois, as relações foram normalizadas, porém algum

⁷⁰ No original em inglês: “Doha must come to a simple and clear understanding: the GCC is moving as one. If it does not wish to join this direction, it should not be surprised if it finds itself isolated – and if that isolation brings consequences. The GCC can survive without Qatar. The leadership in Doha may wish to consider if the opposite is also true” (NATIONAL EDITORIAL, 2017a).

⁷¹ No original em inglês: “Although it is a small country, it is always looking for a larger role at all costs, even if it tears at fabric of Gulf, Arab and Islamic solidarity” (GULF NEWS, 2017a).

⁷² No original em inglês: “Over the years, Qatar has modelled itself as a political honest broker, a kind of Switzerland with teeth, able despite its small size to present, sometimes through the power of its purse, a forum for regional and international understanding. In this way, it feels it can distinguish itself from its more populous and powerful neighbours through a kind of Qatari exceptionalism. But in the end, Qatar is a small state, albeit with big state pretensions” (NEWLAND, 2017).

tempo depois o Catar retomou “seu jogo antigo de acumular tensão”⁷³ (GULF NEWS, 2017c; 2017d, tradução nossa).

Essa crítica às políticas regionais cataris não foi ignorada por Arábia Saudita e EAU em seus discursos. Os países, porém, citaram outros aspectos que demonstravam a divergência regional catari. Tanto o governo saudita quanto o emiradense mencionaram, em seus anúncios do bloqueio, a violação, por parte do Catar, de acordos regionais. Mais especificamente, foram citados os Acordos de Riade de 2013 e de 2014 (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017; MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017; SAUDI PRESS AGENCY, 2017). Para além disso, a Arábia Saudita acusou o governo catari de dividir os “postos internos sauditas, instigando contra o Estado [da Arábia Saudita] e infringindo sua soberania”⁷⁴ (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017, tradução nossa). Seguindo uma linha de argumentação semelhante, os EAU alegaram que o Catar interferia na política doméstica de outros países (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017). Essa questão foi retomada no discurso emiradense perante a AGNU quando as políticas cataris foram acusadas de desestabilizarem a região (AL-NAHYAN, 2017, p. 3).

Estabelecido o diagnóstico do Catar, é importante ressaltar a pouca uniformidade dos conteúdos jornalísticos e governamentais. A falta de consistência previamente identificada na reprodução do suposto discurso do emir catari se repetiu no diagnóstico. Dos cinquenta e cinco códigos identificados no conteúdo jornalístico sobre o Catar, somente onze ocorreram em pelo menos um jornal saudita e outro emiradense. Essa falta de uniformidade ocorre em grau reduzido nos discursos governamentais. Isso porque, dos dez códigos identificados nas falas de representantes dos governos saudita e emiradense em relação ao Catar, somente três ocorreram nas falas de ambos os países. Desses três, apenas um é identificado nos quatro discursos recolhidos e se referia à acusação de que o Catar apoiava o terrorismo.

Tal falta de uniformidade observada a nível midiático e governamental resultou em um *frame* que levantou várias acusações contra o Catar, mas que carecia de um sentido claro. Isso, por sua vez, influenciou no tipo de solução (prognóstico) que pôde ser desenvolvido para lidar com os problemas identificados. Afinal, as propostas de soluções e estratégias são limitadas em escopo pela natureza do diagnóstico (BENFORD; SNOW, 2000, p. 616).

2.4 COMO LIDAR COM O CATAR

⁷³ No original em inglês: “Doha today is back to its old game of stoking tension” (GULF NEWS, 2017d).

⁷⁴ No original em inglês “...dividing internal Saudi ranks, instigating against the State, infringing on its sovereignty...” (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2017).

A partir do diagnóstico desenvolvido acerca do Catar pelos jornais e governos da Arábia Saudita e dos EAU, foi construído um prognóstico para o país. Em outros termos, foram apresentadas medidas para solucionar os comportamentos cataris apresentados como problemáticos por incentivarem o terrorismo e prejudicarem a instabilidade regional. Tais medidas consistiram na suspensão de relações diplomáticas com o Catar, no fechamento das fronteiras com o país, na expulsão de cidadãos cataris com o paralelo retorno de nacionais a seus respectivos países, na exigência do respeito ao direito internacional e no cumprimento dos Acordos de Riade.

Enquanto o diagnóstico sobre o Catar foi o resultado do conteúdo de textos jornalísticos e governamentais, o prognóstico foi construído quase que exclusivamente a partir dos discursos governamentais da Arábia Saudita e dos EAU. Enquanto todas as matérias sauditas e emiradenses se propuseram a identificar ao menos um ponto problemático no comportamento do Catar, essas mesmas publicações não chegaram a sugerir propostas do que deveria ser feito para reorientar a postura catari. As únicas exceções foram três matérias do jornal emiradense *The National* que fizeram demandas relativamente vagas. Uma delas afirmou que o Catar deveria escolher um lado em sua política externa: o Irã ou o CCG (NEWLAND, 2017). Outra defendeu que o país deveria mudar seu comportamento para resgatar sua credibilidade, além de comprometer-se com as promessas e intenções estabelecidas com seus “irmãos” (países do CCG) (KHAN, 2017c). Por fim, uma matéria defendeu que os meios de comunicação cataris pró-Irmandade Muçulmana fossem fechados (KHAN, 2017b).

À exceção desses três textos, os demais focaram em abordar o suposto discurso do emir Al-Thani e, a partir disso, apontar críticas ao Catar. Assim, os jornais sauditas e emiradenses forneceram substrato para que os governos de Riade e Abu Dhabi pudessem justificar suas ações contra o Catar perante uma audiência internacional. A partir disso, os discursos governamentais apresentaram medidas mais concretas e claras do que Arábia Saudita, EAU, Barein e Egito decidiram fazer em resposta às políticas cataris.

Tanto a Arábia Saudita quanto os EAU declararam, em seus comunicados oficiais que, em conjunto com o Barein e o Egito, haviam decidido suspender suas relações diplomáticas com o Catar. Além disso, os países anunciaram o fechamento de suas fronteiras marítimas, aéreas e terrestres com o Estado catari. Por fim, os bloqueadores, à exceção do Egito, também exigiram a saída de cidadãos cataris localizados em seus territórios, ao mesmo tempo em que demandaram o retorno de seus cidadãos localizados no Catar. Apesar da

decisão de tomar essas medidas, os governos saudita e emiradense afirmaram que respeitavam e apoiavam o povo do Catar (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017; SAUDI PRESS AGENCY, 2017). Tais falas demonstraram como as medidas tomadas contra o Catar foram dirigidas aos seus governantes (a família Al Thani) e não ao seu povo. Por fim, a Arábia Saudita adicionou, ao fim de seu comunicado, um apelo a “países e companhias internacionais amigáveis e fraternais” para que implementassem o bloqueio ao Estado catari por “motivos ligados à segurança nacional saudita”, sem especificar quais seriam tais motivos⁷⁵ (SAUDI PRESS AGENCY, 2017, tradução nossa).

Uma vez que essas medidas foram declaradas nos anúncios saudita e emiradense, elas não foram repetidas nos discursos dos países perante a Assembleia Geral. Nessa ocasião, o representante emiradense não citou nenhuma ação contra Doha. O representante saudita, porém, apresentou duas novas demandas. A monarquia saudita demandou que sua vizinha catari seguisse os princípios do direito internacional no combate ao terrorismo e honrasse suas obrigações segundo os Acordos de Riade de 2013 e 2014 (UNITED NATIONS, 2017). Estabelecidas as atitudes promovidas como prognóstico para o comportamento catari, é interessante procurar identificar como os jornais e os governos dos Estados bloqueadores procuraram incentivar outros a se unirem ao bloqueio.

2.5 POR QUE SE IMPORTAR COM UMA CRISE REGIONAL?

Ao longo dos textos jornalísticos e dos discursos governamentais, esses elaboraram alguns motivos para que suas audiências se engajassem nas ações propostas pelo prognóstico. Assim foi possível distinguir um *framing* motivacional empregado no *frame* de ação coletiva sobre o Catar. Foram apresentados três principais razões pelas quais outros países deveriam se unir ao bloqueio: foi enfatizada a dimensão internacional da crise; argumentou-se que o Catar apoiava grupos reconhecidos como terroristas fora do Golfo; e que havia um reconhecimento internacional da associação do país com o terrorismo.

A referência à dimensão internacional da crise com o Catar foi algo recorrente em discursos governamentais. Isso pôde ser percebido em certas falas que inseriram o impasse entre os quatro bloqueadores (Arábia Saudita, Barein, EAU e Egito) e seu vizinho catari em um nível mais amplo ao argumentarem que a situação possuía implicações para além do

⁷⁵ No original em inglês: “[...] *fraternal and friendly countries and international companies to implement the same procedure as soon as possible for all means of transport to and from the State of Qatar for reasons relating to Saudi national security*” (SAUDI PRESS AGENCY, 2017).

Golfo. Foi o caso do discurso do ministro saudita perante à AGNU. Ao introduzir o tema do terrorismo, ao qual o Catar seria posteriormente associado, o representante saudita afirmou que essa questão era um dos maiores desafios contemporâneos que “nossa comunidade internacional” estava enfrentando, sendo “notável em todo lugar ao redor do mundo” (UNITED NATIONS, 2017, tradução nossa). Assim Riade enfatizou como o terrorismo era um problema de grande dimensão que afetava todo o mundo e não somente os bloqueadores.

Os EAU, por sua vez, adotaram uma argumentação semelhante em seu comunicado oficial e em sua fala para a AGNU. Ao comunicar sua decisão de suspender relações com Doha, Abu Dhabi afirmou que as políticas cataris poderiam “levar a região a um estágio de consequências imprevisíveis”⁷⁶ (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017, tradução nossa). Em sua fala na AGNU, o país elevou o nível do impasse com o Catar ao argumentar que ele fazia parte de um cenário de múltiplas crises no Oriente Médio que, se persistissem, iriam “gerar mais violência, destruição e esgotamento de recursos econômicos, culturais e humanos, não somente na nossa região, mas através do mundo”⁷⁷ (AL-NAHYAN, 2017, p. 3, tradução nossa). Assim, ao frisarem como o impasse entre as monarquias do Golfo não afetava somente os países da região, os Estados emiradense e saudita procuraram envolver outros Estados na crise, apoiando o lado bloqueador.

Os jornais sauditas e emiradenses, por sua vez, concentraram seus esforços na validação internacional das acusações levantadas contra a monarquia catari, particularmente no que dizia respeito à associação do país ao terrorismo. Parte das matérias realçou o reconhecimento internacional, particularmente dos Estados Unidos, do caráter terrorista dos grupos e países associados ao Catar. Foi o caso do Hamas, que “é considerado uma organização terrorista por vários países e organizações internacionais, sobretudo por Israel, UE e EUA” e “é condenado até mesmo por países árabes por lançar mísseis contra civis”⁷⁸ (AL ARABIYA, 2017b; ARAB NEWS, 2017a, tradução nossa; 2017b, tradução nossa; KARAM, 2017; NEWLAND, 2017). O Hezbollah, por seu turno, seria um grupo banido pelos “aliados” ocidentais cataris (ARAB NEWS, 2017d). Já a Irmandade Muçulmana teria

⁷⁶ No original em inglês: “...policies which are likely to push the region into a stage of unpredictable consequences” (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017).

⁷⁷ No original em inglês: “...If this situation persists, it will only generate more violence, destruction and depletion of economic, cultural and human resources not only in our region, but throughout the world” (AL-NAHYAN, 2017, p. 3).

⁷⁸ No original em inglês: “...Hamas — which is designated as a terrorist organization by the US, EU and Israel and is condemned even by Arab countries for firing missiles towards civilians — as the “official representative of Palestinians.” Hamas — either in whole or in part — is regarded as a terrorist organization by several countries and international organizations, most notably by Israel, US and EU” (ARAB NEWS, 2017a, 2017b).

sido classificada por um ex-secretário de defesa americano (Robert Gates) como uma “metamorfose de ficção científica”⁷⁹ (GULF NEWS, 2017e; KARAM, 2017, tradução nossa).

Além desses grupos islâmicos, o Irã também seria considerado internacionalmente como um apoiador de terrorismo. Segundo duas matérias, “até mesmo a administração prévia dos EUA sob o presidente Obama classificou [o Irã] como o ‘maior Estado financiador do terror’”⁸⁰ (ARAB NEWS, 2017a, tradução nossa; 2017b, tradução nossa). Nessa mesma linha, um jornal afirmou que Trump teria identificado em Teerã uma ameaça regional (NEWLAND, 2017).

Outra razão apresentada para engajamento diz respeito ao reconhecimento internacional da ligação do Catar com o terrorismo. Uma notícia saudita afirmou que o Catar foi acusado pela “comunidade internacional” de acolher militantes da Al-Qaeda, do Talibã e do Afeganistão (AL ARABIYA, 2017d). Outra matéria afirmou que havia nos Estados Unidos “um coro crescente de vozes, majoritariamente de *think tanks* firmemente pró-Israel, anti-islamistas e anti-Irã”⁸¹ que haviam ligado Doha ao financiamento de militantes (KHAN, 2017b, tradução nossa). Por fim, três matérias mencionaram uma conferência organizada nos EUA pelo ex-secretário de defesa Robert Gates e o parlamentar Ed Royce. Nesse evento, os políticos sugeriram ações contra o país catari devido a seu apoio a grupos terroristas. Dentre as medidas, estavam sanções ao país e a mudança da base americana de Al Udeid, além de uma punição mais dura para o Catar (GULF NEWS, 2017e; KARAM, 2017; KHAN, 2017b).

Esses trechos de jornais apontam uma inquietação com a saliência das acusações levantadas contra o Catar. Jornais sauditas e emiradenses demonstraram uma preocupação em legitimar a afirmação de que Doha contribuía para o problema mundial do terrorismo. A base para essa legitimação foi a constatação de que os grupos associados ao Estado catari eram classificados internacionalmente como terroristas. Para mais, a relação catari com o terrorismo não seria uma percepção apenas dos bloqueadores, mas também de outros países, em especial os Estados Unidos.

Tal preocupação em engajar Washington se repetiu no empenho dos jornais de construir uma imagem do Catar como um país crítico do governo de Trump. Esse esforço ficou muito visível em uma matéria de um jornal saudita que abordou um desenho publicado

⁷⁹ No original em inglês: “[...] *He called the group ‘science fiction shape shifters’ [...]*” (KARAM, 2017).

⁸⁰ No original em inglês: “...*Iran which even the previous US administration under President Obama labeled as the ‘biggest state sponsor of terror’ ...*” (ARAB NEWS, 2017a; 2017b).

⁸¹ No original em inglês: “*In Washington a growing chorus of voices, mostly from staunchly pro-Israel, anti-Islamist and anti-Iran think tanks, has also been publicly linking Qatar to the funding of militant groups*” (KHAN, 2017b).

pelo *Middle East Eye*. Esse jornal catari baseado em Londres foi descrito como apoiado pelo Catar e formado com o auxílio de um ex-editor da Al Jazeera. Segundo a notícia, o jornal teria publicado uma charge que alude à uma foto tirada em maio de 2017 com o presidente Trump, o rei saudita Salman e o presidente egípcio El-Sisi durante a Conferência Árabe Islâmica-Americana (ARAB NEWS, 2017d). Na ocasião, os governantes haviam se reunido para a criação do que a matéria denominou um “centro de antiterrorismo em Riade”. Todavia, no desenho da publicação catari, esses líderes apareceram invocando o mal (ARAB NEWS, 2017d, tradução nossa). Essa matéria faz parte do esforço de chamar a atenção do governo americano sob a liderança de Trump para a crise no Golfo e, com isso, incentivar seu envolvimento.

A combinação de todos os aspectos do *frame* de ação coletiva contra o Catar criou, portanto, uma narrativa que colocou o país como um culpado pela instabilidade e terrorismo existentes no Golfo e no Oriente Médio. Tal culpa é resultado das políticas cataris em relação ao Irã, a grupos islâmicos e à sua mídia, que resultaram em divergências das políticas regionais adotadas pelo restante do Golfo. A postura regional catari, porém, afeta não somente seus vizinhos tendo em vista que o terrorismo é um problema de alcance global. Ademais, o papel do Catar como apoiador de grupos islâmicos terroristas é reconhecido internacionalmente, especialmente pelos EUA, a quem os bloqueadores dedicam atenção especial. Um resumo de todos esses pontos se encontra no Quadro 5.

Quadro 5: Tarefas centrais do *framing*

Diagnóstico	Problema: instabilidade, terrorismo, insegurança
	O Catar estaria contribuindo para esses problemas ao: 1) Possuir uma relação próxima com o Irã; 2) Apoiar o terrorismo e grupos terroristas; 3) Permitir uma mídia que é uma plataforma para o terrorismo; 4) Divergir da política regional do restante do Golfo.
Prognóstico	1) Suspensão de relações diplomáticas; 2) Fechamento das fronteiras com o país; 3) Expulsão de cidadãos cataris e retorno de nacionais 4) Exigência do respeito ao direito internacional; 5) Cumprimento dos Acordos de Riade de 2013 e 2014.
Framing Motivacional	1) Dimensão internacional da crise; 2) Reconhecimento internacional dos grupos apoiados pelo Catar como terrorista e do Irã como financiador de terrorismo; 3) Reconhecimento internacional da associação do Catar com o terrorismo.

Fonte: elaboração da autora (2021).

3. A RESPOSTA INTERNACIONAL À CAMPANHA CONTRA O CATAR

3.1 COMO AVALIAR A RESSONÂNCIA DO *FRAME*

A partir da identificação da imagem construída acerca do Catar, foi possível atender ao segundo objetivo desta pesquisa, que concerne o motivo pelo qual o bloqueio ao Catar não recebeu apoio internacional, particularmente de potências. Ao aplicar os critérios de credibilidade e saliência ao *frame* que Arábia Saudita e EAU desenvolveram, foram percebidas deficiências que afetaram sua capacidade de engajar e mobilizar uma audiência. Havia incoerências entre as críticas lançadas contra o Catar e as ações dos próprios bloqueadores. Ademais, a monarquia catari foi alvo de várias acusações para as quais não foram fornecidas evidências. Além disso, Riade e Abu Dhabi não consideraram o peso econômico que Doha possuía nas economias de vários países, graças às suas exportações de gás natural e aos seus investimentos. Outro ponto relevante que limitou especificamente o engajamento americano foi o fato de que o Catar sedia a maior base militar dos EUA no Golfo. Por último, Arábia Saudita e EAU superestimaram a relevância que os grupos islâmicos citados possuíam para nações além do Golfo, bem como a magnitude de um bloqueio como forma de combate ao terrorismo diante de medidas dessa natureza pré-existentes.

Para identificar as limitações do discurso sobre o Catar em relação aos critérios de credibilidade e saliência, as questões apresentadas pelo *frame* (como apoio a grupos terroristas, relação com o Irã, quebra de acordos regionais, etc) foram verificadas empiricamente. Os dados recolhidos para realizar essa verificação variaram de acordo com a natureza dos critérios e para quem eles apontavam: o alvo do *frame* (o Catar), seus articuladores (Arábia Saudita e EAU) ou sua audiência (países para além do Golfo). As fontes selecionadas para permitir a execução dessa análise foram artigos e relatórios. O resultado dessa estratégia é apresentado nas próximas seções.

3.2 DISTANCIAMENTO DE UMA NARRATIVA PROBLEMÁTICA

Para além da pouca uniformidade do *frame* sobre o Catar previamente observada, o discurso acerca da monarquia catari possuía outras limitações que minaram sua capacidade de soar crível. Dentre as deficiências de credibilidade da narrativa sobre Doha, um ponto especialmente problemático se referia à consistência do *frame*, que concerne a capacidade dos

seus articuladores de manterem a congruência entre aquilo em que acreditam, o que dizem e o que fazem (BENFORD; SNOW, 2000, p. 619-620). Em outros termos, a coerência entre aquilo que o governo catari foi acusado de fazer (o diagnóstico) e as ações dos próprios governos bloqueadores, particularmente Arábia Saudita e EAU. Nesse aspecto, a consistência do discurso contra o Catar possuía duas grandes limitações que se referiam a recriminações a comportamentos de Doha dos quais Riade e Abu Dhabi não eram menos culpados. A primeira inconsistência dizia respeito à relação com o Irã e a segunda, ao apoio ao terrorismo

A primeira acusação foi de encontro ao fato de que os EAU também possuíam uma relação intensa com o Irã, particularmente no campo comercial. Desde antes da independência dos Emirados Árabes, já havia uma proximidade entre comunidades iranianas e emiradenses (ULRICHSEN, 2016, p. 212). Como resultado, a partir da independência dos sete emirados que compõem os EAU em 1970, a política externa do país direcionada ao Irã era caracterizada por um pragmatismo econômico que combinava a neutralidade política com uma lucrativa relação comercial (EL-DESSOUKI; MANSOUR, 2020, p. 5). Tal relação era viabilizada pela presença de uma considerável e bem-sucedida comunidade empresarial iraniana em Dubai, emirado que representa até hoje um importante local de reexportação de mercadorias para o Irã e um ponto de contato da economia iraniana com o mercado global (EL-DESSOUKI; MANSOUR, 2020, p. 5; ULRICHSEN, 2016, p. 219). Esse vínculo comercial se tornou ainda mais forte na década de 2000 em virtude das sanções americanas contra o Irã devido ao programa nuclear iraniano. As sanções penalizavam entidades e indivíduos que mantinham negócios com o país persa, o que acabou por afastar parceiros europeus, mas aproximou emiradenses, devido a existência em Dubai de muitos negócios iranianos que estavam registrados como locais (EL-DESSOUKI; MANSOUR, 2020, p. 5; ULRICHSEN, 2016, p. 220).

Paralelamente às relações comerciais e diplomáticas com o Irã, os EAU procuraram se proteger do ponto de vista militar e político das aspirações de hegemonia iranianas. Os Emirados investiram em suas capacidades militares para desencorajar ações agressivas de seu vizinho persa. Além disso, construíram alianças de segurança com a Arábia Saudita e com os Estados Unidos para contrabalancear a influência regional iraniana. Ademais, os Emirados participaram ativamente de organizações multilaterais a fim de conter políticas persas de liderança (EL-DESSOUKI; MANSOUR, 2020, p. 1-2; 5-6). Assim, no plano político, Abu Dhabi mantinha certo distanciamento de Teerã e adotava políticas de contenção contra o vizinho, o que contrastava com a proximidade comercial entre os países.

Essa postura, todavia, começou a sofrer mudanças a partir da Primavera Árabe em 2011. Esse período marcou o início de uma política externa emiradense mais assertiva em relação ao Irã, na medida em que os EAU acusaram publicamente o vizinho persa de financiar o terrorismo e de instigar divisões sectárias (EL-DESSOUKI; MANSOUR, 2020, p. 7). Ao mesmo tempo, os Emirados passaram a intervir nas revoltas da região fazendo uso de força tanto para apoiar rebeldes (como na Líbia e na Síria) como para contê-los (no Barein, no Iêmen e no Egito). Tais ações foram comumente levadas à cabo em conjunto com aliados, o que resultou em um fortalecimento das relações emiradenses com Arábia Saudita, Egito e Estados Unidos. Além disso, os EAU diversificaram seus parceiros comerciais de armamentos e investiram ainda mais em suas capacidades militares (EL-DESSOUKI; MANSOUR, 2020, p. 7). Essa mudança em seu posicionamento, porém, não deixou de trazer um custo, na medida em que o Irã continuou sendo um parceiro comercial importante, mas redirecionou parte de suas relações financeiras e comerciais com os Emirados para Catar e Omã (EL-DESSOUKI; MANSOUR, 2020, p. 9).

Esse histórico mostra, portanto, que apesar de jornais e representantes dos EAU terem criticado o Catar por ter relações próximas com o Irã, o próprio país possuía um relacionamento comercial estreito com a república iraniana. Assim, tanto a monarquia catari quanto a emiradense mantinham ligações com a república iraniana sustentadas pelos vínculos econômicos entre os países, que consistiam em um campo de gás natural compartilhado e um comércio robusto, respectivamente. A diferença entre Doha e Abu Dhabi estava na postura política de cada país para com o Irã, na medida em que o primeiro desenvolveu uma relação abertamente não antagônica, enquanto o segundo preferia a neutralidade (posteriormente substituída pela crítica).

O segundo ponto que prejudicou a consistência do *frame* sobre o Catar se referia à acusação de que a monarquia apoiaria o terrorismo. Tal crítica da Arábia Saudita e dos EAU carece de consistência, pois ambos os países já foram alvos da mesma acusação. É importante ressaltar que existem diferentes definições de terrorismo e pouco consenso em torno de uma delas. Consequentemente, a depender da definição adotada, a lista de países que podem ser classificados como apoiadores de terrorismo varia consideravelmente. Entretanto, os principais estudos adotam definições segundo as quais terrorismo envolve ações de natureza política (ou seja, que têm por objetivo alterar alguma política), violentas, que buscam gerar impacto psicológico por meio de intimidação e coerção, e que são articuladas por atores não estatais (BYMAN, 2020, p. 2). A partir dessa definição, apoio ao terrorismo, por sua vez,

compreende o fornecimento de algum tipo de suporte, que costuma se materializar na forma de armas, dinheiro, treinamento e locais de refúgio (BYMAN, 2020, p. 2).

Essas definições de terrorismo e de apoio a ele possuem certas limitações, pois deixam em aberto como certas ações deveriam ser classificadas. É o caso, por exemplo, do assassinato de dissidentes de um governo, de ações violentas de agentes estatais e do apoio a rebeldes em contextos de guerra e insurgência. Além disso, abrem uma discussão mais ampla sobre quais atores representam o Estado e se suporte se resume a apoio ativo e não envolve também omissão frente a atividade terrorista (BYMAN, 2020, p. 2). Tendo em mente essas ambiguidades e pontos de discussão, é possível identificar ações da Arábia Saudita e dos EAU que poderiam ser enquadradas como apoio ao terrorismo.

No que diz respeito à Arábia Saudita, o país já foi alvo de uma combinação de acusações que abarcavam desde a omissão frente ao financiamento de terrorismo até o suporte ativo da prática. O caso mais recente envolvendo o governo saudita e terrorismo foi o assassinato do jornalista dissidente Jamal Khashoggi. Em 2018, agentes da inteligência saudita viajaram até o consulado da Arábia Saudita na Turquia, onde o jornalista foi morto (BBC, 2021; BYMAN, 2020, p. 3). Essa ação configura um apoio direto ao terrorismo. Entretanto, a maior parte das acusações de terrorismo dirigidas à Arábia Saudita se referiam a um suporte menos formal envolvendo a omissão do Estado diante de atividades terroristas. Nesse tipo de situação a inação estatal se torna um apoio valioso (BYMAN, 2020, p. 7). Exemplos dessa forma de suporte ocorreram na década de 1990 quando o regime saudita permitiu que grupos atuassem em seu território divulgando ideias de apoio a causas jihadistas⁸² e angariando fundos para auxiliar militantes na Bósnia e na Chechênia (BYMAN, 2020, p. 7). Ademais, Riade já foi acusada por Washington de possuir doadores em seu território que enviavam remessas de dinheiro para o Talibã e para o Haqqani (organização militante aliada ao Talibã) (THE GUARDIAN, 2010). Em todos esses casos, a Arábia Saudita não financiou ou apoiou esses grupos e causas, mas não agiu para impedi-los.

Esse padrão de omissão se manteve até 2003 quando Riade foi ameaçada pela al-Qaeda. A partir desse acontecimento, e com auxílio estadunidense, o país passou a combater mais ativamente o financiamento terrorista (BYMAN, 2020, p. 7). Essa inação saudita era resultado de uma combinação de incapacidade com falta de disposição. Isso porque, de um lado, a baixa taxaçoão na Arábia Saudita tornava mais difícil para o aparato financeiro do país

⁸² A palavra *jihad* significa luta ou esforço em árabe, mas a definição do termo depende do contexto. O termo é às vezes traduzido erroneamente como “guerra santa”. No meio religioso e ético a palavra se refere à luta humana para promover o que é certo e prevenir o que é errado (AFSARUDDIN, 2020).

impedir o fluxo de dinheiro para causas extremistas. De outro lado, no entanto, o regime não adotava medidas para desencorajar esses fluxos, pois eles contribuía para a legitimidade do governo saudita perante religiosos e cidadãos que apoiavam as causas na Chechênia, no Afeganistão e outros países onde militantes atuavam (BYMAN, 2020, p. 7).

Apesar do desenvolvimento do sistema financeiro saudita no combate ao terrorismo a partir de 2003, a omissão do Estado perante a divulgação de ideias extremistas permaneceu. Exemplo disso, foi a inação do governo saudita diante da propagação de ideias sectárias por parte de líderes religiosos sobre o conflito que foi instaurado na Síria após a Primavera Árabe. O não impedimento desse tipo de discurso favoreceu a criação de um solo fértil para o recrutamento de militantes por parte de grupos que defendiam a violência anti-xiita como, por exemplo, o ISIS (BYMAN, 2020, p. 8). Para mais, o Estado saudita foi acusado por organizações de direitos humanos, como a *Anti-Defamation League*, de permitir a produção de material escolar, de publicações midiáticas e de pregações cujo conteúdo entendia ser aceitável violência contra judeus, cristãos, muçulmanos xiitas e membros da comunidade LGBT, dentre outros grupos (US DEPARTMENT OF STATE, 2020).

No que se refere aos EAU, esse país também não pôde se eximir das acusações de apoio ao terrorismo que ele próprio lançou contra o Catar. No caso da monarquia emiradense, o país foi acusado, principalmente de se omitir diante do uso de seu sistema financeiro para transferir dinheiro para grupos terroristas. Tal problema advém do fato dos EAU serem um grande centro financeiro e comercial internacional no qual há um uso intensivo de dinheiro e transferências com altos valores de capital. Para além desses fatores, contribui para a vulnerabilidade dos Emirados o fato de haver no país um comércio ativo em ouro, metais e pedras preciosas, bem como uma alta proporção de estrangeiros residentes, além de uma proximidade geográfica a países desestabilizados por conflitos ou terrorismo ou que sofreram sanções da ONU (FATF, 2020, p. 6). Nos últimos anos, os EAU avançaram no seu sistema de medidas de combate à lavagem de dinheiro e ao financiamento do terrorismo. Todavia, o país ainda precisa desenvolver sua capacidade de solicitar e fornecer cooperação internacional de forma rotineira e consistente a fim de se tornar um local não atrativo para atividades criminosas e para o refúgio de pessoas que agiram ilegalmente (FATF, 2020, p. 3; 5).

Como resultado da exposição do sistema financeiro emiradense e de seu sistema regulatório limitado, o país foi acusado de ser usado para doações e financiamento a diversos grupos terroristas. Doadores baseados nos Emirados forneceram suporte financeiro para

organizações como a Al Qaeda, o Talibã, o Lashkar-e-Taiba⁸³, o Hamas (BANDOW, 2017) e o Haqqani (THE GUARDIAN, 2010). Além disso, de acordo com acusações levantadas em 2010 pelos Estados Unidos, haveria negócios sediados nos EAU cujos lucros seriam enviados para grupos terroristas, bem como empresas de fachada gerenciadas por esses grupos e usadas para mover dinheiro. Soma-se a isso a acusação de que dois líderes do Talibã teriam feito viagens para os EAU no passado para angariar fundos e de que o grupo teria a prática de extorquir dinheiro de afegãos e donos de negócios sediados nos Emirados (THE GUARDIAN, 2010). Além de tudo isso, o sistema bancário emiradense fora usado pelos envolvidos no ataque de 11 de setembro aos EUA para o financiamento do ataque (LIBRARY OF CONGRESS, 2007, p. 13). Diante desses fatos, percebe-se que os EAU não poderiam ser classificados como apoiadores ativos do terrorismo. Entretanto, sua omissão frente ao uso de seu sistema financeiro para o financiamento de terrorismo coloca-o como um apoiador indireto.

Ao levar em consideração a relação da Arábia Saudita e dos EAU com o suporte a atividades terroristas, bem como a relação comercial de Abu Dhabi com Teerã, a consistência do *frame* desses países contra o Catar foi seriamente afetada. Afinal, as monarquias saudita e emiradenses apresentavam comportamentos que elas associaram à Doha e afirmaram serem prejudiciais para a estabilidade política e a segurança nos níveis regional e até mesmo mundial. Tal inconsistência entre o que os bloqueadores afirmavam e o que faziam prejudicou o quão crível seu discurso sobre o Catar parecia a outros países.

Esse problema foi agravado pela pouca credibilidade empírica do *frame* catari. Credibilidade empírica diz respeito à aparente correspondência entre um *frame* e os eventos no mundo (BENFORD; SNOW, 2000, p. 620, 1988, p. 208). Isso não significa, no entanto, que a credibilidade de um *frame* depende de quão factual ou válido ele é. Ao contrário, tal característica está ligada à possibilidade de haver algum referente empírico (evento ou fato) que embase os problemas do diagnóstico, demonstre que as medidas propostas pelo diagnóstico funcionarão de fato e/ou forneçam apoio para as falas motivacionais (BENFORD; SNOW, 2000, p. 620, 1988, p. 208). Assim, credibilidade empírica está associada a quão convincente é um discurso. A partir desse entendimento, foi possível encontrar uma grande limitação no diagnóstico construído acerca do Catar.

⁸³ O Lashkar-e-Taliban, que significa “exército dos puros” em urdu é um grupo islâmico militante do Paquistão. Apesar de sua origem, o grupo também atua na Índia, particularmente na região disputada de Jammu e Kashmir (SISSON, 2021).

Tanto os jornais quanto os governos sauditas e emiradenses apresentaram uma série de acusações contra o Catar. Em ambos os tipos de texto, porém, havia uma escassez de exemplos concretos que poderiam embasar as acusações levantadas. Essa falta de evidências prejudicou a validação empírica do diagnóstico. O principal evento apresentado pelas matérias de jornais sauditas e emiradenses como “prova” das alegações de que o Catar adotava políticas prejudiciais para a estabilidade política regional foi o suposto discurso de Al-Thani transmitido pela QNA. Tal discurso continha falas que foram usadas como comprovação de muitos pontos levantados contra o emirado catari, uma vez que nele o emir teria afirmado o apoio do país ao Hamas e ao Hezbollah, bem como defendido uma relação não-hostil com o Irã, enquanto criticava a administração de Trump. No entanto, o governo catari afirmou que esse discurso era falso e que a QNA havia sido hackeada, acusação esta posteriormente comprovada por investigação americana. Consequentemente, o principal pilar que sustentava o diagnóstico, segundo o qual o Catar contribuía para problemas regionais e mundiais com suas políticas, foi seriamente abalado.

Para além do discurso da QNA foram raras as ocasiões em que algum tipo de fato ou evento (ainda que presumido e não comprovado) foi apresentado como embasamento empírico para acusações feitas ao Catar. Quanto à acusação de apoio ao terrorismo, muitas matérias afirmaram que Doha apoiava grupos terroristas e islâmicos, mas sequer citaram os nomes desses grupos (cf AL ARABIYA, 2017d; ARAB NEWS, 2017a, 2017b; GULF NEWS, 2017a, 2017e; KHAN, 2017b, 2017c; NEWLAND, 2017; THE NATIONAL STAFF, 2017). Além disso, dessas matérias somente cinco foram um pouco mais específicas na forma como o Catar estaria a apoiar o terrorismo. Segundo os jornais, Doha facilitou exportação de pensamento terrorista (THE NATIONAL STAFF, 2017), bem como deslocamento de terroristas (AL ARABIYA, 2017d). Ademais, o Estado catari foi qualificado como passivo frente a doações de seus cidadãos para grupos terroristas e diante da entrada e permanência de terroristas em seu território (AL ARABIYA, 2017d; GULF NEWS, 2017b; 2017c; 2017e). Todavia, nenhuma dessas matérias explicou como essas ações teriam sido executadas ou apontou quais organizações terroristas foram beneficiadas.

O apoio a grupos específicos foi citado em algumas matérias. Essas afirmaram que o Catar fornecia suporte ao Hamas, ao Hezbollah, à Irmandade Muçulmana, à Al Qaeda e ao Talibã (AL ARABIYA, 2017d; ARAB NEWS, 2017a; 2017e; GULF NEWS, 2017b; 2017c; 2017d; 2017e; NEWLAND, 2017). Além disso, o governo saudita afirmou que o Catar apoiou grupos terroristas no Barein, no Iêmen e na Arábia Saudita (SAUDI PRESS AGENCY,

2017). Porém em nenhum desses casos foi apresentado algum evento ou dado que fundamentasse tais alegações.

A mesma falta de comprovação e de especificidade nas acusações de terrorismo se repetiu na alegação de que a mídia catari era uma plataforma para o terrorismo. Para validar tal afirmação, uma matéria afirmou que Osama bin Laden teria dito possuir boas relações com um canal catari com o qual a Al-Qaeda possuiria interesses comuns e que representaria uma plataforma para o grupo (AL ARABIYA, 2017d). No entanto, o nome do canal não é citado, assim como não há nenhuma prova material de que bin Laden teria emitido essa fala. Para mais, a Arábia Saudita afirmou em seu anúncio do bloqueio que a mídia catari teria sido responsável por incentivar protestos na Arábia Saudita (SAUDI PRESS AGENCY, 2017). Todavia, o país não especificou como jornais e canais teriam conseguido fazer isso. Para mais, a fala aparenta ser um meio de desqualificar os protestos pelos quais Riade passou durante a Primavera Árabe ao caracterizá-los como resultado de manipulação externa.

Tal padrão de acusações sem validação empírica se manteve na crítica à relação supostamente próxima entre Catar e Irã. Foi citada uma suposta ligação telefônica entre o emir catari e o presidente iraniano feita após a publicação da QNA, ocasião na qual os líderes teriam afirmado suas intenções de fortalecer o relacionamento entre os países (AL ARABIYA, 2017a; ARAB NEWS, 2017c). Para mais, uma notícia afirmou que um ministro catari teria realizado, na mesma semana da publicação da QNA, uma reunião secreta com Qasim Sulaimani, militar comandante das Forças Quds (GULF NEWS, 2017a). Nenhum dos jornais que publicou tais notícias, entretanto, especificou como conseguiu acessar essas conversas privadas ou forneceu alguma prova de que a ligação e o encontro sequer ocorreram.

Em continuidade ao trabalho feito pelos jornais, os discursos saudita e emiradense na Assembleia Geral da ONU levantaram acusações amplas sem fornecerem alguma base factual para elas que as tornassem mais críveis. Tanto a Arábia Saudita quanto os EAU afirmaram que o Catar desrespeitou os Acordos de Riade de 2013 e de 2014 (EMIRATES NEWS AGENCY, 2017; SAUDI PRESS AGENCY, 2017). Os mesmos Estados, porém, não apontaram quais foram as infrações cataris, citando, por exemplo, artigos violados ou a natureza da violação. Além disso, o governo emiradense acusou o Catar de adotar políticas que desestabilizaram a região (AL-NAHYAN, 2017, p. 3), sem oferecer exemplos dessas políticas e explicar seu impacto regional. O governo saudita foi um pouco mais específico ao acusar o governo catari de dividir os “postos internos sauditas, instigando contra o Estado [da Arábia Saudita] e infringindo sua soberania” (SAUDI PRESS AGENCY, 2017, tradução

nossa). Porém a maneira como o regime catari teria realizado essa interferência não foi explicitada.

Os jornais assim como os governos sauditas e emiradenses concentraram seus esforços em fazer uma série de acusações de forte peso e repeti-las diversas vezes. Não houve, porém, uma preocupação em embasá-las. Assim, para além do diagnóstico levantado contra o Catar carecer de consistência, sua base empírica também foi pouco sólida. Como resultado, a própria audiência ficou a cargo de buscar as evidências para as alegações feitas contra o Catar o que prejudicou a credibilidade empírica do *frame*. Em outros termos, a leitura que Arábia Saudita e EAU fizeram do Catar era pouco convincente. Consequentemente, os bloqueadores prejudicaram suas chances de incentivar outros países a se aproximarem da campanha que construíram contra o Catar. Assim, possíveis aderentes se distanciaram.

3.3 INDIFERENÇA FRENTE A UMA QUESTÃO LOCAL

Para além da credibilidade, o *frame* contra o Catar também apresentava limitações sérias de saliência. A primeira dessas limitações se referia à comensurabilidade experiencial, que consiste na capacidade do *frame* de ter alguma relação com a vivência e a realidade da audiência (BENFORD; SNOW, 1988, p. 209; 2000, p. 621). A comensurabilidade do diagnóstico proposto possuía grandes deficiências. Isso significou que as soluções propostas pelos bloqueadores para mudar o comportamento catari não eram compatíveis com a realidade de outros países, particularmente Estados desenvolvidos. Tal incompatibilidade se referia mais detidamente às propostas de impor um bloqueio aéreo, marítimo e terrestre contra o Catar, e de suspender as relações com a monarquia, medidas estas que poderiam trazer impactos negativos para a economia e segurança de vários países.

Uma das maiores repercussões de caráter econômico que um bloqueio poderia trazer para os Estados que se unissem a ele está relacionada à exportação catari de gás natural. O Catar abriga a terceira maior reserva de gás natural do mundo (atrás apenas de Irã e Rússia), com 24,3 trilhões de metros cúbicos de gás natural (GCC, 2020). Valor este que o coloca como o maior exportador mundial do produto (ABU SULAIB, 2017, p. 30; KINNINMONT, 2019, p. 22). Essa abundância coloca o Catar em uma posição privilegiada diante de economias cuja produção e economia dependem de derivados do carbono. Apesar de esforços globais para a redução de emissões de carbono, que têm feito muitos países procurarem fontes alternativas de energia, a posição catari ainda está relativamente segura. Isso porque, há uma

crescente demanda mundial de gás natural, em virtude desse recurso emitir menos poluentes do que petróleo e carvão (KINNINMONT, 2019, p. 22).

Como resultado da capacidade produtora e exportadora catari de um produto essencial para o funcionamento de várias economias, um bloqueio à monarquia se tornou uma medida pouco atraente diante do seu possível impacto econômico. Afinal, o Catar poderia responder aos países que se unissem ao bloqueio e à suspensão de relações com o corte no fornecimento de gás natural. Caso decidisse fazê-lo, o Catar possuía o potencial de afetar consideravelmente a economia de trinta e dois países para os quais exportava gás em 2017 (cf ITC, 2019). Dentre as nações que mais compravam o produto catari em termos de valor e volume exportado, encontravam-se a Coreia do Sul (1º lugar), a Índia (2º lugar), o Japão (3º lugar), a China (4º lugar) e o Reino Unido (8º lugar) (cf ITC, 2019). Outras economias desenvolvidas que se encontravam nessa lista em posições mais baixas eram Itália, Espanha, Bélgica, França, Holanda, Estados Unidos e Alemanha (cf ITC, 2019)⁸⁴.

Para além da exportação catari de gás natural, outro meio de Doha impactar negativamente a economia de outros países concerne seu setor financeiro. Como discutido previamente no capítulo 1, a partir de 2002 tanto o Catar quanto as demais monarquias do Golfo vivenciaram aumentos consideráveis em seus PIBs em virtude do aumento do preço do barril de petróleo, o que favoreceu a intensificação de seus investimentos externos (SZALAI, 2019, p. 163; ULRICHSEN, 2012b, p. 3). No caso catari, esses investimentos partiram majoritariamente de seus fundos soberanos (o *Qatar Investment Authority* e o *Qatar Sports Investment*) (ROBERTS, 2013, p. 1). Com a crise econômica mundial de 2008, o Catar adotou um movimento mais específico de investimentos crescentes direcionados ao continente europeu (SZALAI, 2019, p. 165). Tais investimentos foram aplicados em setores dos países-alvo que estavam sofrendo com a crise. Foi o caso, por exemplo, dos bancos britânicos e dos pequenos e médios negócios franceses (SZALAI, 2019, p. 170-172). Como resultado, Doha se tornou o maior investidor do Golfo Pérsico na Europa depois de Abu Dhabi (SZALAI, 2019, p. 165). Esses investimentos foram aplicados tanto como um instrumento para diversificação da economia catari, quanto para a promoção de vantagens políticas. Essa instrumentalização dos investimentos cataris pôde ser percebida no apoio francês à candidatura catari à Copa de 2022 como também no apoio britânico ao Qatar após o anúncio do bloqueio de 2017 (SZALAI, 2019, p. 170-173).

⁸⁴ A lista completa de países e valores exportados se encontra no Anexo AE.

O apoio britânico ao Catar assim como o fato de que nenhum país da União Europeia tomou partido no conflito entre as monarquias do Golfo pode ser interpretado como movido, em parte, pelo peso que o capital catari possui em várias economias do bloco. Caso algum país europeu no qual o Catar havia investido tivesse participado do bloqueio, o governo catari poderia ter retaliado retirando seus investimentos. Afinal, ao investir na União Europeia, o Catar tornou países europeus partes interessadas na sua sobrevivência e bem-estar (SZALAI, 2019, p. 172).

Para além do campo econômico, um bloqueio ao Catar seria negativo do ponto de vista da segurança para os Estados Unidos. Isso porque, o território catari abriga duas bases militares: o campo As Sayliyah e a base aérea de Al Udeid. A primeira é um local de armazenamento de equipamento militar enquanto a segunda é a maior base estadunidense em todo o Oriente Médio, onde residem cerca de 10.000 pessoas das tropas americanas. Ambos os locais foram muito utilizados pelas Forças Armadas americanas no combate ao ISIS (WALLIN, 2018, p. 7). Caso Washington decidisse apoiar Riade e Abu Dhabi e se unisse ao bloqueio, um dos principais problemas logísticos que o país enfrentaria seria a realocação de sua maior base para outro país. Esse problema, porém, seria agravado pelo fato de que nenhum país no Golfo possui a mesma estrutura que Al Udeid devido à ausência de um Centro de Operações Aéreas Combinadas como o existente no território catari (HENDERSON, 2017). Assim, para além da crise política e diplomática na qual os EUA se envolveriam caso decidissem apoiar o bloqueio, a potência norte-americana também teria que lidar com um grande problema logístico que afetaria sua política de segurança no Oriente Médio.

Os impactos econômico e de segurança que o apoio ao bloqueio traria para diversos países, particularmente nações desenvolvidas, afetaram sua comensurabilidade experiencial. Isso significou que o diagnóstico proposto pelo *frame* catari era pouco viável, na medida em que desconsiderou a realidade da audiência e o fato de que as soluções propostas (suspensão de relações e bloqueio) afetariam negativamente os que tomassem parte nelas.

Juntamente com a comensurabilidade, outra limitação da saliência do *frame* catari concerne sua fidelidade narrativa. Ou seja, sua capacidade de trazer questões consideradas relevantes para sua audiência, conectando-se com sua visão de mundo e com sua cultura (PINTO, 2014, p. 166). Dentre os temas levantados pelo diagnóstico contra o Catar, o terrorismo configura uma preocupação mundial. Assim, era de se esperar que a associação de Doha ao terrorismo fosse capaz de mobilizar uma grande audiência. Entretanto, dentre os grupos islâmicos citados, nem todos eram considerados terroristas fora do Oriente Médio.

Além disso, os que recebiam tal classificação possuíam, desde antes do anúncio do bloqueio, uma atuação mais restrita ao nível regional, ou já eram alvos de medidas de combate ao terrorismo mais amplas e eficientes que um bloqueio e a suspensão de relações. A combinação de classificações discutíveis, aliada à restrição geográfica de certos grupos e a insignificância das medidas contra o Catar em comparação a outras já adotadas diminuiu o tom de urgência das acusações levantadas contra o Catar que Arábia Saudita e EAU buscaram promover

Um dos grupos que Doha apoiava, segundo o *frame*, era a Irmandade Muçulmana. A organização possui braços no Egito, no Sudão, na Síria, na Palestina e no Líbano (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2020c). Além disso, há partidos políticos inspirados na Irmandade nos países compreendidos entre o Marrocos, passando pelo Golfo, até a Turquia (LAUB, 2019). Assim, a organização concentra sua atuação no Norte da África e na Península Arábica. Para além disso, os únicos países que consideravam (e ainda consideram) o grupo terrorista eram o Egito, a Arábia Saudita, os EAU e a Síria (HOLLAND, MOHAMMED, 2019). Em 2017, e posteriormente em 2019, Washington chegou a revisitar sua postura em relação à Irmandade e se o grupo deveria ser considerado terrorista. Porém, o governo americano decidiu mantê-lo fora de sua lista de organizações terroristas estrangeiras em ambas as ocasiões (HOLLAND, MOHAMMED, 2019).

Os demais grupos ligados ao Catar (Hamás, Hezbollah, ISIS, Al Qaeda e Talibã), diferentemente da Irmandade, são classificados como terroristas por diversos países fora do Oriente Médio. Entretanto, a atuação geográfica mais recente do Hamás e do Hezbollah limitou sua importância para Estados fora do Golfo. O grupo palestino é considerado terrorista pelo Canadá (AMERICAN FOREIGN POLICY COUNCIL, 2014, p. 15), pelos Estados Unidos (U.S DEPARTMENT OF STATE, 2021) e pela União Europeia (AFP, 2018). Outros países classificam somente o braço militar da organização como terrorista, como é o caso da Nova Zelândia (NEW ZELAND POLICE, 2019) e do Reino Unido (GOV.UK, 2021). Em 2018, os EUA apresentaram uma proposta na AGNU que condenava o Hamás. No entanto, a proposta não obteve a maioria de dois terços necessária para aprovação (AFP, 2018). Para além da classificação do Hamás ainda ser alvo de debates, a presença da organização é mais restrita. O grupo possui um histórico de ataques dirigidos a Israel. Assim apesar de cidadãos americanos terem morrido em incidentes, a atuação do Hamás se limita à região da Palestina e de Israel (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2018a).

O Hezbollah, por sua vez, é considerado um grupo terrorista pelos EUA (ROBINSON, 2020) e pela maioria dos membros da Liga Árabe (à exceção do Iraque e do

Líbano) (WEDEMAN, 2017), enquanto a UE atribui essa classificação ao braço armado da organização (KANTER, RUDOREM, 2013). O grupo possui um histórico de ataques contra embaixadas e cidadãos americanos e israelenses localizados em países do Oriente Médio. Na última década, o grupo tem fornecido assistência para o regime sírio, afirmando publicamente seu papel desde 2013 no conflito entre o governo e forças rebeldes sírias (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 2018b). Consequentemente, o Hezbollah partilha de um ponto em comum com o Hamas que contribuiu para reduzir a saliência das acusações de que Doha os apoiava: ambos os grupos afetam diretamente poucos países fora do Oriente Médio, sendo os EUA a exceção.

No que se refere ao ISIS, ao Talibã e à Al-Qaeda, os três grupos já eram considerados organizações terroristas pelas Nações Unidas desde antes do bloqueio. O Conselho de Segurança elaborou a partir da década de 1990 resoluções que estabeleciam sanções a serem adotadas pelos países-membros da ONU para instituições e indivíduos que possuíssem alguma ligação com esses grupos. Em 1999 o Conselho aprovou a resolução 1267(1999) que estabelecia penalidades contra o Talibã. Uma década mais tarde foram aprovadas as resoluções 1988(2011) e 1989(2011) que criaram listas separadas de sanções para o Talibã e para a Al Qaeda. Alguns anos depois, em 2015 o Conselho passou a resolução 2253(2015), por meio da qual o ISIS foi incluído na lista de medidas de combate ao terrorismo. Todas as sanções contra os três grupos terroristas foram reafirmadas em julho de 2017 (pouco depois da instauração do bloqueio ao Catar) via resolução 2368(2017). As medidas adotadas consistiam no congelamento de bens e restrição de viagens para pessoas/entidades associadas às organizações criminosas, bem como um embargo de armas a fim de evitar o fornecimento de equipamento bélico para atividades terroristas dos grupos (UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL, [201?]).

Em oposição à Irmandade Muçulmana, ao Hamas e ao Hezbollah, há um nível alto de concordância no caráter terrorista do Talibã, da Al Qaeda e do ISIS. Entretanto, paralelamente, também já existiam, na época do bloqueio, medidas recomendadas internacionalmente para o combate às atividades terroristas desses grupos. Ademais, as sanções propostas eram mais eficazes que um bloqueio e suspensão de relações contra o Catar, na medida em que não envolviam um possível conflito político e diplomático com um país, mas focavam na atuação contra grupos terroristas. Consequentemente, a acusação de que o Catar apoiava esses grupos perdeu sua fidelidade narrativa, ou seja sua capacidade de se relacionar com a realidade da sua audiência, na medida em que, apesar dessas três organizações serem preocupações mundiais, já existiam medidas para combatê-las.

Ao analisar o discurso construído acerca do Catar a partir dos critérios de credibilidade e saliência que determinam sua ressonância, foi possível, portanto, encontrar algumas falhas sérias que prejudicaram as chances de sucesso dos bloqueadores. Em primeiro lugar, faltou credibilidade para o *frame* saudita e emiradense. Afinal, Arábia Saudita e EAU já foram acusados de apoiar grupos terroristas assim como eles estavam acusando o Catar. Contribuiu para a essa falta de consistência o fato dos EAU possuírem uma relação comercial intensa com o Irã ao mesmo tempo em que criticaram o Catar por sua proximidade com o vizinho persa. Somou-se a isso o fato de Riade e Abu Dhabi não terem se preocupado em fornecer comprovações empíricas suficientes das acusações lançadas contra Doha. O acúmulo dessas limitações fez com que os próprios países bloqueadores prejudicassem suas chances de incentivar outros países a se aproximarem da campanha que construíram contra o Catar. Assim, possíveis aderentes se distanciaram do bloqueio.

Para mais, houve deficiências do ponto de vista da saliência. Como o Qatar é um grande exportador de gás natural, bem como um grande investidor em países desenvolvidos, ele seria capaz de impactar negativamente a economia de muitos Estados. Ademais, Doha sedia a maior base militar dos EUA no Golfo, de maneira que Washington teria que encontrar outro país para aloca-la caso decidisse apoiar o bloqueio. Todavia, não havia alternativa para Al Udeid no Golfo. Para mais, apesar do terrorismo ser uma preocupação mundial, os grupos islâmicos mencionados possuíam uma atuação mais limitada ao Oriente Médio, nem todos eram classificados como terroristas por um número elevado de países e, para os que eram, já havia medidas de combate sendo implementadas. O resultado das deficiências na comensurabilidade experiencial e na fidelidade narrativa da campanha contra Doha foi a indiferença internacional frente ao bloqueio. Afinal o discurso bloqueador não soube dialogar com a realidade da sua audiência e se mostrar relevante para ela.

Esse acúmulo de limitações se sobrepôs à intensa campanha midiática contra o Catar e à seriedade da acusação de que Doha estaria colocando a estabilidade e a segurança regional e mundial em risco com suas políticas. Notou-se, portanto, que os regimes saudita e emiradense superestimaram sua capacidade de convencimento ao não se preocuparem com a coerência de suas falas e seus comportamentos e ao não fornecerem provas de suas acusações. Ademais, esses mesmos governos não souberam ler a realidade da sua audiência acerca da questão do terrorismo e ignoraram o peso econômico e securitário que o Catar possuía para países fora do Golfo. Um resumo desses pontos se encontra no Quadro 6.

Quadro 6: Limitações do *frame* contra o Catar.

Limitações	
Credibilidade	<p>Consistência:</p> <p>1) Arábia Saudita e EAU já foram acusados de apoiar grupos terroristas assim como eles estavam acusando o Catar;</p> <p>2) Os EAU possuíam uma relação comercial intensa com o Irã ao mesmo tempo em que criticam o Catar por sua proximidade com o vizinho persa.</p>
	<p>Credibilidade empírica:</p> <p>1) Arábia Saudita e EAU não se preocuparam em fornecer comprovações empíricas suficientes para as acusações contra o Catar.</p>
Saliência	<p>Comensurabilidade experiencial:</p> <p>1) O Qatar é um grande exportador de gás natural, bem como um grande investidor em países desenvolvidos, portanto, ele seria capaz de impactar negativamente a economia de muitos Estados.</p> <p>2) O Qatar sedia a maior base militar dos EUA no Golfo sem que haja um equivalente no Golfo.</p>
	<p>Fidelidade narrativa:</p> <p>1) Os grupos islâmicos associados ao Catar possuíam uma atuação mais limitada ao Oriente Médio, nem todos eram classificados como terroristas por um número elevado de países e, para os que eram, já havia medidas de combate sendo implementadas.</p>

Fonte: elaboração própria (2021).

CONCLUSÃO

O bloqueio de 2017 ao Catar liderado por Arábia Saudita e EAU foi um remédio falho a um conjunto de tensões acumuladas ao longo de quase três décadas entre as três monarquias do Golfo. Os atritos entre os três Estados começaram quando o Catar passou por uma mudança de liderança. Essa trouxe consigo uma nova política externa orientada para a busca de independência das potências regionais do Golfo e de uma maior presença internacional. Por meio de uma estratégia cultural e política financiada por reservas de gás natural e investimentos externos, Doha evitou estar totalmente inserido dentro das zonas de influência de Riade e Teerã, bem como se afastou do anonimato de um Estado pequeno. Todavia, ao fazer isso, o país tensionou suas relações com seus vizinhos árabes.

Essa tensão chegou a um ponto limite com a Primavera Árabe. Nesse momento o regime catari abandonou a neutralidade política de um mediador e passou a intervir ativamente no Oriente Médio, explicitamente divergindo da política saudita e emiradense no Egito, na Líbia e na Síria, bem como apoiando grupos islâmicos nesses países e na Tunísia. Desse momento em diante, a política externa catari deixou de ser meramente um empreendimento ambicioso de um pequeno Estado e se tornou um desafio ao status quo regional.

Em resposta ao comportamento do Catar, Arábia Saudita e EAU começaram a reagir a seu irmão catari que falava alto (geralmente por meio da Al Jazeera árabe), mas que carregava um bastão pequeno (NEWLAND, 2017). A primeira reação concreta ao comportamento catari foi a suspensão de relações entre os três países mais o Barein em 2014 pouco depois de uma mudança de rei catari. Essa ação teve resultados mínimos na forma da expulsão de membros da Irmandade Muçulmana de Doha e do fechamento de uma estação da Al Jazeera no Egito. A política externa catari, entretanto, não sofreu mudanças substanciais. Ao contrário, o recém-empossado emir manteve as orientações herdadas de seu pai.

As condições aparentemente ideais para uma nova ação contra o Catar surgiram alguns anos depois com a eleição de Trump para o governo estadunidense. A nova administração deu sinais de ter um posicionamento para o Golfo mais alinhado com os interesses sauditas e emiradenses. Posição esta que fora consolidada na Conferência Árabe Islâmica-Americana em maio de 2017. Assim, os regimes da Arábia Saudita e dos EAU se viram diante de uma nova oportunidade para frear e mudar a política externa do Catar. Porém, agora os países poderiam contar com o apoio de um ator de peso no cenário internacional.

A nova empreitada contra o Catar começou então com a produção de uma notícia falsa. Essa foi o estopim para o início de uma crise que chegaria ao seu ápice rapidamente, com o anúncio do bloqueio cerca de duas semanas depois. Segundo a notícia publicada por meio de *hacking* à emissora QNA, o emir Al-Thani teria emitido um discurso no qual defendia uma relação não contenciosa com o Irã; afirmava seu apoio ao Hamas e ao Hezbollah, qualificando-os como grupos legítimos; reiterava as boas relações com Israel; criticava a administração de Trump ao mesmo tempo em que afirmava que a presença americana em Al Udeid protegia seu país de vizinhos; alegava que o Catar seria alvo de uma campanha promovida por países do Golfo; e rejeitava acusações de terrorismo. Essas falas foram logo reportadas por jornais sauditas e emiradenses que as trataram como verdadeiras e usaram-nas como base e comprovação para uma série de críticas tecidas contra o Catar.

Uma vez que o suposto discurso do emir catari foi publicado, deu-se início a um comportamento hostil das mídias em direção a uma das monarquias da região, algo inédito no histórico de desavenças regionais. Os jornais sauditas e emiradenses construíram associações ao Catar por meio das quais o país foi acusado de uma série de políticas que favoreciam a expansão do terrorismo e o aumento da instabilidade regional. Tais associações foram consolidadas via repetição e posteriormente resgatadas pelos governos da Arábia Saudita e dos EAU em seus anúncios do bloqueio e discursos perante à AGNU. A combinação de matérias de jornais e discursos governamentais construiu uma imagem do Catar segundo a qual o país adotava políticas que promoviam a insegurança regional e mundial. Essas políticas consistiam na relação próxima com o Irã, no suporte a grupos terroristas e na omissão diante de uma mídia que dava palanque à grupos terroristas. Tais comportamentos colocavam Doha na direção oposta das políticas dos demais países do Golfo, particularmente dos membros do CCG.

Diante do papel do regime catari em contribuir com o terrorismo e a insegurança regional por meio de suas políticas, os governos da Arábia Saudita e dos EAU, juntamente com Egito e Barein, adotaram medidas para forçar o país a rever sua postura. Os regimes saudita e emiradense declararam a suspensão das relações com Doha como haviam feito anteriormente. Porém, dessa vez os países incluíram a medida inédita de instaurar um bloqueio aéreo, terrestre e marítimo contra o país. Além disso, exigiram a saída de cidadãos cataris de seus territórios e o retorno de seus nacionais; bem como o cumprimento dos acordos de Riade de 2013 e 2014.

A fim de engajar e mobilizar outros países a tomarem parte na crise com o Catar em apoio aos bloqueadores, tanto jornais quanto governos sauditas e emiradenses se empenharam

em apresentar a situação como algo que ultrapassava as fronteiras do Golfo. Houve um esforço por parte de representantes da Arábia Saudita e dos EAU de inserirem as políticas cataris dentro de um contexto mais amplo de terrorismo e instabilidade nos níveis regional e mundial para o qual o país estaria contribuindo. Os jornais, de sua parte buscaram demonstrar repetidas vezes como os grupos que foram associados ao Catar (Hamas, Hezbollah, Al Qaeda, Talibã e Irmandade Muçulmana) eram considerados terroristas por nações fora do Oriente Médio. Para mais, esses mesmos jornais também procuraram mostrar como a ligação do regime catari com o terrorismo era algo atestado internacionalmente. A preocupação de jornais e governos de validar suas acusações perante o olhar internacional foi algo discernido claramente.

A despeito dos esforços dos países bloqueadores de construir uma imagem negativa do Catar, essa foi recebida com um misto de distanciamento e indiferença. Isso porque, havia algumas deficiências profundas na credibilidade e na saliência do discurso desenvolvido. A primeira dessas deficiências abrangia um aspecto fundamental do *frame* contra Doha: sua consistência. Arábia Saudita e EAU, os mesmos países que acusavam o Catar de apoiar o terrorismo, já haviam sido alvos da mesma acusação. Aprofundou essa falta de coerência o fato de os EAU criticarem a proximidade catari com o Irã, enquanto mantinham uma relação comercial intensa com o vizinho persa. Como agravante para a credibilidade da narrativa sobre o Catar, Riade e Abu Dhabi não forneceram comprovações empíricas suficientes das acusações lançadas contra Doha. As associações construídas entre o Catar e as políticas que ele adotava, que prejudicavam a segurança regional e mundial, eram sustentadas somente por suposto discurso. Frente a essas limitações, o *frame* sobre o Estado catari não conseguiu ser crível o suficiente, levando ao distanciamento de possíveis aderentes do bloqueio.

Para mais, o discurso bloqueador não soube dialogar com a realidade da sua audiência e se mostrar relevante para ela. Do ponto de vista da comensurabilidade experiencial a posição catari de grande exportador de gás natural e investidor em países desenvolvidos o tornava capaz de impactar negativamente a economia de muitos Estados. Ademais, Doha sedia a maior base militar dos EUA no Oriente Médio, não havendo outro país para o qual ela poderia ser alocada. Outra falha séria envolvia a fidelidade narrativa acerca da acusação de associação com grupos terroristas. Nem todos os grupos islâmicos citados eram classificados como terroristas e os que eram possuíam uma atuação mais limitada ao Oriente Médio, bem como já havia medidas de combate para as atividades deles.

Graças à aplicação do *framing* foi possível entender por que o discurso dos países bloqueadores e dos jornais produzidos em seus territórios não conseguiu mobilizar uma quantidade significativa de Estados, particularmente potências, em favor do bloqueio. Assim, ainda que o conceito de *framing* tenha sido desenvolvido em um contexto geográfico específico, ele conseguiu ser útil em um estudo de área do Oriente Médio. Isso, por sua vez, atesta sua capacidade de ser replicado em estudos envolvendo outras regiões do mundo. Isso não significa, no entanto, que esse conceito possui aplicação universal nem que ele não deve ser adaptado às especificidades de cada região em estudos que usem esse instrumental teórico. O sucesso da aplicação do *framing*, porém, demonstra que há casos em que é possível utilizar conceitos de Relações Internacionais em estudos de área com o benefício de tornar as dinâmicas dessa região inteligíveis para leitores não familiarizados com as mesmas e para pesquisadores que não estejam inseridos no contexto regional que eles estudam como é o caso da autora.

O *framing* permitiu, portanto, concluir que Arábia Saudita e EAU cometeram um erro de cálculo no discurso construído sobre o Catar para justificar a suspensão de relações e a imposição de um bloqueio. Os líderes do bloqueio não conseguiram mobilizar outros países a se unirem ao bloqueio, pois superestimaram sua capacidade de convencimento e subestimaram a importância econômica e de segurança do Catar. Riade e Abu Dhabi parecem ter chegado a essa difícil conclusão em janeiro de 2021 quando o bloqueio foi encerrado.

Em 5 de janeiro de 2021, duas semanas antes do mandato de Trump terminar, os representantes dos seis Estados membros do CCG se reuniram em uma conferência do bloco na qual decidiram encerrar o bloqueio imposto ao Catar e normalizar as relações entre os países (RAMANI, 2021). Segundo o ministro das relações exteriores saudita “uma resolução de todas as áreas de diferenças e uma restauração de todos os laços diplomáticos” foi acordada na conferência. Além disso, o ministro acrescentou que esse acordo “será uma fundação forte e importante para o futuro da região e sua estabilidade”⁸⁵ (AL OTHMAN, ELBAHRAWY, NEREIM, 2021, tradução nossa).

No entanto, a disputa entre os países terminou sem um compromisso de mudança da parte do Catar e sem nenhuma retratação por parte de Arábia Saudita e dos EAU. Assim, o fim do bloqueio aparenta ser resultado mais de exaustão e preocupação do príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, com sua imagem frente à administração americana recém-

⁸⁵ No original em inglês: “a resolution of all areas of differences and a restoration of all diplomatic ties” e “it will be a strong and important foundation to the future of the region and its stability” (AL OTHMAN, ELBAHRAWY, NEREIM, 2021).

eleita de Biden do que fruto de uma conciliação (RAMANI, 2021). Conclui-se que as divergências que levaram ao bloqueio de 2017 não foram resolvidas. Assim, as tensões entre Riade, Abu Dhabi e Doha permanecem, podendo vir à superfície mais uma vez no futuro. Da próxima vez, no entanto, a disputa entre as monarquias pode resultar em algo mais sério do que um bloqueio falho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU SULAIIB, F. M. Understanding Qatar's foreign policy, 1995-2017. **Middle East Policy**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 29-44, 06 dez. 2017. The Gulf. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/mepo.12306>. Acesso em: 12 jan. 2021.

AFP. UN General Assembly rejects US resolution to condemn Hamas. **DW**. 2018. Disponível em: <https://www.dw.com/en/un-general-assembly-rejects-us-resolution-to-condemn-hamas/a-46623413>. Acessado em: 29 abril 2021.

AFP. In Qatar, Arab modern art gets its first museum. **The Independent**, 2011. Disponível: <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/art/qatar-arab-modern-art-gets-its-first-museum-2220228.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.

AFSARUDDIN, A. Jihad. **Encyclopedia Britannica**. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/jihad>. Acessado em: 27 abril 2021.

AL ARABIYA. Dhahi Khalfan says Qatar favors Iran, Muslim Brotherhood over Arab countries. **Al Arabiya**, [s. l.], 24 maio 2017e. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/en/features/2017/05/24/Dubai-s-ex-police-chief-says-Qatar-favors-Iran-Muslim-Brotherhood-over-Arab-countries.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

AL ARABIYA. Hezbollah and Qatar - a story of forbidden love? **Al Arabyia**, [s. l.], 27 maio 2017c. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/en/features/2017/05/27/Hezbollah-and-Qatar-a-story-of-forbidden-love-.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

AL ARABIYA. Qatari Emir: Doha has 'tensions' with the Donald Trump administration. **Al Arabyia**, [s. l.], 24 maio 2017b. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/en/News/gulf/2017/05/24/Qatar-says-Iran-an-Islamic-power-its-ties-with-Israel-good-.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

AL ARABIYA. Qatar's Emir Tamim calls Iran's President Rouhani seeking 'deepening of ties'. **Al Arabyia**, [s. l.], 27 maio 2017a. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/en/News/gulf/2017/05/27/Qatar-s-Emir-Tamim-calls-Iran-s-President-Rouhani-seeking-deepening-of-ties-.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

AL ARABIYA. What Bin Laden documents reveal about his relations with Qatar. **Al Arabyia**, [s. l.], 26 maio 2017d. Disponível em: <https://english.alarabiya.net/en/perspective/features/2017/05/26/What-Bin-Laden-documents-reveal-about-his-relations-with-Qatar.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

AL JAZEERA. Arab states issue 13 demands to end Qatar-Gulf crisis. **Al Jazeera**, [s. l.], 12 jul. 2017b. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2017/06/arab-states-issue-list-demands-qatar-crisis-170623022133024.html>. Acesso em: 16 fev. 2020.

AL JAZEERA. Qatar-Gulf crisis: Your questions answered. **Al Jazeera**, [s. l.], 05 jun. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2020/6/5/qatar-gulf-crisis-your-questions-answered>. Acesso em: 11 jan. 2021.

AL JAZEERA. Saudi-led blockade on Qatar "breaking up families". **Al Jazeera**, [s. l.], 09

jun. 2017a. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/06/saudi-led-blockade-qatar-breaking-families-170609131754141.html>. Acesso em: 26 maio 2020.

AL JAZEERA. Sheikh Tamim: Any talks must respect Qatar sovereignty. **Al Jazeera**, [s. l.], 22 jul. 2017c. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2017/07/sheikh-tamim-talks-respect-qatar-sovereignty-170721184815998.html>. Acesso em: 03 jun. 2020.

ALJAZEERA MEDIA NETWORK. What We Stand For. **Aljazeera Media Network**, [s. l., 201-?]. About Us. Disponível em: <https://network.aljazeera.net/about-us/our-values>. Acesso em: 12 jan. 2021.

AL JAZEERA MEDIA NETWORK. Sheikh Hamad bin Thamer Al Thani: Chairman of Board of Directors. **Al Jazeera Media Network**, [s. l., 201-?]. Disponível em: <https://network.aljazeera.net/about-us/management-profiles/sheikh-hamad-bin-thamer-al-thani>. Acesso em: 26 jun. 2020.

AL-NAHYAN, S. A. B. Z. **Statement before The General Debate of the 72nd session of the United Nations General Assembly**. Nova Iorque: Permanent mission of the United Arab Emirates to the United Nations, 22 set. 2017. Disponível em: https://gadebate.un.org/sites/default/files/gastatements/72/ae_en.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

AL OTHMAN, R.; ELBAHRAWY, F.; NEREIM, V. Arab states to restore ties with Qatar as three-year rift ends. **Bloomberg**. 2021. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2021-01-05/saudi-arabia-says-arab-states-to-fully-restore-ties-with-qatar>. Acessado em: 7 mai 2021.

AMERICAN FOREIGN POLICY COUNCIL. Canada. In.: **World Almanac of Islamism**. American Foreign Policy Council. Rowman & Littlefield. Reino Unido. 2014, p. 11- 25.

ARAB Islamic American Summit: Historic summit. Brighter future. Riade, 2017.

Disponível em:

<https://web.archive.org/web/20170521020027/https://www.riyadhsummit2017.org/#about>. Acesso em: 13 out. 2020.

ARAB NEWS. Hack or attack? Qatari emir’s allegedly contrarian “comments” unsettle neighbors. **Arab News**, [s. l.], 25 maio 2017b. Disponível em:

<https://www.arabnews.com/node/1104556/saudi-arabia>. Acesso em: 04 set. 2020.

ARAB NEWS. Haftar Doha aiding terror outfits in Libya. **Arab News**, [s. l.], 30 maio 2017e. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/1107261/middle-east>. Acesso em: 04 set. 2020.

ARAB NEWS. Pro-Iran, pro-terror group’s comments attributed to Qatari Emir sparks GCC outrage. **Arab News**, [s. l.], 24 maio 2017a. Disponível em:

<https://www.arabnews.com/node/1104081/middle-east>. Acesso em: 04 set. 2020a.

ARAB NEWS. Qatar-backed website slammed over cartoon showing Trump “summoning devil”. **Arab News**, [s. l.], 30 maio 2017d. Disponível em:

<https://www.arabnews.com/node/1107221/media>. Acesso em: 04 set. 2020.

ARAB NEWS. Qatar’s emir wants ties with Iran to be ‘stronger than ever before’. **Arab**

News, [s. l.], 28 maio 2017c Disponível em:

<https://www.arabnews.com/node/1106196/middle-east%0A04%0A>. Acesso em: 04 set. 2020.

ARAB NEWS. US helping Qatar probe website hacking. **Arab News**, [s. l.], 04 jun. 2017f.

Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/1109691/middle-east>. Acesso em: 04 set. 2020.

ASSOCIATED PRESS. Qatar state news agency ‘hacked with fake positive story about Israel and Iran’. **The Telegraph**, [Londres], 24 maio 2017. Disponível em:

<https://www.telegraph.co.uk/news/2017/05/24/qatar-state-news-agency-hacked-fake-positive-story-israel-iran/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

BAHRY, L. Y. The New Arab Media Phenomenon: Qatar’s Al-Jazeera. **Middle East Policy Council**, v. 8, n. 2, verão 2001. Disponível em: <https://mepc.org/journal/new-arab-media-phenomenon-qatars-al-jazeera>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BANDOW, D. Saudi Arabia and United Arab Emirates should put own houses in order before accusing Qatar. **Forbes**. 2017. Disponível em:

<https://www.forbes.com/sites/doughbandow/2017/06/30/saudi-arabia-and-united-arab-emirates-should-put-own-houses-in-order-before-accusing-qatar/?sh=3822eb3b19bf>. Acessado em: 27 abril de 2021.

BARAKAT, S. Qatari Mediation: Between Ambition and Achievement. **Brookings Doha Center Analysis Paper**, Doha: Brookings Doha Center, n. 12, nov. 2014. Disponível em:

<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Final-PDF-English.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2021.

BBC. Jamal Khashoggi: All you need to know about Saudi journalist’s death. **BBC**. 2021.

Disponível: <https://www.bbc.com/news/world-europe-45812399>. Acessado em: 27 abril 2021.

BBC. Q&A: Afghan Taliban open Doha office. **BBC**, [s. l.], 20 jun. 2013. Disponível em:

<https://www.bbc.com/news/world-asia-22957827>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BBC. Saudi-led bloc modifies demands to end Qatar crisis. **BBC**, [s. l.], 19 jul. 2017. Qatar crisis. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-40654023>. Acesso em: 26 maio 2020.

BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. Framing Processes and Social Movements: an Overview and Assessment. **Annual Review of Sociology**, v. 26, n. 1, p. 611-639, ago. 2000. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.soc.26.1.611>. Acesso em: 13 jan. 2021.

BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization. *In*: KLANDERMANS, B.; KRIESI, H.; TARROW, S. G. (Ed.). **From structure to action: comparing social movement research across cultures**. Greenwich, Londres: JAI, 1988. p. 197-217.

BIANCO, C.; STANSFIELD, G. The intra-GCC crises: Mapping GCC fragmentation after 2011. **International Affairs**, [Londres]: Chatham House, v. 94, n. 3, p. 613-635, 01 maio 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ia/iiy025>. Acesso em: 11 jan. 2021.

BOOTH, R. WikiLeaks cables claim al-Jazeera changed coverage to suit Qatari foreign policy. **The Guardian**, [Londres], 06 dez. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2010/dec/05/wikileaks-cables-al-jazeera-qatari-foreign-policy>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRANNAGAN, P. M.; GIULIANOTTI, R. The soft power-soft disempowerment nexus: The case of Qatar. **International Affairs**, [Londres]: Chatham House, v. 94, n. 5, p. 1139-1157, 01 set. 2018.

BRANNAGAN, P. M.; ROOKWOOD, J. Sports mega-events, soft power and soft disempowerment: international supporters' perspectives on Qatar's acquisition of the 2022 FIFA World Cup finals. **International Journal of Sport Policy and Politics**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 1-16, fev. 2016.

BYMAN, Daniel. Understanding, and Misunderstanding, State Sponsorship of Terrorism. **Studies in Conflict & Terrorism**. 2020, p. 1-19.

CAFIERO, G.; WAGNER, D. Iran Exposes the Myth of GCC Unity. **The National Interest**. [s. l.: The Center for the National Interest]: 07 set. 2015. Politics. Disponível em: <https://nationalinterest.org/feature/iran-exposes-the-myth-gcc-unity-13787>. Acesso em: 25 jun. 2020.

COLOMBO, S. The GCC countries and the Arab Spring: Between outreach, patronage and repression. **Istituto Affari Internazionali working Papers**, Roma, v. 12, n. 9, p. 163-178, mar. 2012. Disponível em: <https://www.iai.it/en/pubblicazioni/gcc-countries-and-arab-spring-0>. Acesso em: 13 jan. 2021.

COMMINS, D. D. *et al.* Uprising and civil war. In: COMMINS, D. D. *et al.* Syria. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 03 set. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Syria/Uprising-and-civil-war#ref1204960>. Acesso em: 25 out. 2020.

COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. **10 Most Censored Countries: Saudi Arabia**. [S. l.], 02 maio 2012. Disponível em: <https://www.refworld.org/type,COUNTRYREP,CPJ,SAU,502cb017c,0.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

COMMITTEE TO PROTECT JOURNALISTS. 10 Most Censored Countries. **Committee to Protect Journalists**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://cpj.org/reports/2019/09/10-most-censored-eritrea-north-korea-turkmenistan-journalist/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

COOPERATION COUNCIL FOR THE ARAB STATES OF THE GULF. The Charter. **Cooperation Council for the Arab States of the Gulf**, Abu Dhabi, 25 maio 1981. About GCC. Disponível em: <https://www.gcc-sg.org/en-us/AboutGCC/Pages/Primarylaw.aspx>. Acesso em: 04 jun. 2020.

DERICHS, Claudia. Shifting epistemologies in area Studies: From Space to Scale. **Middle East--Topics&Arguments**, 2015, v.4, pp. 29---36.

DICKINSON, E. The Case Against Qatar. **Foreign Policy**, [s. l.], 30 set. 2014. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2014/09/30/the-case-against-qatar/>. Acesso em: 27 jun. 2020.

DOBBINS, J. *et al.* The other actors. In: DOBBINS, J. *et al.* (Ed.). **Coping with a Nuclearizing Iran**. [s. l.]: RAND, 2011.

EGEL, D. *et al.* **The Outlook for Arab Gulf Cooperation**. Santa Monica: RAND, 2016.

EL-DESSOUKI, Ayman; MANSOUR, Ola Rafik. Small states and strategic hedging: the United Arab Emirate's policy towards Iran. **Review of Economics and Political Science**. Emerald Publishing Limited. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Al-Qaeda: Islamic militant organization. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 06 fev. 2019a. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/al-Qaeda>. Acesso em: 15 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Emir: islamic title. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 05 out. 2016. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/emir>. Acesso em: 26 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Hamas: Palestinian nationalist movement. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 17 jan. 2019b. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hamas>. Acesso em: 15 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Hezbollah: Lebanese organization. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 20 ago. 2020a. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hezbollah>. Acesso em: 15 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Islamic Revolutionary Guard Corps: Iranian armed forces. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 22 jan. 2020b. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Islamic-Revolutionary-Guard-Corps>. Acesso em: 11 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Islamic State in Iraq and the Levant: militant organization. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 28 out. 2019c. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Islamic-State-in-Iraq-and-the-Levant>. Acesso em: 25 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Muslim Brotherhood. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 11 set. 2020c. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Muslim-Brotherhood>. Acesso em: 15 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Palestinian Authority. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 02 jul. 2020d. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Palestinian-Authority>. Acesso em: 16 jan. 2021

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Quds Force: Iranian organization. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 22 jan. 2020e. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Quds-Force>. Acesso em: 11 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Red Cross and Red Crescent. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 26 mai. 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Red-Cross-and-Red-Crescent>. Acesso em: 16 jan. 2021.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Sheikh: Arabic title. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 11 set. 2020f. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/sheikh>. Acesso em: 26 out. 2020.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Taliban: political and religious faction, Afghanistan. **Encyclopaedia Britannica**, [s. l.], 16 set. 2020g. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Taliban>. Acesso em: 15 out. 2020.

EMIRATES NEWS AGENCY. UAE supports statements of Kingdom of Bahrain and Kingdom of Saudi Arabia on Qatar. **Emirates News Agency**, 05 jun. 2017. Disponível em: <https://www.wam.ae/en/details/1395302617576>. Acesso em: 30 ago. 2020.

EUROPEAN COMMISSION. Gulf region - Trade picture. **European Commission**, 2017. Disponível em: <https://ec.europa.eu/trade/policy/countries-and-regions/regions/gulf-region/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

FATF. Anti-money laundering and counter-terrorist financing measures. United Arab Emirates. Mutual Evaluation Report. **The Financial Action Task Force**. 2020

FILKINS, D. A Saudi Prince's Quest to Remake the Middle East. **New Yorker**, [s. l.], 02 abr. 2018. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2018/04/09/a-saudi-princes-quest-to-remake-the-middle-east>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FREEDOM HOUSE. Freedom in the world 2019: Saudi Arabia. **Freedom House**, Washington, [2019]a. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/saudi-arabia/freedom-world/2019>. Acesso em: 27 ago. 2020.

FREEDOM HOUSE. Freedom in the world 2019: United Arab Emirates. **Freedom House**, Washington, [2019]b. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/united-arab-emirates/freedom-world/2019>. Acesso em: 26 ago. 2020.

FORSYTH, Jenny. Qatar Investment Authority sells a third of its stake in LSE Group. *CityA.M.*, 2014. Disponível em: [qatar-investment-authority-sells-third-its-stake-lse-group/](http://www.cityam.com/qatar-investment-authority-sells-third-its-stake-lse-group/). Acesso em: 22 dez. 2020.

GCC. About GCC. Member States. State of Qatar. **Secretariat General for the Gulf Cooperation Council**. 2021. Disponível em: <http://www.gcc-sg.org/en-us/AboutGCC/MemberStates/Pages/MemberStatesDetails.aspx?MemberID=5>. Acesso em: 29 abril 2021.

GOFFMAN, E. **An essay on the organization of experience**: frame analysis. Boston: Northeastern University, 1974.

GOV.UK. Proscribed terrorist groups or organisations. Policy paper. **Home Office**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/publications/proscribed-terror-groups-or-organisations--2/proscribed-terrorist-groups-or-organisations-accessible-version>. Acessado

em: 29 abril 2021.

GULF NEWS. Gulf slams Qatar stance on Iran and Hezbollah. **Gulf News**, [s. l.], 24 maio 2017c. Disponível em: <https://gulfnews.com/uae/government/gulf-slams-qatar-stance-on-iran-and-hezbollah-1.2032760>. Acesso em: 30 ago. 2020.

GULF NEWS. Qatar Emir stirs controversy by defending Iran and Hezbollah. **Gulf News**, [s. l.], 24 maio 2017b. Disponível em: <https://gulfnews.com/world/gulf/qatar/qatar-emir-stirs-controversy-by-defending-iran-and-hezbollah-1.2032324>. Acesso em: 30 ago. 2020.

GULF NEWS. Qatar must stop undermining GCC interests. **Gulf News**, [s. l.], 25 maio 2017d. Disponível em: <https://gulfnews.com/opinion/editorials/qatar-must-stop-undermining-gcc-interests-1.2033064>. Acesso em: 30 ago. 2020.

GULF NEWS. Secret Qatari-Iranian meeting held in Baghdad: report. **Track Persia**, [s. l.], 30 maio 2017a. Disponível em: <https://www.trackpersia.com/secret-qatari-iranian-meeting-held-baghdad/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

GULF NEWS. US contemplates sanctions against Qatar. **Gulf News**, [s. l.], 24 maio 2017e. Disponível em: <https://gulfnews.com/world/gulf/qatar/us-contemplates-sanctions-against-qatar-1.2032709>. Acesso em: 30 ago. 2020.

GULF NEWS. What are the 13 demands given to Qatar? **Gulf News**, [s. l.], 23 jun. 2017f. Disponível em: <https://gulfnews.com/world/gulf/qatar/what-are-the-13-demands-given-to-qatar-1.2048118>. Acesso em: 28 maio. 2020.

GULF STATES NEWSLETTER. Organising the Opposition. **Gulf States Newsletter**, [s. l.], v. 24, n. 613, p. 2, 1999.

HALLIDAY, Fred. **The Middle East in International Relations. Power, Politics and Ideology**, Cambridge, Cambridge University Press. 2005.

HENDERSON, S. WHAT TO DO ABOUT AL-UDEID AIR BASE. In.: **U.S. Options in the Qatar crisis**. The Washington Institute for Near East Policy. Lori Plotkin Boghardt, Simon Henderson, Matthew Levitt, Katherine Bauer 2017. Disponível em: <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/us-options-qatar-crisis>. Acessado em: 29 abril 2021.

HOLLAND, S.; MOHAMMED, A. Trumps weighs labelling Muslim Brotherhood a terrorist group. **Reuters**. 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-muslimbrotherhood-idUSKCN1S6159>. Acessado em: 29 abril 2021.

HOUNSHELL, B. The Qatar Bubble. **Foreign Policy**, [s. l.], 23 abr. 2012. In box. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2012/04/23/the-qatar-bubble/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

HUMAN RIGHTS WATCH. World Report 2020: Yemen. **Human Rights Watch**, [Nova Iorque, 2020]. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2020/country-chapters/yemen>. Acesso em: 26 maio 2020.

ITC. Listo of importing markets for a product exported by Qatar. Product: 271111 Natural

gas, liquefied. Trade Map. **International Trade Center**. 2019. Disponível em: https://www.trademap.org/Country_SelProductCountry_TS.aspx?nvpm=1%7c634%7c%7c%7c%7c271111%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c2%7c1%7c2%7c1%7c1%7c1. Acesso em: 29 abril 2021.

JAHNER, A. Saudi Arabia and Iran: The Struggle for Power and Influence in the Gulf. **International Affairs Review**, [Londres]: Chatham House, v. 20, n. 3, p. 37-49 2012.

JOHNSTON, H.; NOAKES, J. A. Frames of Protest: a road map to a perspective. *In*: JOHNSTON, H.; NOAKES, J. A. (Eds.). **Frames of Protest: Social Movements and the Framing Perspective**. [S. l.]: Rowman and Littlefield, 2005. p. 1-32.

KAMRAVA, Mehran. **Qatar: Small State, Big Politics** . 1ª ed. Nova Iorque. Cornell University. 2013.

KANTER, J.; RUDOREM, J. European Union Adds Military Wing of Hezbollah to list of terrorist organizations. **The New York Times**. 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/07/23/world/middleeast/european-union-adds-hezbollah-wing-to-terror-list.html>. Acessado em: 29 abril 2021.

KARAM, J. Sanctions, leaving military base ‘possible options against Qatar’. **Arab News**, [s. l.], 27 maio 2017. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/1105866/world>. Acesso em: 04 set. 2020.

KATZMAN, K. **Qatar: Governance, Security, and U.S. Policy**. [Washington, DC]: United States Congressional Research Service, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/R44533.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

KHAN, Taimur. Gargash says Qatar’s behaviour threatens stability in the Gulf. **The National**, [s. l.], 28 maio 2017c. Disponível em: <https://www.thenational.ae/world/gargash-says-qatar-s-behaviour-threatens-stability-in-the-gulf-1.29095>. Acesso em: 03 set. 2020.

KHAN, Taimur. Qatar Emir in Kuwait for talks on resolving GCC row. **The National**, [s. l.], 31 maio 2017a. Disponível em: <https://www.thenational.ae/world/gcc/qatar-emir-in-kuwait-for-talks-on-resolving-gcc-row-1.74694>. Acesso em: 03 set. 2020.

KHAN, T. Renewed tensions with Qatar arise from old, unresolved issues. **The National**, [s. l.], 30 maio 2017b. Disponível em: <https://www.thenational.ae/world/renewed-tensions-with-qatar-arise-from-old-unresolved-issues-1.51297>. Acesso em: 03 set. 2020.

KHATIB, L. Qatar’s foreign policy: The limits of pragmatism. **International Affairs**, [Londres]: Chatham House, v. 89, n. 2, p. 417-431, 11 mar 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-2346.12025>. Acesso em: 12 jan. 2021.

KINNINMONT, J. The Gulf Divided: the impact of the Qatar crisis. Research Paper. **Chatam House**. 2019.

KINNINMONT, J. Chatam House Report: Future trends in the Gulf. **Chatam House**. 2015.

KIRKPATRICK, D. D. 3 Gulf Countries Pull Ambassadors From Qatar Over Its Support of

Islamists. **New York Times**, Cairo, 05 mar. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/03/06/world/middleeast/3-persian-gulf-states-pull-ambassadors-from-qatar.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

KOVESSY, Peter. Qatar relief workers arrive in Nepal, extend mission to three months. **Doha News**, 2 mai 2015. Disponível em: <https://www.dohanews.co/qatar-relief-workers-arrive-in-nepal-extend-mission-to-three-months/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

LAUB, Z. Egypt's Muslim Brotherhood. **Council on Foreign Relations**. 2019. Disponível em: <https://www.cfr.org/background/egypt-muslim-brotherhood>. Acessado em: 29 abril 2021.

LIBRARY OF CONGRESS. Country Profile: United Arab Emirates (UAE). **Library of Congress – Federal Research Division**. 2007, p. 1- 27.

LOPEZ, Linette. The outgoing Sheikh of Qatar pulled off a financial miracle. **Business Insider**, 2013. Disponível em: <https://www.businessinsider.com.au/qatar-investment-authority-under-khalifa-2013-6>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MACLEAN, W. Gulf rift reopens as Qatar decries hacked comments by emir. **Reuters**, 23 maio 2017. Media and telecoms. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-qatar-cyber-idUSKBN18K02Z>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 27, n. 79, p. 187-235, jun. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092012000200012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 jan. 2021.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. Kingdom of Saudi Arabia severs diplomatic and consular relations with Qatar. **Ministry of Foreign Affairs**. 06 maio 2017. Disponível em: Kingdom of Saudi Arabia severs diplomatic and consular relations with Qatar. Acesso em: 03 set. 2020.

NATIONAL EDITORIAL. Qatar cannot continue to face two ways. **The National**, [s. l.], 27 maio 2017a. Disponível em: <https://www.thenational.ae/opinion/qatar-cannot-continue-to-face-two-ways-1.70211>. Acesso em: 30 ago. 2020.

NATIONAL EDITORIAL. Qatar must choose sides over Iran. **The National**. 2017b. Disponível em: <https://www.thenational.ae/opinion/qatar-must-choose-sides-over-iran-1.39802>. Acesso em: 03 set. 2020.

NEWLAND, M. By playing risky politics, Qatar courts a backlash. **The National**, [s. l.], 21 jul. 2017. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/opinion/by-playing-risky-politics-qatar-courts-a-backlash-1.610998>. Acesso em: 03 set. 2020.

NEW ZELAND POLICE. Lists associated with Resolution 1373. **New Zeland Police**. 2019. Disponível em: <https://www.police.govt.nz/advice/personal-community/counterterrorism/designated-entities/lists-associated-with-resolution-1373?nondesktop>. Acessado em: 29 abril 2021.

NOSSITER, Adam. Emir of Qatar Tours New Orleans to See Fruit of His \$100 Million Donation. **The New York Times**. 30 abr. 2008. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2008/04/30/us/nationalspecial/30emir.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.

NYE, Joseph. Power and foreign policy. **Power and foreign policy**, v. 4, n. 1, p. 9-24, 2011.

PEÇANHA, S. An Arms Pipeline to the Syrian Rebels. **New York Times**, Nova Iorque, 25 mar. 2013. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/interactive/2013/03/25/world/middleeast/an-arms-pipeline-to-the-syrian-rebels.html>. Acesso em: 27 jun. 2020.

PINTO, V. C. Exploring the interplay between Framing and Securitization theory: the case of the Arab Spring protests in Bahrain. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 57, n. 1, p. 162-176, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201400109>. Acesso em: 13 jan. 2021.

POMEPS. **International Relations Theory and a Changing Middle East**. Project on Middle East Political Science Studies, No. 16. 2015. Disponível em: <https://pomeps.org/?p=7047>

QATAR AIRWAYS. **Fact sheet**. [Doha], dez. 2020. Disponível em: <https://www.qatarairways.com/content/dam/documents/press-kit/Qatar%20Airways%20Factsheet%20-%20English.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

QATAR FOUNDATION. About Qatar. **Qatar Foundation**. 2021. Disponível em: <https://www.qf.org.qa/about>. Acesso em: 15 abr 2021.

QATAR MUSEUMS. About us. **Qatar Museums**. 2021. Disponível em: <https://www.qm.org.qa/en/about-us>. Acesso em: 15 abr 2021.

CATAR. Government Communications Office. **GCO Statement Regarding Hacking of QNA and False Statement**. Doha: Government Communications Office, 24 maio 2017b. Press releases. Disponível em: <https://www.gco.gov.qa/en/2017/05/24/government-communications-office-statement-regarding-hacking-qatar-news-agency-false-statement/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

CATAR. Government Communications Office. **His Highness Speech to the Citizens and Residents of Qatar**. Doha: Government Communications Office, [2017]. Disponível em: <https://www.gco.gov.qa/en/speeches/his-highness-speech-to-the-citizens-and-residents-of-qatar/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

CATAR. Ministry of Foreign Affairs. Information Office. **Qatar regrets the decision by Saudi Arabia, the United Arab Emirates and Bahrain to sever relations**. Doha: Ministry of Foreign Affairs, 05 jun. 2017a. Disponível em: <https://www.mofa.gov.qa/en/all-mofa-news/details/2017/06/04/qatar-regrets-the-decision-by-saudi-arabia-the-united-arab-emirates-and-bahrain-to-sever-relations>. Acesso em: 02 jun. 2020.

RAMANI, S. The Qatar blockade is over but the crisis lives on. **Foreign Policy**, 2021. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2021/01/27/qatar-blockade-gcc-divisions-turkey-libya-palestine/>. Acessado em: 7 mai 2021.

ROBERTS, D. B. A Dustup in the Gulf: The Meaning of the Intramonarchy Spat. **Foreign Affairs**, [s. l.], 13 jun. 2017a. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2017-06-13/dustup-gulf>. Acesso em: 18 maio 2020.

ROBERTS, D. B. Qatar, the Ikhwan, and transnational relations in the Gulf. *In*: PROJECT ON MIDDLE EAST POLITICAL SCIENCE. **The Qatar Crisis**. Washington, out. 2017b. p. 54-59. Disponível em; https://pomeps.org/wp-content/uploads/2017/10/POMEPS_GCC_Qatar-Crisis.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

ROBERTS, D. B. Understanding Qatar's Foreign Policy Objectives. **Mediterranean Politics**, [s. l.]: Routledge v. 17, n. 2, p. 233-239, jul. 2012.

ROBERTS, David. Qatar as a financial investor. **Norwegian Peacebuilding Resource Centre**. Policy Brief, 2013.

ROBINSON, K. What is Hezbollah? **Council on foreign relations**. 2020. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounder/what-hezbollah>. Acessado em: 29 abril 2021.

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. 2. ed. Londres, Thousand Oaks, Singapura: SAGE, 2013.

SALISBURY, P. Yemen and the Saudi: Iranian 'Cold War'. [Londres]: **Chatham House**, Middle East and North Africa Programme, fev. 2015. Disponível em: https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/field/field_document/20150218YemenIranS audi.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

SAUDI PRESS AGENCY. Kingdom of Saudi Arabia severs diplomatic and consular relations with Qatar. **Saudi Press Agency**, [s. l.], 05 jun. 2017. Disponível em: <https://www.spa.gov.sa/viewstory.php?lang=en&newsid=1637298>. Acesso em: 13 jan. 2021.

SHARP, J. M. **Yemen: Civil War and Regional Intervention**. [Washington, DC]: United States Congressional Research Service, 21 mar. 2017. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/58d904034.html>. Acesso em: 26 maio 2020.

SINNOTT, John; Qatari takeover heralds news dawn for Paris Saint-Germain. **BBC Sport**, 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/14393012>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SISSON, M. Lashkar-e-Taiba. **Encyclopedia Britannica**. 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Lashkar-e-Taiba>. Acessado em: 27 abril 2021.

STEINBERG, G. Qatar and the Arab Spring: Support for Islamists and New Anti-Syrian Policy. **SWP Comments**, [s. l.]: Stiftung Wissenschaft und Politik, fev. 2012. Gulf States. Disponível em: <https://www.swp-berlin.org/en/publication/qatar-and-the-arab-spring/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

STEINBERG, G. The Gulf States and the Muslim Brotherhood. *In*: PROJECT ON MIDDLE EAST POLITICAL SCIENCE. **The Qatar Crisis**. Washington, out. 2017. p. 65-68. Disponível em: https://pomeps.org/wp-content/uploads/2017/10/POMEPS_GCC_Qatar-

Crisis.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

STEPHENS, M. Why key Arab countries have cut ties with Qatar — and what Trump had to do with it. *In: PROJECT ON MIDDLE EAST POLITICAL SCIENCE. The Qatar Crisis.* Washington, out. 2017. p. 12-13. Disponível em: https://pomeps.org/wp-content/uploads/2017/10/POMEPS_GCC_Qatar-Crisis.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

SVRLUGA, Susan. U.S. universities in Qatar wary of diplomatic upheaval isolating the country. **The Washington Post**, 2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/grade-point/wp/2017/06/12/u-s-universities-in-qatar-wary-of-diplomatic-upheaval-isolating-the-country/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

SZALAI, M. Virtual enlargement in practice: investment policy as branding in the case of Qatar and the United Arab Emirates in the crisis-hit European Union. *In: KHATIB, D. K.; MAZIAD, M. (ed.). The Arab Gulf States and the West: perceptions and realities – opportunities and perils.* Abingdon, Nova Iorque: Routledge, 2019. p. 157-180.

TETI, Andrea. Bridging the Gap: IR, Middle East Studies and the Disciplinary Politics of the Area Studies Controversy. **European Journal of International Relations**, Vol. 13, No. 1, p. 117-145, 2007.

TEHRAN TIMES. Iran, Qatar sign defense cooperation agreement. **Tehran Times**, [Tehran], 25 fev. 2010. Politics. Disponível em: <https://www.tehrantimes.com/news/214868/Iran-Qatar-sign-defense-cooperation-agreement>. Acesso em: 25 jun. 2020.

THE GUARDIAN. US embassy cables: Afghan Taliban and Haqqani Network using United Arab Emirates as fundiang base. **The Guardian**. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/us-embassy-cables-documents/242756>. Acesso em: 27 abril 2021.

THE NATIONAL STAFF. Qatar should stop funding terrorism, says leading opposition figure. **The National**, [s. l.], 03 jun. 2017. Disponível em: <https://www.thenational.ae/world/qatar-should-stop-funding-terrorism-says-leading-opposition-figure-1.52119>. Acesso em: 3 set. 2020.

THE WORLD BANK. International migrant stock (% of population) - Qatar. **The World Bank**, [2015?]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SM.POP.TOTL.ZS?locations=QA>. Acesso em: 27 jun. 2020.

THE WORLD BANK. Population, total - Qatar. **The World Bank**, [2019?]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=QA>. Acesso em: 27 jun. 2020.

THE WORLD BANK. Surface area (sq. km) - Qatar. **The World Bank**, [2018?]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/AG.SRF.TOTL.K2?locations=QA>. Acesso em: 27 jun. 2020.

ULRICHSEN, K. C. Implications of the Qatar Crisis for Regional Security in the Gulf. **Alsharq Strategic Research**, [s. l.]: Alsharq Forum, 29 jun. 2017a. Disponível em: <https://research.sharqforum.org/2017/06/29/implications-of-the-qatar-crisis-for-regional->

security-in-the-gulf/. Acesso em: 13 jan. 2021.

ULRICHSEN, K.C. What's going on with Qatar? In.: *The Qatar Crisis*. POMPEI briefings 31. **POMEPS**. 2017b, p. 6-7.

ULRICHSEN, K. C. Qatar and the Arab Spring: Policy Drivers and Regional Implications. **Carnegie Endowment for International Peace**, [s. l.], 24 set. 2014. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2014/09/24/qatar-and-arab-spring-policy-drivers-and-regional-implications-pub-56723>. Acesso em: 13 jan. 2021.

ULRICHSEN, K. C. **Qatar and the Gulf Crisis**. London: Hurst, 2020.

ULRICHSEN, K. C. Small states with a big role: Qatar and the United Arab Emirates in the wake of the Arab Spring. **Durham University**, Durham, 09 out. 2012b. Disponível em: <https://dro.dur.ac.uk/10011/>. Acesso em: 13 jan. 2021.

ULRICHSEN, K. C. The UAE: holding back the tide. **Open Democracy**, [s. l.], 05 ago. 2012a. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/en/uae-holding-back-tide/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

ULRICHSEN, K. C. Iran-UAE Relations. In.: **Security and Bilateral Issues between Iran and Its Arab Neighbours**. Gawdat Bahgat; Anoushiravan Ehteshami; Neil Quilliam (Eds). Palgrave Macmillan. 2016, p. 211-228.

UNITED NATIONS. Saudi Arabia: H.E. Mr. Adel Ahmed Al-Jubeir, Minister for Foreign Affairs. **General Assembly of the United Nations**, [s. l.], 23 set. 2017. 72th session. Disponível em: <https://gadebate.un.org/en/72/saudi-arabia>. Acesso em: 30 ago. 2020.

UNITED NATIONS SECURITY COUNCIL. Security Council Committee pursuant to resolutions 1267 (1999) 1989 (2011) and 2253 (2015) concerning Islamic State in Iraq and the Levant (Da'esh), Al-Qaida and associated individuals, groups, undertakings, and entities. **United Nations Security Council**. [201?]. Disponível em: <https://www.un.org/securitycouncil/sanctions/1267>. Acessado em: 29 abril 2021.

U.S DEPARTMENT OF STATE. Foreign Terrorist Organizations. Bureau of counterterrorism. **U.S. Department of State**. 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/foreign-terrorist-organizations/>. Acessado em: 29 abril 2021.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. Country Reports on Terrorism 2019: Saudi Arabia. **U.S. Department of State**. Bureau of Counterterrorism. 2020. Disponível em: <https://www.state.gov/reports/country-reports-on-terrorism-2019/saudi-arabia/>. Acessado em: 27 abril 2021.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. Country Reports on Terrorism 2017 - Foreign Terrorist Organizations: Hamas. **U.S. Department of State**. 2018a. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/5bcf1f4aa.html>. Acessado 30 abril 2021.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. United States Department of State, Country Reports on Terrorism 2017 - Foreign Terrorist Organizations: Hizballah, 19 September 2018. **U.S.**

Department of State. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/5bcf1f45108.html>. Acessado 30 Abril 2021.

VALBJORN, Morten. The Meeting of the Twain: Bridging the Gap between International Relations and Middle East Studies. **Cooperation and Conflict** , Vol. 38, No. 2, p. 163-17, 2003.

WAKIN, Daniel J. A New Orchestra, Built From Scratch. **The New York Times**, 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/02/28/arts/music/28phil.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.

WALLIN, M. U.S. Military bases and facilities in the Middle East. Fact sheet. **American Security Project**. 2018, p. 1-16.

WEDEMAN, B. Arab League states condemn Hezbollah as ‘terrorist organization’. **CNN**. 2017. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/11/19/middleeast/saudi-arabia-iran-arab-league/index.html>. Acessado em: 29 abril 2021.

WHITAKER, B. Blow by blow: the Gulf’s extraordinary war of words over Qatar. **al-bab.com**, 28 maio 2017. Disponível em: <https://al-bab.com/blog/2017/05/blow-blow-gulfs-extraordinary-war-words-over-qatar>. Acesso em: 28 jun. 2020.

WINTOUR, P. Russian hackers to blame for sparking Qatar crisis, FBI inquiry finds. **The Guardian**, [s. l.], 07 jun. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jun/07/russian-hackers-qatar-crisis-fbi-inquiry-saudi-arabia-uae>. Acesso em: 28 jun. 2020.

WOERTZ, E. Qatar and Europe’s neglect of the Gulf region. **Notes internacionais**, [Barcelona]: CIDOB, v. 46, fev. 2012. Disponível em: https://www.cidob.org/en/publications/publication_series/notes_internacionais/n1_46/qatar_and_europe_s_neglect_of_the_gulf_region. Acesso em: 12 jan. 2020paçanha1.

APÊNDICE A - TABELA DE CÓDIGOS

Categoria	Sub-categoria	Código	n° de textos jornalísticos em que ocorre			n° de textos governamentais em que ocorre			Total	Total
			Arábia Saudita	EAU	Total	Arábia Saudita	EAU	Total		
Contexto do bloqueio	Problema mundial	1. Ameaça mundial do terrorismo			0	1		1	1	
		Esforços dos bloqueadores	2. Esforços sauditas contra terrorismo			0	1		1	1
	3. Compromisso emiradense com estabilidade				0	1		1	1	
	4. Compromisso emiradense com o CCG e seus membros				0	1		1	1	
	Problemas regionais		5. Terrorismo			0		1	1	1
		6. Interferência			0		1	1	1	
		7. Políticas agressivas e expansionistas			0		1	1	1	
		8. Regimes que apoiam terrorismo			0			1	1	
		9. Triunfalismo teocrático		1	1			0	1	
		10. Ameaças à região		2	2			0	2	
		11. CCG versus Irã		1	1			0	1	
		12. Uso da mídia para terrorismo			0		1	1	1	
		13. Partes que ameaçam a paz e segurança			0		1	1	1	
	Papel do Irã na região	14. Crise do Catar prejudica esforços contra terrorismo			0	1		1	1	
		15. Envolvimento iraniano em crises regionais			0	1	1	2	2	
		16. Ambições nucleares iranianas			0		1	1	1	

	Arábia Saudita, EAU, EUA	17. Alinhamento Arábia Saudita, EAU, Trump		1	1			0	1	
Discurso QNA	EUA e governo de Trump	18. Tensões com Trump	4		4			0	4	
		19. Administração problemática		1	1			0	1	
		20. Envolvimento com Rússia	3		3			0	3	
		21. Questionamento do futuro de Trump		1	1			0	1	
		22. Al-Udeid e proteção de vizinhos	3	1	4			0	4	
		23. Crítica acordo entre Arábia Saudita e EAU	2		2			0	2	
	Irã	24. Crítica a políticas do Golfo e americanas		1	1			0	1	
		25. Apoio ao Irã	4		4			0	4	
		26. Poder islâmico	3	3	6			0	6	
		27. Não-hostilidade	7	4	11			0	11	
			28. Poder na estabilidade regional		2	2			0	2
	Israel	29. Boas relações	3		3			0	3	
	Hamas	30. Representante oficial dos palestinos	3	2	5			0	5	
		31. Movimento de resistência		2	2			0	2	
		32. Apoio ao Hamas	4	2	6			0	6	
	Hezbollah	33. Movimento de resistência	1	2	3			0	3	
		34. Apoio ao Hezbollah	4	2	6			0	6	
Interferência	35. Negação de interferência		1	1			0	1		
Campanha contra o Catar	36. Campanha contra o Catar	5	2	7			0	7		
	37. Propósito	1	1	2			0	2		

		38. Proteção do Catar e seu povo	1	1	1	0	1		
	Terrorismo	39. Rejeição de acusação de terrorismo	1	1	2	0	2		
		40. Esforços contra terrorismo	1		1	0	1		
		41. Perigo real	1		1	0	1		
		42. Revisão de postura	1		1	0	1		
		Resposta catari ao discurso	43. Hacking	6	9	15	0	15	
	44. Campanha midiática injusta			1	1	0	1		
Associações feitas ao Catar	Suporte a violência	45. Apoio ao terrorismo			0	2	2	4	4
		46. Acolhimento de criminosos			0	1		1	1
		47. Apoiar grupos terroristas apoiados pelo Irã			0	1		1	1
		48. Apoio a houthis			0	1		1	1
		49. Discurso de ódio			0	1		1	1
	Uso da mídia pelo governo catari	50. Plataforma para o terrorismo			0	1	1	2	2
		51. Incentivo a protestos			0	1		1	1
	Políticas regionais do Catar	52. Interferir contra a Arábia Saudita			0	1		1	1
		53. Interferência em outros países			0		1	1	1
		54. Políticas de instabilidade regional			0		2	2	2
		55. Violação de acordos internacionais			0	2	1	3	3
	EUA	56. Base militar	2		2			0	2
57. Relações mornas		1		1			0	1	
58. Relações tensas			1	1			0	1	
59. Ajuda americana		1	1	2			0	2	

Mídia do Catar	60. Cartoon	1		1			0	1
	61. Relação com Irmandade Muçulmana	1		1			0	1
	62. Agenda da Al Jazeera		1	1			0	1
	63. Apoio a adversários americanos		1	1			0	1
Relações Irã-Catar	64. A Laços históricos e firmes	2		2			0	2
	65. Fortalecimento das relações	2		2			0	2
	66. Intenção iraniana de desenvolvimento de relações	2		2			0	2
	67. Aliança Catar-Irã	1	1	2			0	2
	68. Não-confrontação		2	2			0	2
	69. Reunião secreta com Qasim Sulaimani		1	1			0	1
	70. Política ambígua		3	3			0	3
Características do Irã	71. Fonte de instabilidade regional	1	2	3			0	3
	72. Intervencionismo regional		4	4			0	4
	73. Expansionista		1	1			0	1
	74. Apoiador de terrorismo		1	1			0	1
	75. Teocrático		1	1			0	1
Síria	76. Aproximação com Assad	1		1			0	1
	77. Apoio ao regime de Assad	1		1			0	1
	78. Apoio a grupos terroristas ou radicais	3	5	8			0	8
	79. Apoio a grupos islâmicos		2	2			0	2

Comentários sobre países e grupos associados ao Catar e sobre o discurso	Grupos islâmicos ou terroristas	80. Exportação de pensamento terrorista		1	1			0	1
		81. Financiamento de terrorismo por terceiros	1		1			0	1
		82. Acolhimento de terroristas	1	3	4			0	4
		83. Facilitação de deslocamento de terroristas	1		1			0	1
	Hamas	84. Apoio catari		1	1			0	1
		85. Terrorista	1		1			0	1
		86. Grupo banido		1	1			0	1
		87. Grupo islâmico		1	1			0	1
	Irmandade Muçulmana	88. Apoio catari	1	1	2			0	2
		89. Terrorista	3	2	5			0	5
		90. Grupo islâmico		1	1			0	1
		91. Desestabilizadora		1	1			0	1
	Al-Qaeda	92. Extremista	1		1			0	1
		93. Relação com o Catar	1		1			0	1
		94. Apoio à Al-Qaeda na Líbia	1		1			0	1
	Hezbollah	95. Grupo banido		1	1			0	1
	Talibã	96. Grupo banido		1	1			0	1
	Política regional do Catar	97. Divergência do CCG	2	4	6			0	6
		98. Confrontação contra o CCG		1	1			0	1
		99. Promoção de divisão no CCG		2	2			0	2
		100. Divergência da Conferência Árabe-Islâmica-Americana		1	1			0	1
		101. Divergência dos EUA	1		1			0	1
		102. Boa relação com Irã, Irmandade Muçulmana, Hamas	1	1	2			0	2

		103. Divergência Catari de países árabes e muçulmanos	1	2	3			0	3	
		104. Imagem externa Catari		1	1			0	1	
		105. Comportamento irracional		1	1			0	1	
		106. Crise de 2014		7	7			0	7	
		107. Retorno de tensões após 2014		2	2			0	2	
	Mídia	108. Apoio de bin Laden	1		1			0	1	
		109. Plataforma para grupos terroristas	1	4	5			0	5	
		110. Críticas a EAU, Arábia Saudita e Barein	1		1			0	1	
		111. Porta-voz do governo		1	1			0	1	
	Demandas feitas ao Catar	Demandas feitas ao Catar	112. Cumprir com as normas internacionais			0	1		1	1
			113. Respeito aos Acordos de Riade de 2013 e 2014			0	1		1	1
114. Escolha de um lado				1	1			0	1	
115. Mudança de comportamento				1	1			0	1	
116. Comprometimento				1	1			0	1	
117. Fechar mídia pró-Irmandade				1	1			0	1	
Decisão dos bloqueadores	Decisão dos bloqueadores	118. Suspensão de relações			0	1	1	2	2	
		119. Bloqueio			0	1	1	2	2	
		120. Limitação de tráfego de pessoas			0	1	1	2	2	
	Ressalvas	121. Apoio e respeito ao povo catari			0	2	1	3	3	

	Convocação de outros países	122. Chamada para outros países e empresas			0	1		1	1
<i>Framing motivacional</i>	Ameaça internacional	123. Ameaça mundial do terrorismo			0	1		1	1
		124. Crise do Catar prejudica esforços contra terrorismo			0	1		1	1
		125. Instabilidade regional		1	1		2	2	3
		126. Apoio a fundamentalismo anti-ocidental		1	1			0	1
	Reconhecimento internacional	127. Hamas como terrorista	4	1	5			0	5
		128. Hezbollah como terrorista		1	1			0	1
		129. Proximidade com a Irmandade Muçulmana	1	1	2			0	2
		130. Apoio catari a terroristas	1	1	2			0	2
		131. Irã como financiador de terrorismo	2		2			0	2
		132. Irã como ameaça regional		1	1			0	1
133. Proposta de ações por políticos		1	2	3			0	3	

Fonte: Elaboração própria (2021).

ANEXO A – LIST OF DEMANDS BY SAUDI ARABIA, OTHER ARAB NATIONS.

1) Scale down diplomatic ties with Iran and close the Iranian diplomatic missions in Qatar, expel members of Iran’s Revolutionary Guard and cut off military and intelligence cooperation with Iran. Trade and commerce with Iran must comply with US and international sanctions in a manner that does not jeopardise the security of the Gulf Cooperation Council.

2) Immediately shut down the Turkish military base, which is currently under construction, and halt military cooperation with Turkey inside of Qatar.

3) Sever ties to all “terrorist, sectarian and ideological organisations,” specifically the Muslim Brotherhood, ISIL, al-Qaeda, Fateh al-Sham (formerly known as the Nusra Front) and Lebanon’s Hezbollah. Formally declare these entities as terror groups as per the list announced by Saudi Arabia, Bahrain, UAE and Egypt, and concur with all future updates of this list.

4) Stop all means of funding for individuals, groups or organisations that have been designated as terrorists by Saudi Arabia, UAE, Egypt, Bahrain, US and other countries.

5) Hand over “terrorist figures”, fugitives and wanted individuals from Saudi Arabia, the UAE, Egypt and Bahrain to their countries of origin. Freeze their assets, and provide any desired information about their residency, movements and finances.

6) Shut down Al Jazeera and its affiliate stations.

7) End interference in sovereign countries’ internal affairs. Stop granting citizenship to wanted nationals from Saudi Arabia, UAE, Egypt and Bahrain. Revoke Qatari citizenship for nationals where such citizenship violates those countries’ laws.

8) Pay reparations and compensation for loss of life and other financial losses caused by Qatar’s policies in recent years. The sum will be determined in coordination with Qatar.

9) Align Qatar’s military, political, social and economic policies with the other Gulf and Arab countries, as well as on economic matters, as per the 2014 agreement reached with Saudi Arabia.

10) Cease contact with the political opposition in Saudi Arabia, the UAE, Egypt and Bahrain. Hand over files detailing Qatar’s prior contact with and support for opposition groups, and submit details of their personal information and the support Qatar has provided them.

11) Shut down all news outlets funded directly and indirectly by Qatar, including Arabi21, Rassd, Al Araby Al Jadeed, Mekameleen and Middle East Eye, etc.

12) Agree to all the demands within 10 days of list being submitted to Qatar, or the list will become invalid.

13) Consent to monthly compliance audits in the first year after agreeing to the demands, followed by quarterly audits in the second year, and annual audits in the following 10 years

Fonte: Al Jazeera (2017b)

ANEXO B- QATARI EMIR: DOHA HAS ‘TENSIONS’ WITH THE DONALD TRUMP ADMINISTRATION

Staff writer, Al Arabiya English Wednesday 24 May 2017

Qatar’s Foreign Minister said early Wednesday that he did not make any statement regarding withdrawal or eviction of five Arab ambassadors from Doha, Al Arabiya News Channel has reported.

His statement comes following earlier reports, attributed to the official Qatar News Agency, which said that Doha has withdrawn its ambassadors from Saudi, Egypt, Kuwait, Bahrain and the UAE.

It was also reported on Tuesday that the Qatari Emir, Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani, had said that Doha has “tensions” with the Trump administration, and acknowledged that Iran is an “Islamic power.”

“There is no wisdom in harboring hostility toward Iran,” he said, adding that President Donald Trump is facing legal issues in his home country as claims over his Russia links continue. The Emir made his remarks during a graduation ceremony for new army recruits.

The Emir said Al-Udeid Air Base, which houses both Qatari Air Force and US Air Force, is protecting Doha from some neighboring countries, without mentioning any names. The military base, southwest of Doha, has long been a symbol of US-Qatari alliance.

The Emir also said relations with Israel are “good,” and Hamas is the official representative of Palestinians.

Hamas - either in whole or in part - is regarded as a terrorist organization by several countries and international organizations, most notably by Israel, US and EU.

‘Unjust campaign’

The Emir also said Qatar is facing an “unjust campaign,” coinciding with Trump’s visit to the region, which ended on Tuesday. The campaign is to link Qatar to “terrorism” and to “smear its efforts to create stability with a known purpose and incentive.”

He added: “We will be after those countries and organizations to protect Qatar’s pioneering role regionally and internationally, and to protect its people’s dignity.”

“We denounce charges that we support terrorism despite our efforts with our brethren and participation in the Coalition against ISIS.”

He said: “The real danger is the behavior of some countries that caused terrorism by adopting an extreme version of Islam that does not represent its real forgiving truth.”

“No one has the right to charge us with terrorism just because they blacklisted the Muslim Brotherhood as terrorist or rejected the resistance movements by Hamas or [Lebanon’s] Hezbollah.”

He urged Egypt, UAE and Bahrain to “revise their stances regarding Qatar.” The Emir also said he succeeded in building strong relations with the US and Iran in the same time.

Last Update: Wednesday, 20 May 2020 KSA 09:49 - GMT 06:49

Fonte: Al Arabiya (2017b).

ANEXO C - DHAHI KHALFAN SAYS QATAR FAVORS IRAN, MUSLIM BROTHERHOOD OVER ARAB COUNTRIES

Staff writer, Al Arabiya English Wednesday 24 May 2017

Dhahi Khalfan Tamim, Deputy Chief of Police and Public Security in Dubai, criticized the recent Qatari statements in which Qatar announced its stance from the Muslim Brotherhood and Iran.

He described the statements as a political disaster in which Qatar sidetracked itself from the recent Arab and Islamic stances, which were taken during the Riyadh summits that considered Iran and the MB as terrorist organizations.

In a statement on his official Twitter account, Khalfan said that “Qatar favoring the MB and Iran over Saudi Arabia, the Emirates, Kuwait and Bahrain is a serious political crisis.”

He added: “We concluded the summits in Riyadh, thanking God for uniting Arab, Islamic and international stances and the 3 summits were successful. However, we were surprised today to hear that Qatar’s stance has changed; we believe that is neither a suitable timing, nor suitable excuses or good statements. We ask Allah to guide Qatar.”

Khalfan asked also about “the reasons behind the American base in Qatar to protect it from the neighboring countries?” “The people of Qatar are dear to neighboring countries,” he said, “is Saudi Arabia, the UAE, Kuwait and Bahrain wrong and Qatar is right?”

He added: “Instead of asking these countries to review their policy, you brothers, should review your policy. Saudi Arabia has convinced the Western, Arab and Islamic worlds that its stance was right, but Qatar is still refusing to be convinced. Why is that?”

Last Update: Wednesday, 20 May 2020 KSA 09:51 - GMT 06:51

Fonte: Al Arabiya (2017e).

ANEXO D- WHAT BIN LADEN DOCUMENTS REVEAL ABOUT HIS RELATIONS WITH QATAR

By Huda al-Saleh, Al Arabiya Friday 26 May 2017

The US administration has decided to speak out about Qatar's relations with terrorism in the Middle East as the White House's new administration tries to calm the situation and control the growing terrorism on the international level.

During his visit to the Middle East, US Defense Secretary James Mattis, warned Qatari officials about their country's continued support to the Muslim Brotherhood and other radical Islamic movements that are linked to extremist organizations such as al-Qaeda and ISIS.

Qatar has been accused, more than once, of financing terrorist groups or turning a blind eye to the Qatari financiers such as Salim Hassan Khalifa Rashid al-Kuwari, who works at the Qatari Interior Ministry. He is accused of "transferring hundreds of thousands of dollars to al-Qaeda through a terrorist network". Kuwari was part of the US list of persons who are accused of officially financing terrorism in 2011.

ALSO READ: Bin Laden ties with Muslim Brotherhood discussed by King Salman, Trump

In October 2014, the official documents of the US Treasury stated that the 37-year-old Kuwari was involved in "the financial and logistical support of al-Qaeda, with the help of another Qatari man named Abdullah Ghanem al-Khawar (33 years old). The latter has facilitated the movement of terrorist members and contributed to the release of al-Qaeda members in Iran.

Abdul Rahman bin Omair al-Nuaimi, was also blacklisted by the US and the UN, was accused of transferring 1.25 million GBP per month to al-Qaeda militants in Iraq, and 375,000 GBP to al-Qaeda in Syria.

Abbottabad documents

Osama bin Laden's Abbottabad documents that were seized by US forces during the attack on his residence in Pakistan, revealed Qatar's relations with al-Qaeda.

Between these documents, there was a long letter Osama bin Laden sent to, Khayria Saber, his younger wife before his death where he asked her if she was willing to travel to Qatar.

In addition to funding terrorist groups, Qatar has been accused by the international community of hosting a number of al-Qaeda militants, Arab Afghan and Taliban fighters,

including Khalid Sheikh Mohammed, who planned to blow up 11 US aircraft over the Pacific Ocean. Mohammed is the nephew of Ramzi Yousef who had planned to attack the World Trade Center in 1993.

ALSO READ: Mohammed bin Salman, Trump discuss Bin Laden's ties to the Muslim Brotherhood

He was transferred to Qatar upon the advice of the Minister of Labor; he worked there as an engineer at the Ministry of Electricity and Water and traveled repeatedly at the Ministry's expense. Although he was working in a government institution, Qatar claimed, according to US intelligence, that it could not find him, and later on, it secretly planned his escape from the country.

In the same context, Moroccan Fatiha al-Majati, wife of Abdel-Karim al-Majati, who is the most dangerous wanted man in Morocco for his role in establishing terrorist cells and recruiting suicide bombers in Morocco, said that she moved from Afghanistan to Saudi Arabia with her husband, using Qatari passports.

Moreover, Moroccan Younis al-Hayari, the leader of al-Qaeda in Saudi Arabia, who was killed in a security operation in the neighborhood of Rawda in 2005, managed to enter Saudi Arabia with a Bosnian passport through Qatar.

The media vehicle

There is a Qatari satellite channel that has been the main window for extremist organizations, al-Qaeda leaders, al-Nusra Front and other extremist radical movements and organizations. It broadcast all of al-Qaeda's interviews and messages, including those of Osama bin Laden, Ayman al-Zawahiri, and others.

Dennis Ross had warned about the role of this channel in serving as a platform for broadcasting extremist stances. The channel has recently hosted in a special interview, Abdullah al-Muhaysini, the religious judge of al-Nusra.

Ossama bin Laden had praised the relations with this Qatari channel and called upon preserving good ties with it. He said that all the channels were working against them, except this one due to common interests. He added that this channel is an important media platform for them in the region.

Last Update: Wednesday, 20 May 2020 KSA 09:48 - GMT 06:48

Fonte: Al Arabiya (2017d).

ANEXO E- ANALYSIS: HEZBOLLAH AND QATAR – A STORY OF FORBIDDEN LOVE?

Elia Jaziri, Al Arabiya Saturday 27 May 2017

The emir of Qatar, Sheikh Tamim bin Hamad al-Thani, described Lebanon's Hezbollah as a resistance movement. He was quoted by the Qatar News Agency saying that it is "not wise" to be hostile to Iran, Hezbollah's biggest sponsor.

Even if Qatar considers these statements from the emir to be fabricated, it cannot hide that its policies in recent years towards Hezbollah are parallel to these remarks, despite the havoc caused by the Syrian war. It is a case of forbidden love between the two.

In 2008, Qatar sponsored a meeting uniting all the Lebanese parties in Doha to end an 18-month-long deadlock. Qatari support to Hezbollah and its allies (the March 8 block) was clear.

The most prominent stance that empowered Hezbollah was in 2010, when the former Qatari emir, Sheikh Hamad bin Khalifa Al Thani, visited the south of Lebanon, a Hezbollah stronghold. He toured the villages that Qatar contributed to reconstructing after the war with Israel in 2006. Hezbollah organized a massive reception for the emir in its stronghold, Bint Jbeil.

The visit to southern Lebanon at that time gave a great impetus to Hezbollah's propaganda who aimed for Syria, Iran and Qatar to become a regional axis in the face of the Arab "moderation".

After the eruption of the Syrian revolution, Qatar supported groups opposed to the Syrian regime. Consequently, Qatar's relations with Hezbollah stumbled and Hezbollah Secretary General Hassan Nasrallah criticized Doha several times in his speeches. However, it did not last long and the relations are now back to normal. Nasrallah said that despite the stances regarding Syria, Qatar and Hezbollah are still in contact, trying to find a political solution for Syria.

A pro-Hezbollah newspaper reported in November 2013 that there were meetings held between Qatar and Hezbollah that stressed on the importance of the axis (Syria, Iran and Hezbollah) for Qatar. Duri

ng these meetings, Qatar insisted on informing Hezbollah about its desire to play a direct role in breaking the ice with Damascus and Syrian President Bashar al-Assad.

The London-based al-Arab newspaper quoted observers as saying that heavy discussions were recently held between Qatari and Syrian officials, arranged by Hezbollah in

Beirut. Qatar made generous financial offers for the Assad regime that is facing huge financial difficulties.

The newspaper quoted sources saying that Doha is willing to strengthen the Assad regime on the financial level and provide it with important information about the opposition, in an attempt to thwart the Syrian revolution, in response to the Saudi Arabia's attempts to limit the role of the Muslim Brotherhood in the region; the group is also close to Qatar.

In April, Qatar had an agreement with Hezbollah to free 26 Qatari hunters, including members of the ruling family, who were kidnapped during a hunting trip on the Syrian-Iraqi borders in January. Sources said that Hezbollah has worked hard to free the kidnapped hunters, and it was a confidential operation. While this cannot be confirmed, several sources reported that Qatar paid \$2.3 million to Hezbollah for the return of its kidnapped citizens.

Last Update: Wednesday, 20 May 2020 KSA 09:49 - GMT 06:49

Fonte: Al Arabiya (2017c).

ANEXO F - QATAR'S EMIR TAMIM CALLS IRAN'S PRESIDENT ROUHANI SEEKING 'DEEPENING OF TIES'

Staff writer, Al Arabiya English Saturday 27 May 2017

In a phone call with Iranian President Hassan Rouhani and that was initiated by the Emir of Qatar, Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani described the ties between both countries as historic and firm, according to the official website of the Iranian presidency.

He added “we are willing to strengthen these relations”.

From his part, Rouhani stressed that “there are ample grounds and potentials for developing Iran-Qatar cooperation in political and economic fields and we should make the best use of them to promote relations”.

Sheikh Tamim also said: “We believe that there is no obstacle on the way of deepening Iran-Qatar relations”.

Al-Thani's recent controversial statements, which Doha tried to refute by saying the statements were published by hackers on Qatar News Agency (QNA)'s website, have raised questions in recent days.

He reportedly acknowledged that Iran was an “Islamic power” and that there was “no wisdom in harboring hostility toward Iran”.

Last Update: Wednesday, 20 May 2020 KSA 09:54 - GMT 06:54

Fonte: Al Arabiya (2017a).

ANEXO G - PRO-IRAN, PRO-TERROR GROUP'S COMMENTS ATTRIBUTED TO QATARI EMIR SPARKS GCC OUTRAGE

Updated 24 May 2017

ARAB NEWS

May 24, 2017 06:10

JEDDAH: An outpour of criticism was unleashed via social and traditional media outlets in the Gulf after the official Qatar News Agency (QNA) carried comments attributed to the nation's Emir, Sheikh Tamim bin Hamad al-Thani, said to have been made at a graduation ceremony of the national service (military conscription) where he has endorsed Iran, Hamas and Hezbollah.

He also reportedly spoke of "tensions" with the new US administration and predicted the President Donald J. Trump will not last long, citing domestic political problems in Washington over ties with Russia.

Al-Thani also seems to have praised Iran which even the previous US administration under President Obama labeled as the "biggest state sponsor of terror" as an "Islamic power" and a source of stability in the region. "There is no wisdom in harboring hostility towards Iran," he said. Despite the emir allegedly saying that the relations with Israel are "good," he went on to describe Hamas — which is designated as a terrorist organization by the US, EU and Israel and is condemned even by Arab countries for firing missiles towards civilians — as the "official representative of Palestinians."

Hamas — either in whole or in part — is regarded as a terrorist organization by several countries and international organizations, most notably by Israel, US and EU.

Despite this endorsement of Hamas, the Emir seems to have still refuted allegations of his country supporting terror, yet Doha is infamous for supporting both Lebanon's Hezbollah and Egypt's Muslim Brotherhood, which is designated a terrorist group by fellow GCC countries.

He reportedly also criticized the UAE, Bahrain and Egypt for waging a campaign against Doha. All three countries are fierce critics of the Muslim Brotherhood. However, he seems to have not mentioned Saudi Arabia by name.

He did seem however to criticize what he described as "exaggerated" recent arms deals and said that countries should be spending that money on development projects, an apparent

attack on the recent enormous Saudi-US arms deals signed in Riyadh during President Trump's visit.

The Emir is said to have credited Al-Udeid Air Base, which houses the biggest US Air Force base in the region, with protecting Doha from some neighboring countries, without mentioning any names but some experts believe he may have meant a fellow GCC country.

A few hours after the controversial statements broke on QNA, the government's communication team tried to downplay them saying that the news agency's website was hacked. However, the report was simultaneously posted in different languages and social media platforms, where they remained. The comments also go in line with recent criticism waged against the UAE, Bahrain and Saudi Arabia in other state-sponsored media outlets such as Al-Jazeera, Al-Arab and the London-based Middle East Eye.

Fonte: Arab News (2017a).

ANEXO H - HACK OR ATTACK? QATARI EMIR'S ALLEGEDLY CONTRARIAN 'COMMENTS' UNSETTLE NEIGHBORS

Updated 25 May 2017

ARAB NEWS

May 25, 2017 07:00

JEDDAH: Tensions rose in the Gulf on Tuesday after a series of controversial comments attributed to Qatar's emir, in a row that led to the blocking of Doha-aligned news websites in some neighboring states.

Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani's alleged comments, carried by the official state news agency QNA, apparently saw him endorse Iran, Hamas and Hezbollah — strongly diverging from the stance of Qatar's Gulf neighbors.

Doha claimed the report was the result of a hacking attack — but its Gulf neighbors responded nonetheless, particularly after the same comments were repeated in more than one language, on more than one outlet and at various times of the day in a manner which makes the story true and the hacking seem less likely.

The Arabic-language website and phone application of Al-Jazeera and the Middle East Eye website were blocked in Saudi Arabia and the UAE a day after the Qatari state news agency carried inflammatory comments attributed to Sheikh Tamim. Egypt also blocked some Qatari outlets, Al-Watan reported.

Earlier reports also attributed to the official Qatar News Agency said that Doha has withdrawn its ambassadors from Saudi Arabia, Egypt, Kuwait, Bahrain and the UAE, according to the Al Arabiya News Channel.

Qatar's Foreign Minister said early Wednesday that he did not make any statement regarding the withdrawal or eviction of five Arab ambassadors from Doha, Al Arabiya reported.

Qatar maintains that the statement posted to QNA was the result of a hack, and says it is being investigated. But the report in question was simultaneously posted in different languages and on social media platforms, where they remained, according to Al Arabiya.

The remarks led to a widespread backlash on social media, while access to some Qatar-sponsored media outlets was restricted elsewhere in the Gulf.

The emir's alleged comments were in line with recent criticism waged against the UAE, Bahrain and Saudi Arabia by other Qatar-sponsored media outlets such as Al-Jazeera, Al-Arab and the London-based Middle East Eye.

Sheikh Tamim also allegedly spoke of “tensions” with the new US administration and predicted that US President Donald Trump will not last long, citing domestic political problems in Washington over ties with Russia.

Sheikh Tamim also seems to have praised Iran, which even the previous US administration under President Obama labeled as the “biggest state sponsor of terror.”

The emir reportedly said: “There is no wisdom in harboring hostility toward Iran.”

Despite the emir allegedly saying that the relations with Israel are “good,” he went on to describe Hamas — which is designated as a terrorist organization by the US, EU and Israel and is condemned even by Arab countries for firing missiles toward civilians — as the “official representative of Palestinians.”

Despite this apparent endorsement of Hamas, the emir seems to have still refuted allegations of his country supporting terror. Yet many claim Doha supports both Lebanon’s Hezbollah and Egypt’s Muslim Brotherhood, which is designated a terrorist group by some fellow GCC countries.

The emir reportedly also criticized the UAE, Bahrain and Egypt for waging a campaign against Doha. All three countries are fierce critics of the Muslim Brotherhood. However, the emir seems to have not mentioned Saudi Arabia by name.

He did seem, however, to criticize what he described as “exaggerated” arms deals and said that countries should be spending such funds on development projects. That was an apparent attack on the recent enormous Saudi-US arms deals signed in Riyadh during President Trump’s visit.

The emir is said to have credited Al-Udeid Air Base, which houses the biggest US Air Force base in the region, with protecting Doha from some neighboring countries, without mentioning any names.

Whether the comments attributed to the emir are real or not, much of it reflects what was previously being reported by Qatari media outlets attacking Saudi Arabia, the UAE and Bahrain.

In a series of comments posted on his twitter account, Deputy Head of Dubai Police and General Security Dhahi Khalfan expressed his shock over the alleged statements.

In one tweet the Khalfan asked why Qatar would break the line of unity Riyadh has built, while in another he asked why Qatar would extend bridges with Iran.

Addressing Qatari citizens, Khalfan said: “You should not worry about Saudi Arabia, UAE, Bahrain, Kuwait and Egypt, you should be worried about Iran.”

“Saudi Arabia succeeded in convincing the world of its stances but Qatar refused to listen,” the Dubai police chief added.

“What does Qatar mean that the US base is there to protect it from its neighbors? Qatari people are dear to their neighbors.”

Fonte: Arab News (2017b).

ANEXO I - SANCTIONS, LEAVING MILITARY BASE ‘POSSIBLE OPTIONS AGAINST QATAR’

Updated 27 May 2017

JOYCE KARAM

May 27, 2017 03:00

WASHINGTON: Qatar was under increasing pressure in Washington this week as Congressman Ed Royce and former Defense Secretary Robert Gates raised possible sanctions and the moving of the US military base out of the country if Doha does not change its ways.

The news comes after a recent diplomatic spat between Qatar and its Gulf neighbors, as well as signs of lukewarm relations between Doha and the Donald Trump administration.

At a conference hosted by the Foundation for Defense of Democracies this week, Royce and former US officials from both Democratic and Republican administrations called for a more hawkish response to what they described as Qatar’s support for the Muslim Brotherhood, as well as groups such as Hamas, the Palestinian group designated as terrorist by the US.

Royce, who chairs the House Foreign Affairs committee, lambasted Qatar for its alleged support for Hamas. “Qatar hosts the worst of the worst of Hamas’ leaders,” Royce said, adding that his committee is putting together an “acid test legislation” to target Hamas’ backers.

The congressman said that “if it doesn’t change, Qatar will be sanctioned under a new bill I’m introducing to punish Hamas backers.”

Royce also appeared willing to have Congress consider having the US military leave Al-Udeid air base, where the US has been operating since 2003. “If their behavior doesn’t change, we in Congress would absolutely be looking at other options including moving out of Al-Udeid base.”

The change of behavior that Washington appears to be seeking from Qatar is related to cracking down on alleged terror funding activities and “commitments on terror support behavior,” as Royce indicated.

Gates was also open to the idea of ratcheting up pressure on Qatar. Responding to a question on moving the base from Qatar, Gates said: “My attitudes toward Al-Udeid and any other facility is that the United States military doesn’t have any irreplaceable facility.”

Gates criticized the apparent lack of strong action from Qatar against radical groups. “I don’t know instances in which Qatar aggressively goes after (terror finance) networks of Hamas, Taliban, Al-Qaeda,” he said.

He urged both Congress and the Trump administration to “tell Qatar to choose sides or we will change the nature of the relationship, to include downscaling the base.”

The former defense secretary, who served under George W. Bush and Barack Obama, added: “Qatar has long had the welcome mat out for the Muslim Brotherhood.” He called the group “science fiction shape shifters.” Gates referred to a generational split within the Brotherhood and said “it’s a mistake to see it as a solid group,” leaving the decision to designate it to Congress.

Jake Sullivan, former Obama official and aide to Hillary Clinton, also advocated a harder line against terror financing. Sullivan said that “terror financing needs to be a persistent issue we bring out from behind closed doors and continually have on the table.” While many Arab leaders have flocked to Washington, Qatar Emir Tamim bin Hamad Al-Thani has not made a visit to the White House since Trump took office.

The highest-level visit of a Qatari official to Washington this year was made by Foreign Minister Mohammed bin Abdulrahman Al-Thani, who met US Secretary of State Rex Tillerson earlier this month.

The concerns raised in the US follow tensions in the Gulf earlier this week, after a series of controversial comments attributed to Qatar’s emir.

Sheikh Tamim alleged comments, carried by the official state news agency QNA, apparently saw him endorse Iran, Hamas and Hezbollah — strongly diverging from the stance of Qatar’s Gulf neighbors. Doha claimed the report was the result of a hacking attack.

Criticizing the event, Qatari Foreign Minister Sheikh Mohammed bin Abdul Rahman Al-Thani said that no Qatari official was invited to attend the event.

Fonte: Karam (2017).

ANEXO J - QATAR'S EMIR WANTS TIES WITH IRAN TO BE 'STRONGER THAN EVER BEFORE'

Updated 28 May 2017

ARAB NEWS

May 28, 2017 03:20

JEDDAH: Qatari Emir Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani has said his country enjoyed deep and historical ties with Iran.

In a phone conversation with Iranian President Hassan Rouhani on Saturday, Al-Thani said he wanted the ties with Iran to be “stronger than ever before.”

The remarks confirm lingering suspicions that have been swirling in the world media that Qatar was in league with Iran against its fellow Arab and Gulf countries. Iran is seen as the root cause of all the troubles in the Arab world — from Syria to Iraq, to Yemen and Lebanon.

Al-Thani said he will instruct the authorities in his country to exert all efforts to develop relations with Tehran. Rouhani stressed that one of Iran's foreign policy pillars is continuation of cooperation with Qatar.

In comments that will be seen as ironical, Rouhani said that sectarianism is a major scourge that affects everybody's security. Iran has vociferously and militarily promoted sectarianism in the Arab world through its armed militias.

Rouhani called for strengthening cooperation between the countries of the region to bring about stability and harmony.

While underlining the importance Iran pays to developing relations with neighboring countries, especially Qatar, the Iranian president expressed confidence in the possibility of doing away with obstacles to such ties through the strong will of all countries, particularly Iran and Qatar.

Iran, said Rouhani, seeks to spread a climate of moderation and logic in the relations among the region's countries, and gives priority to political solutions.

He added that the countries of the region need more consultation and exchange of ideas to resolve and contain regional challenges, and declared Iran's readiness to cooperate in this regard.

Saudi Arabia and the UAE expressed exasperation this week after official Qatar media published remarks purported to have been made by Sheikh Tamim, which were critical of Trump's foreign policy and of renewed tensions with Tehran.

Qatar said the remarks, published late on Tuesday, were fake and that the news agency that ran them had been hacked.

Fonte: Arab News (2017c).

ANEXO K - QATAR-BACKED WEBSITE SLAMMED OVER CARTOON SHOWING TRUMP 'SUMMONING DEVIL'

Updated 30 May 2017

ARAB NEWS

May 30, 2017 03:00

LONDON: An incendiary cartoon published by a Qatar-backed news website that shows US President Donald Trump and two Arab leaders apparently summoning the devil has been widely criticized online.

The cartoon, by US-based illustrator Katie Miranda, shows Trump, Saudi Arabia's King Salman and Egyptian President Abdel Fattah El-Sisi around a crystal ball, in a scene inspired by a real-life photocall during the inauguration of an anti-terror center in Riyadh earlier this month.

But the cartoon, published on Wednesday, shows the devil and an "underworld" below the leaders gathered around the crystal ball, with the line "we have been summoned!" and demons rejoicing at death and "more dead kids!"

It was published by the London-based website Middle East Eye, which despite claiming to be independent and having "no political master," is widely believed to be backed by Qatar.

Many social media users slammed the publication of the cartoon. One pointed out the irony of the criticism leveled against the three leaders, who had met to inaugurate the Global Center for Combating Extremist Ideology — nicknamed "Etidal," or "moderation" — which aims to promote moderation and counter the spread of extremism.

Saudi Twitter user @Alshega criticized the cartoon for making fun of the Etidal center, which was launched earlier this month during Trump's visit to Saudi Arabia.

Another user, from the UAE and who tweets @uae_12G, slammed the cartoon for mocking Saudi Arabia and the Arab and Muslim countries that participated in the Riyadh Summit. And another, tweeting @SBAlketbi, said that Qatar continues to show disrespect through the Middle East Eye website, which is edited by David Hearst, a former foreign correspondent for The Guardian.

Some of the Middle East Eye's output is perceived by some as being in line with Doha's stance on certain issues. The Trump "devil" cartoon carried a disclaimer saying the views expressed "do not necessarily reflect the editorial policy of Middle East Eye."

A former executive with Qatar's Al-Jazeera TV network was reportedly closely involved with setting up the Middle East Eye, which had employed staff with links to organizations sympathetic to the Muslim Brotherhood, according to a press report from 2014. Al-Jazeera said at the time it had no links to the Middle East Eye.

The website was one of the several Qatar-backed media outlets to be blocked in Saudi Arabia and the UAE earlier this month, in an ongoing political spat with Doha over inflammatory comments attributed to the nation's emir, Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani. Qatar News Agency (QNA) ran comments by the country's leader said to have been made at a National Service graduation ceremony.

The emir reportedly endorsed Iran, Hamas and Hezbollah and criticized the UAE, Bahrain and Egypt for waging a campaign against Doha. Qatar later said its news agency had been hacked, although failed to provide concrete evidence of this.

Fonte: Arab News (2017d).

ANEXO L - HAFTAR: DOHA AIDING TERROR OUTFITS IN LIBYA

Updated 30 May 2017

ARAB NEWS

May 30, 2017 03:00

JEDDAH: The commander of the east Libyan forces has accused Qatar and other countries of supporting terrorist organizations linked to Al-Qaeda in Libya.

Field Marshal Khalifa Haftar, leader of the Libyan National Army (LNA), said some other countries were also aiding terror outfits, but he did not name them.

Haftar said on Sunday that the LNA is monitoring foreign communities in Libya who, he said, entered the country because of lack of border control.

These communities are “supported by regional countries and terrorism-sponsoring countries,” he said, specifically naming Qatar.

He said these countries fund militias fighting on Libyan soil, according to local media sources close to Haftar, including Iwan Libya.

He said some of these figures received “sums of money from Qatar and other countries, and from terrorist elements represented by some terrorist militias in Libya, linked to Al-Qaeda.”

Haftar added that Libya welcomes the presence of foreign communities that contribute to the country’s development.

He stressed that relations with them are based on neighborly ties, but “if they engage in terrorism and fighting on Libyan soil, Libyan forces will limit their activities and hold them accountable.”

He reiterated that “the armed forces are monitoring them, and that they will be firmly dealt with by security agencies.”

He added that foreigners in Libya are not allowed to own weapons, even if they claim to be helping the Libyan people. “Any foreigner who carries weapons in Libya will be arrested and fought — collectively or individually.”

Haftar also announced that his forces have started preparations for the battle to defend Tripoli.

“Militias representing militant political Islam lost control of the capital Tripoli; they deviated from the national path and started destroying institutions and citizens’ property. They began using heavy weaponry in the capital with no regard to the safety and security of citizens,” he said.

He called on regional countries, Arab League and the international community to support the Libyan people and their armed forces to protect and save Libya and the Libyan people, “who are being threatened, killed and raped by criminal gangs.”

Haftar also instructed units of the armed forces in the western region “to prepare for the defense of Tripoli, fight terrorism, expel and destroy terrorist bases and help the national forces defend the capital.”

He also called on the leaders of the armed forces “to declare a state of emergency in all sectors, government institutions and units in order to prepare for the confrontation and protect the defenseless citizen.”

Fonte: Arab News (2017e).

ANEXO M - US HELPING QATAR PROBE WEBSITE HACKING

Updated 04 June 2017

REUTERS

June 04, 2017 03:00

DOHA/WASHINGTON: US investigators are in Qatar to help Doha probe the alleged hacking of the Gulf Arab state's news agency website, a Qatari and a US law enforcement official said, after an attack that had soured ties between Western-allied Gulf states.

Qatar said last week that hackers had posted fake remarks by the emir, Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani, that purportedly had him criticizing some leaders of fellow Gulf Arab states and calling for an easing of tensions with regional foe Iran.

Gulf Arab states have rejected Qatar's explanation, leaving local media to unleash a barrage of attacks on the young emir, accusing him of cozying up to Iran.

The row erupted days after the first visit by US President Donald Trump to Saudi Arabia, in which he sought to galvanize fight against militancy and Iran, which Washington sees as a threat to regional stability.

A Qatari official who asked not to be identified said that experts from the Federal Bureau of Investigation (FBI) had been helping with the probe since Friday.

In Washington, a US law enforcement official confirmed that an FBI team was in Doha "working with Qatari authorities to investigate the alleged hacking incident into its state news agency."

The officials gave no details on the number of people on the US team or progress in the investigation.

The FBI had no immediate comment on the report.

Fonte: Arab News (2017f).

ANEXO N - KINGDOM OF SAUDI ARABIA SEVERS DIPLOMATIC AND CONSULAR RELATIONS WITH QATAR.

Last updated: 6/5/2017 1:56 PM

An official source stated that the Government of Saudi Arabia, in exercising its sovereign rights guaranteed by the international law and protecting its national security from the dangers of terrorism and extremism has decided to sever diplomatic and consular relations with the State of Qatar, close all land, sea and air ports, prevent crossing into Saudi territories, airspace and territorial waters, and start immediate legal procedures for understanding with fraternal and friendly countries and international companies to implement the same procedure as soon as possible for all means of transport to and from the State of Qatar for reasons relating to Saudi national security.

The Kingdom of Saudi Arabia has taken this decisive decision as a result of grave violations committed by the authorities in Doha over the past years in secret and public aiming at dividing internal Saudi ranks, instigating against the State, infringing on its sovereignty, adopting various terrorist and sectarian groups aimed at destabilizing the region including the Muslim Brotherhood Group, Daesh (ISIS) and Al-Qaeda, promoting the ethics and plans of these groups through its media permanently, supporting the activities of Iranian-backed terrorist groups in the governorate of Qatif of the Kingdom of Saudi Arabia and the Kingdom of Bahrain, financing, adopting and sheltering extremists who seek to undermine the stability and unity of the homeland at home and abroad, and enticing the media that seek to fuel the strife internally; and it was clear to the Kingdom of Saudi Arabia the support and backing from the authorities in Doha for coup Al-Houthi militias even after the announcement of the Coalition to Support the Legitimacy in Yemen.

The Kingdom has also taken this decision in solidarity with the Kingdom of Bahrain being subjected to terrorist campaigns and operations supported by the authorities in Doha.

Since 1995 the Kingdom of Saudi Arabia and its brothers have made strenuous and continued efforts to urge the authorities in Doha to abide by its commitments and agreements, yet, they have repeatedly violated their international obligations and the agreements they signed under the umbrella of the Gulf Cooperation Council (GCC) for Arab States to cease the hostilities against the Kingdom and stand against terrorist groups and activities of which the latest one was their failure to implement Riyadh Agreement.

In accordance with the decision to cut off diplomatic and consular relations, Saudi citizens are prohibited from traveling to Qatar, residing in or passing through it, while Saudi residents and visitors have to hurry leaving Qatari territories within 14 days.

The decision, for security reasons, unfortunately prevents Qatari citizens' entry to or transit through the Kingdom of Saudi Arabia and those Qatari residents and visitors have to leave Saudi territories within 14 days, confirming the Kingdom's commitment and keenness to provide all facilities and services for Qatari pilgrims and Umrah performers.

The Kingdom of Saudi Arabia affirms that it has long been patient despite the fact that the authorities in Doha continue to evade their commitments and conspire against it in the interest of the Qatari people, which is a natural and genuine extension of their brethren in the Kingdom and an integral part of their pillars. The Kingdom will continue to support the people of Qatar, its security and stability regardless of the hostile practices being carried out by the authorities in Doha.

Fonte: Ministry of Foreign Affairs (2017).

ANEXO O – DISCURSO DA ARÁBIA SAUDITA NA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS

Saudi Arabia

H.E. Mr. Adel Ahmed Al-Jubeir, Minister for Foreign Affairs

23 September 2017 (72th Session)

In the name of God the merciful your Excellencies, your Highness, President of the General Assembly, Excellency Secretary General, ladies and gentlemen,

I welcome you here today may the peace of God be upon you.

At the outset I would like to congratulate Mr Miroslav Lajčák on his election to the presidency of the 72nd session of the General Assembly and wish him every success.

I would also like to thank Peter Thompson president of the previous session of the General Assembly for his efforts throughout the 71st session of the General Assembly.

I am very pleased to address you here today at a time when my country is celebrating its national Holiday. In looking to its past with pride and working ambitiously for the future. Today I am the messenger of a state that has placed people as its top priority and has resolutely set forth on the path of sustainable development by creating opportunities thanks to its fruitful partnerships with friends around the world.

Under the leadership of His Majesty our King we are contributing to establishing peace and security in the region and in the world.

Mr President, the Israeli Arab conflict is the most protracted conflict in the modern history of our region, this conflict has led to innumerable tragedies and human suffering. Nothing can justify the continuation of this conflict. Moreover, especially when there is an international consensus on the two state solution based on internationally recognized resolutions as well as the Arab peace initiative in order to establish an independent Palestinian state with Jerusalem as its capital within the 1967 borders. What we need more than ever today is international determination to make this solution a concrete reality.

Ladies and gentlemen the houthis in Yemen led by Saleh is something we are facing. We are in our coalition helping the legal government of Yemen to save the Yemeni people and to recover its state in line with the UN charter. (This was not a choice for us in Yemen). It has followed sustained political efforts to preserve the safety and stability of Yemen and its territorial integrity as well as its independence. Thus we reaffirm our full support for the political process in Yemen and we will going to stand by the side of the United Nations in its

effort and the efforts of its special envoy it in order to arrive to a political solution in line with resolution 2216 through national dialogue.

Saudi Arabia is aware of the scope of the humanitarian suffering of our brothers in Yemen following this (non-translated word) and we have spared no effort to come to the help of Yemenis. Indeed the amount of aid provided by the Kingdom of Saudi Arabia in recent years has exceeded 8 billion dollars and we have addressed to all sorts of humanitarian medical assistance and we have done this through the King Solomon Center First Aid.

Mr President my country is greatly concerned and condemns by the policy of repression and forced displacements carried out by the government of Myanmar against the Rohingya minority which runs counter to all human rights and humanitarian values and international law. This human tragedy requires urgent response. An end must be put to this in line with the principles on which our organization was founded.

My country is calling to the government of Myanmar to respect its commitments and to protect its populations from discrimination, namely the minorities.

His Majesty has provided 15,000,000 dollars to assist the displaced Rohingya. In addition to the assistance, the Kingdom has provided hosting to more than half a million of these refugees. Moreover, His Majesty personally intervened with neighboring States and has also worked with the government of Bangladesh to ensure safe passage for these refugees and has committed to ensuring decent living conditions in the host countries for these refugees.

Mr President our international community is facing one of its biggest challenges today, one that jeopardizes security and stability. This is the threat of terrorism which is striking everywhere throughout the world in defiance of all human rights and human values. My country will continue steadfastly working to counter extremism and terrorism in all their forms and manifestations. An Arab Islamic-American summit was thus held in May for this purpose and the summit reaffirmed unequivocally the need to pursue joint efforts to put an end to extremism and terrorism by addressing the sources of financing of terrorism.

Mr President the crisis in Qatar is jeopardizing our policy of combating terrorism and extremism and cutting off the funding of such terrorism. Since the beginning of the crisis my country ... (non-translated part).

The Syrian crisis meantime is entering its sixth year. Hundreds of thousands of victims have already been claimed since the start of the crisis. My country has opened its doors to hundreds of thousands of Syrians.

Mr President, the region of the Middle East is experiencing unprecedented tensions and crises which continue unabated. Iran plays a role in this. The crisis in Qatar is taking

place at a time when we continue our firm policy to combat extremism and terrorism. And Doha practices' of providing financial support to terrorism while disseminating violent hate speech is unacceptable and Qatar has also been providing safe haven to those who have violated the law and must be brought to justice. They are further feeling tensions. The position that has been taken by 4 states is to clearly demand that Qatar follow the principles of international law in combating terrorism including honoring its obligations under the 2013 Riyadh agreement and the complimentary 2014 agreement. These are all legitimate claims.

Mr President my country's government in its desire to reaffirm the principles of the charter of the United Nations namely protecting the safety and security and peace of peoples around the world was one of the first countries to call for establishing a weapons of mass destruction and nuclear weapons free zone in the Middle East. We place a particularly high importance on the ... (inaudible) in there three pillars: socioeconomic, environmental ... (non-translated word) through the 2030 vision for our Kingdom to achieve sustainable development focused on people in order to build a more robust economy

Mr President my country is always striving to provide support to developing countries, namely through providing ODA in an amount of 0,7% of gross national income. To conclude, I should like to thank those who are helping people everywhere no matter where they may be and who work for peace.

Fonte: United Nations (2017, transcrição nossa).

ANEXO P - KINGDOM OF SAUDI ARABIA SEVERS DIPLOMATIC AND CONSULAR RELATIONS WITH QATAR

Monday 1438/9/10 - 2017/06/05

Since 1995, the Kingdom of Saudi Arabia and its brothers have made strenuous and continued efforts to urge the authorities in Doha to abide by its commitments and agreements, yet, they have repeatedly violated their international obligations and the agreements they signed under the umbrella of the Gulf Cooperation Council (GCC) for Arab States to cease the hostilities against the Kingdom and stand against terrorist groups and activities of which the latest one was their failure to implement Riyadh Agreement.

In accordance with the decision to cut off diplomatic and consular relations, Saudi citizens are prohibited from traveling to Qatar, residing in or passing through it while they, residents and visitors have to hurry leaving its territories within 14 days.

The decision, for security reasons, unfortunately prevents Qatari citizens' entry to or transit through the Kingdom of Saudi Arabia and those Qatari residents and visitors have to leave Saudi territories within 14 days, confirming the Kingdom's commitment and keenness to provide all facilities and services for Qatari pilgrims and Umrah performers.

The Kingdom of Saudi Arabia affirms that it has long been patient despite the fact that the authorities in Doha continue to evade their commitments and conspire against it in the interest of the Qatari people, which is a natural and genuine extension of their brethren in the Kingdom and an integral part of their pillars. The Kingdom will continue to support the people of Qatar, its security and stability regardless of the hostile practices being carried out by the authorities in Doha.

--SPA

11:50 LOCAL TIME 08:50 GMT

Fonte: Saudi Press Agency (2017).

ANEXO Q - QATAR CANNOT CONTINUE TO FACE TWO WAYS

Sheikh Tamim's comments point to a dangerous desire to be out of step with the GCC

National Editorial

May 27, 2017

The suggestion that comments of Sheikh Tamim, emir of Qatar, were the result of a cyberattack would carry more weight in the Gulf if Doha produced some proof and if his comments deviated wildly from his country's stated policies and world view. No wonder the Gulf states are reluctant to believe Doha's explanation. For too long, Qatar has tried to face two ways, one eye on the Arabian Peninsula, one eye on Iran.

That has to end. Comments such as these by the emir are profoundly dangerous. They destabilise relations within the GCC. They sow division between the GCC and our allies around the world. And of greatest concern, they give Iran the perception that it can divide the Gulf states.

Worst of all, they are simply wrong. Anyone who believes that Iran is a force for stability in the Middle East is living an unrealistic fantasy. Moreover, such comments are profound disrespectful to the memory of the soldiers of Saudi Arabia, the UAE and other countries who gave their lives to stop Iranian meddling. Was Iran seeking stability when it sent arms to the Houthi rebels in Yemen or to Bahrain? Have the sectarian killings carried out by Iranian-backed Shia militias in Iraq contributed to stability? Has the world become more stable because Iran backed the Assad regime's massacres in Syria? Wishful thinking does not make good policy.

There are some who will say that Sheikh Tamim is merely inexperienced. But inexperience will only go so far as an excuse, especially when there are older and more experienced leaders in the region who will happily provide advice. The truth is that the emir has steered Qatar into a political maelstrom, from which it will not be easy to retreat.

At this moment, the Gulf needs unity and clear leadership. The direction that has been set by Saudi Arabia and the UAE is clear and has been endorsed by the United States and other allies. It is working. The Middle East is at a moment of crisis and needs genuine leadership. If Qatar is unable to understand that, it should not interfere while wiser heads are going about their business.

Doha must come to a simple and clear understanding: the GCC is moving as one. If it does not wish to join this direction, it should not be surprised if it finds itself isolated – and if

that isolation brings consequences. The GCC can survive without Qatar. The leadership in Doha may wish to consider if the opposite is also true.

Updated: May 27, 2017 04:00 AM

Fonte: National Editorial (2017a).

ANEXO R - BY PLAYING RISKY POLITICS, QATAR COURTS A BACKLASH

Doha must cease playing all sides and understand that the reality of Iranian influence, writes Martin Newland

Martin Newland

May 27, 2017

Updated: July 21, 2017

The Middle East's destiny relies on the outcome of one basic geopolitical struggle between the hegemonic ambitions of Iran, as it cements its proxies across the region, and the Gulf Cooperation Council countries and their allies who seek to thwart these ambitions.

The outcome of this struggle will be key to determining a deeper threat to stability. Iran is a theocracy, its political ambitions driven, at the end of the day, by mullahs and their ideological shock troops, the Revolutionary Guard.

On the other side of the sectarian divide there are the Sunni extremists whose ultimate aim is to subject all aspects of civil society and governance to their own interpretation of religious conformity. Of all the threats facing the region, theocratic triumphalism, whether prosecuted by Shia militias or members of the death cult ISIL, is the gravest.

Donald Trump's recent visit to Saudi Arabia, in which the American president identified Iran as a threat to the region and rebooted the alliance between the United States and the GCC, has heightened the stakes in this regional stand-off. Local players can no longer take refuge in the fluid geopolitical world view of the Obama years.

Statements attributed to the Qatari leadership on, effectively, the legitimacy of Iranian influence in the affairs of the Arabian Peninsula, have enraged Qatar's Gulf neighbours.

Having just re-established an unequivocal diplomatic, trade and security guarantee with Washington, Qatar is seen to have thrown a spanner into the works, introducing a crack into the edifice of strategic purpose agreed by the GCC.

Qatar has claimed the remarks, which also name-checked Hizbollah and Hamas and cast doubt over Mr Trump's political future, were the result of a hack into the state-operated Qatar News Agency. Less easy to explain is how the remarks were carried on state-owned television and on other digital media platforms in two languages. But even if we concede that hackers had managed to subvert all these platforms, the comments are in keeping with Qatar's sometimes promiscuous and sometimes self-contradictory foreign policy.

Over the years, Qatar has modelled itself as a political honest broker, a kind of Switzerland with teeth, able despite its small size to present, sometimes through the power of its purse, a forum for regional and international understanding.

In this way, it feels it can distinguish itself from its more populous and powerful neighbours through a kind of Qatari exceptionalism. But in the end, Qatar is a small state, albeit with big state pretensions. Amending, with apologies, the famous Theodore Roosevelt quote on foreign policy, it could be said that Doha speaks loudly (often through Al Jazeera Arabic) but carries a rather small stick.

This is its right, but this model of apparent political universality sits ill with some of its own policies. Qatar hosts a huge US military base, but at the same time has been linked to fundraising for terrorist entities and support for organisations such as Hamas, Hizbollah and the Taliban who are proscribed by its western “allies”.

Qatar has supported, financially and politically, Islamist organisations such as the Muslim Brotherhood, conniving at calls for democracy in the Middle East, while at the same time maintaining the dynastic rights and modes of government that would be the first to go if the Islamists were to prevail in its own backyard.

Qatar invests hugely in Britain, most recently pledging investment in a post-Brexit UK, while at the same time helping to create, or at least failing to unequivocally condemn, a brand of fundamentalism that is solidly anti-western. The recent Manchester bombing, in which 22 innocents lost their lives, was perpetrated by a young man steeped in the Islamist ideological world view - that the West is corrupt and that suicide bombing is a legitimate tool for the reintroduction of the so-called caliphate.

As for Iran, with whom it shares the world’s largest gas field, one can sympathise slightly with Doha’s qualified approach, situated as it is on the easternmost lip of the Arabian Peninsula, with the powerful Islamic Republic practically within shouting distance. But again, as with its support for political Islam, how would Qatar fare in the event of an Iranian takeover? At best it would end up a vassal state, at worst a ruin.

As The National’s leading article states on these pages, Doha must cease playing all sides and understand that the reality of Iranian influence, not just farther afield amidst the carnage in Syria or Iraq, but among its immediate neighbours.

Such influence has led to increased political and social destabilisation in countries such as Bahrain and to the deaths of Saudi civilians and of Saudi and Emirati service personnel.

Iran must not be allowed to insert a cigarette paper between the positions of GCC members now that they have agreed a joint approach, with western backing, for the ills that plague the region.

Time to pick a side, or failing that, stay silent.

Martin Newland is a former editor in chief of The National

Updated: July 21, 2017 06:42 PM

Fonte: Newland (2017).

ANEXO S - GARGASH SAYS QATAR'S BEHAVIOUR THREATENS STABILITY IN THE GULF

Dr Anwar Gargash', the UAE's Minister of State for Foreign Affairs, comments come after a split within the Arab Gulf countries once again erupted over Qatar's relationship with Islamist groups and Tehran.

Taimur Khan

May 28, 2017

Abu Dhabi // The GCC is going through a severe crisis that poses a grave danger to security and stability in the Gulf, the UAE's Minister of State for Foreign Affairs said on Sunday.

Dr Anwar Gargash's comments come after a split within the Arab Gulf countries once again erupted over Qatar's relationship with Islamist groups in the region and pressure on Doha to fall in line on confronting and containing Tehran.

"Warding off the discord will require a change in behaviour ... and a regain in credibility," Dr Gargash tweeted, in a clear reference to Qatar.

"Solving a crisis between a brother and his siblings is achieved through honesty and commitment to pledges and intentions," he said.

The minister added that "stability lies in unity" and, at a time of so many regional crises and threats, "patience and tolerance have their limits."

Saudi Arabia and the UAE were outraged after Qatar's state media published comments from the emir Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani critical of US and GCC policy towards Iran.

Qatar said the remarks, published late on Tuesday, were fake and that the state news agency that ran them had been hacked.

Facing the prospect of mounting pressure by the US and its regional partners, Iranian officials are seeking to capitalise on the fissures among the Arab Gulf states.

Newly re-elected president Hassan Rouhani spoke with Qatar's emir on Friday and the Iranian supreme leader Ayatollah Ali Khamenei marked the advent of Ramadan by launching a rhetorical attack on Saudi Arabia, saying that the kingdom was being "milked" by Donald Trump.

The virulent comments come after the US president and King Salman agreed to arms deals worth up to \$110 billion (Dh403bn) at a summit on May 20 in Riyadh. The kingdom

also pledged to invest \$20 billion in upgrading and building new US infrastructure, a signature domestic goal for Mr Trump.

In another sign of deteriorating relations with Qatar, descendants of the founding father of Wahhabi Islam sought to distance themselves from Qatar's ruling family.

Some 200 descendants of Ibn Abd Al Wahhab demanded the renaming of a Qatari mosque named after the 18th-century cleric, Saudi Arabia's *Okaz* newspaper reported.

Qatar's state mosque is known as the Sheikh Mohammed ibn Abd Al Wahhab mosque.

"We, therefore, demand that the name of the mosque be changed for it does not carry its true Salafi path," the statement said.

In 2014, Riyadh and Abu Dhabi withdrew their ambassadors from Doha over Qatar's support for Islamist groups, but the diplomatic spat ended – or became dormant – less than a year later with the ascension of King Salman.

The Saudi monarch reportedly prioritised a united front among GCC and other Arab allies against Iran.

But with the dramatic reset in the tenor of relations with Washington, countering Islamist groups, realigning with the new US administration on Iran, and assisting Washington in its latest bid to broker a Israel-Palestine peace deal are now priorities for both Saudi and the UAE.

That leaves little room among the three countries for ambiguity in Doha's positions.

But a complete falling in line seems unlikely, as its ties to Islamist groups like the Muslim Brotherhood and Hamas is key to Doha's strategic posture.

It has a major shared interest with Iran in the world's largest gasfield and while wary of Tehran, and even engaged in proxy war with it in Syria, does not want to risk a serious direct confrontation.

Other GCC countries will also be watching warily. Kuwait's foreign minister met with Sheikh Tamim over the weekend to try to defuse the situation through dialogue.

tkhan@thenational.ae

* With reporting from Reuters

Updated: May 28, 2017 04:00 AM

Fonte: Khan (2017c).

ANEXO T - QATAR MUST CHOOSE SIDES OVER IRAN

Sheikh Tamim's high-profile call with Iran's president sends an unhappy signal

National Editorial

May 28, 2017

Gulf leaders who have spent the past few days irritated at Qatar over the emir's reported comments will have been incensed to wake up yesterday morning and find that Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani had decided to take a widely publicised phone call from a regional leader – the Iranian president Hassan Rouhani. When so much of politics is conducted by signals, what sort of message does that send? In truth, much the same message as Qatar has been sending for some time now. That, rather than see itself as part of the GCC, it wishes to remain neutral, half in the Arab Gulf camp, half in Iran's camp. Actually, the willingness to accept a phone call from Mr Rouhani at this moment would seem to position Qatar further on that side. It shows either a shocking unwillingness to understand his Gulf neighbours – or a dangerous naivete that has allowed Sheikh Tamim to be used by Iran for publicity purposes.

Make no mistake, Iran is enjoying this disagreement. Iranian expansionism relies on Gulf disunity; only when the Gulf is disunited can Iran spread its poison. And this poison comes wrapped in fanciful explanations. Take, for example, the article published in The New York Times last week by Mohammed Zarif, Iran's foreign minister, which sought to portray Iran as a country bringing stability to the region. The fantasy is palpable – or, as Anwar Gargash, Minister of State for Foreign Affairs, tweeted, it depicted “a warped view of the region [that] is both inaccurate and disturbing”.

In this new version of reality, it was Iran that was seeking to stop the spread of sectarianism and extremism in Syria – when in fact its support for the Assad regime has enabled the worst atrocities. Iran, said Mr Zarif, was seeking a political solution in Iraq – which doesn't explain why a close ally of Qassem Soleimani, the head of Iran's Quds Force, was killed west of Mosul. Does Sheikh Tamim believe this version of history?

Yesterday, this newspaper posed a question to Sheikh Tamim. Today, we have a second one. Consider Iran's role in destabilising Bahrain. Consider Iran's objectives in seeking to dominate the Gulf. And then ask yourself: do you believe Iran's expansion will stop at Qatar's borders? Do you think that Qatar, alone among Gulf countries, can appease Iran's thirst for power? Or is it not more likely that, if Iran got the chance to keep

destabilising Arab countries, that it would seek to bring chaos even to the presidential palace in Doha?

Updated: May 28, 2017 04:00 AM

Fonte: National Editorial (2017b).

ANEXO U - RENEWED TENSIONS WITH QATAR ARISE FROM OLD, UNRESOLVED ISSUES

Doha's refusal to stand clearly with GCC allies on key policies such as confronting Iran and countering terrorism and extremism could now undermine the bloc's most important relationship, experts say.

Taimur Khan

May 30, 2017

Abu Dhabi // The dramatic reopening of the political schism within the GCC was triggered by statements attributed to Qatar's emir, but the episode has made clear that underlying tensions were never resolved.

They have erupted again, observers say, for a variety of reasons that mostly stem from a renewed alignment between Donald Trump's administration and Riyadh and Abu Dhabi, one that leaves Qatar facing, for now, a stark choice.

"This appears to be about long-standing rifts regarding comfort with both Iran and the Muslim Brotherhood and other entities such as Hamas," said a Gulf-based diplomat.

"Saudi Arabia and the UAE likely want the GCC to speak with one voice on what they see as an Iranian threat growing in confidence on one border, and an interspersed threat from radical political and military organisations using a self-serving interpretation of Islam to gain power," the diplomat added.

In 2014, when the first, and unprecedented, public fissure opened between Qatar, on the one hand, and Saudi Arabia and the UAE on the other, over similar issues, Doha eventually agreed to a settlement reported to include a promise to drop support for Muslim Brotherhood groups.

The emir, Sheikh Tamim, also moved closer to Riyadh on support for rebels in Syria. This continued when the newly enthroned King Salman sought to unify Arab partners to face the challenge posed by Iran.

With the new White House, however, ambiguity on the three major areas of cooperation with Gulf partners – countering extremism and fighting terrorist groups, confronting Iran's push for regional power, and brokering a peace deal between Palestinians and Israel – would have the potential to seriously undermine their most important relationship.

While Saudi Arabia has moved in line with Mr Trump's agenda, and the UAE is already considered a key security partner that shares Washington's hostility to Islamist groups, Doha has sought to maintain its stance on all three issues.

On Iran, Qatar is more closely aligned with Riyadh and Abu Dhabi, and has still not sent its ambassador back to Tehran after attacks on Saudi diplomatic facilities in the country. Though perhaps because of a shared giant gasfield, it has also called for a less bellicose approach.

But it still maintains support for Islamist groups, and insiders in the kingdom said Sheikh Tamim's refusal to cut ties with Hamas – which attempted to rebrand itself in Doha last month – was one of the key causes for the badly frayed ties.

Sheikh Mohammed bin Zayed, Crown Prince of Abu Dhabi and Deputy Supreme Commander of the Armed Forces, met Mr Trump and his national security team at the White House to help prepare for the Riyadh summit, and it is clear that the president and his son-in-law and top foreign policy adviser, Jared Kushner, see many of the key issues in the region in a similar light as the UAE.

With this backing, and the hugely positive atmosphere around Mr Trump's visit to Riyadh, the trip “was a signal in a sense that the UAE and Saudis can become much more assertive in their own regional politics” as they also cooperate more closely with Washington, said Kristian Ulrichsen, a GCC politics and security expert at Rice University's Baker Institute for Public Policy.

Abu Dhabi and Riyadh have “made a decision that this is an opportunity to become much more assertive and really amp up the pressure on Qatar” over its ties to the Brotherhood and position on Iran, he added.

In Washington a growing chorus of voices, mostly from staunchly pro-Israel, anti-Islamist and anti-Iran think tanks, has also been publicly linking Qatar to the funding of militant groups. At an event hosted by the Foundation for the Defense of Democracies think tank just hours before the publication of the alleged statements by Sheikh Tamim, the former US defence secretary Bob Gates said the White House should make clear to Doha that if they do not change their stance the Al Udeid airbase can be relocated.

The base is a headquarters to the US military's Central Command, where it oversees operations against ISIL and other extremists in the region. It is the key element of Doha's national security, and any threat by the administration to move it would have seismic affects.

The sentiment has been picked up by Saudi media, with an op-ed in *Arab News* on Monday calling for the base to be relocated to the kingdom.

Qatar has also come under pressure over its role in Libya. The anti-Islamist commander Field Marshal Khalifa Haftar, whose forces have been fighting militias linked to Doha, said on Monday that Qatar is supporting extremist groups in the country.

Abu Dhabi and Saudi Arabia want concrete steps from Doha in order to de-escalate, including the shuttering of pro-Brotherhood media outlets.

Kuwait has stepped in to try to mediate, and there were reports on Monday that Sheikh Tamim may travel to meet his Kuwaiti counterpart this week in the efforts to defuse the crisis.

tkhan@thenational.ae

Updated: May 30, 2017 04:00 AM

Fonte: Khan (2017b).

ANEXO V - QATAR EMIR IN KUWAIT FOR TALKS ON RESOLVING GCC ROW

Tensions have escalated dramatically between Qatar, and its two Gulf neighbours, Saudi Arabia and the UAE, over the past week after statements attributed to Sheikh Tamim.

Taimur Khan

May 31, 2017

Abu Dhabi // Qatar's emir arrived in Kuwait for talks with his counterpart Sheikh Sabah on Wednesday believed to be part of Kuwaiti mediation efforts aimed at bringing an end to the latest crisis to erupt among the GCC's three most powerful members.

Tensions have escalated dramatically between Qatar, and its two Gulf neighbours, Saudi Arabia and the UAE, over the past week after statements attributed to Sheikh Tamim — and then claimed to have been fake — that criticised the positions that emerged from Donald Trump's trip to Riyadh, on relations with Iran and the fight against extremist groups in particular.

The episode has vividly exposed the still unresolved differences between Qatar and Saudi Arabia and the UAE that were exposed in 2014.

Riyadh and Abu Dhabi sent their ambassadors back to Doha after an eight-month absence in November 2014 after Sheikh Tamim agreed to ratify again a GCC agreement that reportedly entailed pledges of non-interference in the internal affairs of member states and ending any support for parties that threaten the stability of any member — a clear reference to political groups like the Muslim Brotherhood.

Qatar also claimed it took a number of steps to curtail its support for Islamist groups across the Arab world that it had invested in to project influence during and after the Arab Spring. GCC partners do not believe that Qatar followed through with its promises.

For Saudi's King Salman, the strengthening Iranian threat as well as the rise of ISIL was more pressing.

But Doha, while cautious of Tehran, also shares a key interest in the Northern Dome gasfield with Iran, and does not view it as a threat to its internal stability. Qatar has called for engagement rather than confrontation, a position that has angered Riyadh.

The alleged comments by Sheikh Tamim, which appeared on the Qatari state media report described Iran as a "major force to ensure stability in the region" and defended Hamas and Hizbollah.

For Abu Dhabi, concerns over Qatar's support for Islamists never dissipated. Many observers in the Gulf who have warily watched GCC unity fracture over the past week and have placed great hope in Kuwait's ability to broker some sort of de-escalation.

"If there is one country among the GCC that is acceptable to all and doesn't have any problems with anybody, it's Kuwait," said one GCC-based observer. "So I think there is some kind of credibility to the Kuwaitis entering into this and trying to bridge the gap."

In 2014, Sheikh Sabah and Kuwaiti officials worked hard to end the rift and were eventually successful, along with assistance from Oman.

But the other observers said the dynamics this time around are not so amenable, and from the Saudi-UAE perspective, they have heard promises before that they say were not kept. *Al Arabiya* reported that any agreement would have to include a number of binding clauses for Doha, but they are identical to those reported to be in the 2014 agreement.

Doha may be willing to take even deeper steps to reduce its ties to Islamist groups, but the optics around making even more concessions to its larger neighbours will make a quick reconciliation process unlikely.

"I can see this going on for a very long time, I can also see this being ended tomorrow, with Qatar making some concession because it is in a grim position," said an analyst of Gulf politics who requested anonymity because of the sensitivity of the issue.

tkhan@thenational.ae

Updated: May 31, 2017 04:00 AM

Fonte: Khan (2017a).

ANEXO W - QATAR SHOULD STOP FUNDING TERRORISM, SAYS LEADING OPPOSITION FIGURE

Relative of Qatar's emir says he will attempt to dissuade the ruler from confrontational policies and seek a compromise to end the current crisis in relations with fellow GCC members.

The National staff

June 3, 2017

Qatar's leading opposition figure, Sheikh Saud bin Nasser Al Thani, said he was heading to Doha on Friday to act as mediator in bridging the growing rift between Qatar and its neighbours.

Sheikh Saud said he was invited by Sheikh Joaan bin Hamad bin Khalifa Al Thani, brother of the emir of Qatar.

Sheikh Saud, who is a member of the Qatari ruling family, told the London-based newspaper *Al Hayat* newspaper: "My visit to Doha will discuss a compromise formula to break the current crisis that will strain the relationship between Qatar and its sister countries from the Gulf states and the Arab countries."

He also announced that he was preparing to launch a political party in opposition to the regime headed by Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani and warned the rulers about pursuing "policies aimed at breaking the unity of the Arab ranks".

"We have kept quiet over the irrational behaviour of the regime in Qatar," he told the Egyptian news website Youm7. "Because of this systematic behaviour towards the breaking of Arab ranks and aborting projects on which we were unified, we decided to speak with the people of the Arab world in general and the Qatari people in particular, and I will seek to establish an opposition party to be based in London."

Sheikh Saud has become increasingly vocal about his concern over deteriorating relations between Qatar and the rest of the Arab world. On Twitter, he urged the emir to "return to the right path".

In another tweet he wrote: "We hoped that foreign policy would change and our hopes were disappointed after you joined forces with Iran against your brothers and set up terrorist groups and published electronic battalions to beat your opponents. Sheikh Tamim, Qatar has become a source of financing terrorism and an export port of extremist thought. "

Sheikh Saud has already issued an apology to the Gulf states, Egypt and Yemen but he told *Al Hayat* he would press for Qatar to issue a formal apology to Saudi Arabia, the UAE and Bahrain.

The mediation would address several points, Sheikh Saud said.

These would include suspending the activity of the executive office of the first lady of Qatar, Sheikha Mozah Al-Misnad; freezing the alliance between Qatar and Iran; ceasing all support to operations in Libya, Egypt, North Africa and Sudan, and the expulsion of all extremist elements hosted by Qatar.

If the terms are agreed, the prime minister of Qatar, Abdullah Nasser Al Thani, will sign a memorandum of understanding on behalf of the Qatari government, promising to set up the Ahmed Bin Ali Development Foundation.

Sheikh Saud stressed that he was speaking for all who oppose current Qatari attitudes towards its regional neighbours. His intentions were not opposition for its own sake, but to prevent Qatar from breaking apart.

The meeting would last only a few hours, he added, as he would be leaving Doha the same evening.

The rift between Qatar and the rest of the GCC arises from inflammatory comments attributed to the emir, in which he apparently praised Iran, Hamas and Hizbollah and implied he needed protection from neighbouring nations. However, Doha insisted the emir was a victim of hackers and had sought outside help to prove it. An official source said an FBI team has been in Doha for the past week investigating the security breach.

Two other unnamed countries are also helping with the probe, the source added.

* with additional reporting from Agence France-Presse

Updated: June 3, 2017 04:00 AM

Fonte: The National Staff (2017).

ANEXO X - US CONTEMPLATES SANCTIONS AGAINST QATAR

Conference panelists come down hard on Qatar for its role in supporting extremist groups in the region

Published: May 24, 2017 19:05 [Gulf News](#)

Dubai: Qatar came under the tough scrutiny of US officials at a conference in Washington DC this week.

A conference on Tuesday entitled: “Qatar and the Muslim Brotherhood’s Global Affiliates: New US Administration Considers New Policies” by the Foundation for the Defence of Democracies with the Hudson Institute and The George Washington University’s Centre for Cyber & Homeland Security featured a discussion with Robert Gates, former Secretary of Defense (2006-2011) and Ed Royce, Senate Foreign Relations Committee Chair.

“If Qatar is supporting Hamas, then we are talking about sanctions against Qatar,” Royce said at the conference.

“I think we are moving on legislation that addresses those states who don’t keep their commitment with respect to changing behaviour supporting organisations that are sowing terror. This becomes the acid test.”

On his part, Gates, using the context of science fiction, compared the Muslim Brotherhood to shapeshifters.

“They will look like whatever they think you want them to look like,” he said.

Senior US officials toned down their visits in the late 2000s due to its displeasure with Qatar over perceived support to American adversaries and Al Jazeera’s agenda against US troops, Gates pointed out.

“There was broader concern about Al Jazeera providing a platform for terrorists and for the most militant kinds of people. They would glorify the killing of American troops, and they were funding groups that we regarded as problematic. So there were lots of issues associated with Qatar,” he said.

The former senior official said that when he discussed the issues with Qatari leaders, “there was a good deal of nodding and explanations, but we did not see much change. We have had a peculiar relationship with Qatar.”

Qatar has been for years the home of scores of Islamist dissidents and militants who fled their country and opted to live in Doha where they were given numerous facilities and much freedom.

However, their presence has irked Qatar's fellow Gulf Cooperation Council (GCC) countries – Bahrain, Kuwait, Oman, Saudi Arabia and the United Arab Emirates.

The countries have repeatedly conveyed their displeasure about hosting Muslim Brotherhood leaders and expressed their wishes that Doha put an end to its support.

In 2014, frustration reached unprecedented levels as Bahrain, Saudi Arabia and the UAE pulled out their ambassadors to Qatar and kept them away for eight months until Doha toned down its support.

Tension with the US was mainly related to Qatar's support for Hamas and while the situation was manageable, for various reasons, with the Obama Administration, the issue is no longer possible with Donald Trump as president amid growing concerns that Qatar is involved in terror financing, providing support material for terrorism and hosting radical clerics.

With the insistence of the Trump administration to call the Muslim Brotherhood “radical” and to take an aim at any group considered a terror threat, the friction in the relations between Doha and Washington will deepen and Qatar is most likely to come under unbearable pressure, he predicted.

The pressure will be compiled by a greater insistence of Gulf countries to push for a Muslim Brotherhood-free GCC.

Fonte: Gulf News (2017e).

ANEXO Y - QATAR EMIR STIRS CONTROVERSY BY DEFENDING IRAN AND HEZBOLLAH

Doha-based broadcaster Al Jazeera has been blocked by the UAE and Saudi Arabia in response to the emir's statements

Published: May 24, 2017 14:41 [Gulf News Report](#)

Qatar's Emir Shaikh Tamim Bin Hamad Al Thani 

Dubai: Qatar Emir Shaikh Tamim Bin Hamad Al Thani said his country is facing an unjust campaign that coincided with the visit by US President Donald Trump to the region that aimed to link it with terrorism and tarnish its efforts to achieve stability.

"The motives of the campaign are well-known and we will pursue the countries and organisations behind them in order to protect Qatar's leading role regionally and internationally," Shaikh Tamim said as he attended a graduation ceremony of national service recruits on Tuesday.

"We deplore the accusation against us that we support terrorism. The real danger is the behaviour of some governments that caused terrorism by adopting an extremist version of Islam that does not reflect its tolerance," the emir was quoted as saying by the Qatar News Agency (QNA).

Shaikh Tamim said nobody had the right to accuse Qatar of terrorism just because the Muslim Brotherhood has been labelled a terrorist organisation.

He added that one has the right to reject the resistance status of Hamas and Hezbollah, as well.

The emir called on "the brothers" in Egypt, the UAE and Bahrain to end their continuous anti-Qatar campaigns.

"Qatar does not interfere in the internal affairs of any country no matter how much it deprived its people of their freedom and rights," he added.

Shaikh Tamim said Qatar's relations with the US were good despite the problematic new administration.

"However, we believe the situation will change because of the judicial investigations into the president's abuses."

Qatar has succeeded in building strong relations with the US and Iran at the same time "because it is unwise to escalate the situation with Iran", Shaikh Tamim said.

Shaikh Tamim called for devoting attention to development and tackling poverty instead of engaging in exaggerated arms deals that increased tension in the region.

Damage control

However, Qatar later said that the statements attributed to Shaikh Tamim were false.

“The Qatar News Agency website has been hacked by an unknown entity,” reported the Government Communications Office in a statement.

It added that an investigation would be launched into the security breach. The Doha-based broadcaster Al Jazeera was blocked in the UAE and Saudi Arabia.

An analyst on the Saudi state news channel, Al Akhbariya, called Shaikh Tamim’s alleged remarks as “political adolescence”.

The pressure will be compiled by a greater insistence of Gulf countries to push for a Muslim Brotherhood-free GCC.

Gulf slams Qatar stance on Iran and Hezbollah

Gulf people and observers were stunned by statements, attributed to the Emir of Qatar, in which he appeared to defy the official GCC policies on different issues, particularly Iran, Hamas and Hezbollah.

“Iran represents a regional and Islamic power that cannot be ignored and it is unwise to face up against it. It is a big power in the stabilisation of the region,” Shaikh Tamim said at a military ceremony. He also described Hamas and Hezbollah as legitimate resistance movement and called Hamas “the legitimate representative of the Palestinian people.”

Doha denied the statement as “fabricated”. Qatari officials said the website and twitter account of the official news agency, QNA, had been “hacked”.

However, Gulf media and observers were unimpressed with the Qatari explanation, citing previous occasions when Doha acted “against the interests of the GCC,” Saudi newspaper Okaz said. Gulf states have repeatedly warned Doha of harbouring leaders of the Muslim Brotherhood considered as a terrorist organisation in most Gulf countries.

The GCC also criticised Qatar’s strong relations with Iran, accused by the bloc of meddling in the internal affairs of Gulf states, such as Bahrain, and instigating the conflict in Yemen.

Gulf states also asked Qatar repeatedly to rein in the Doha-based Al Jazeera news channel, which has become a mouthpiece for the Brotherhood and other terror groups such as Al Qaeda and Daesh, Gulf analysts said yesterday. The channel has been blocked in Saudi Arabia and the UAE yesterday as well as other Qatari media websites.

Saudi Arabia, Bahrain and the UAE pulled their envoys from Qatar for about eight months in 2014, accusing Doha of undermining regional security.

Tensions have eased since then, with Qatar promising to toe the GCC official line. But it seems that Doha has again chosen a confrontational way vis a vis other GCC states, Gulf sources said on Wednesday.

Fonte: Gulf News (2017b).

ANEXO Z - GULF SLAMS QATAR STANCE ON IRAN AND HEZBOLLAH

Emir appears to defy official GCC policies, observers say

Published: May 24, 2017 21:08 Gulf News Report

DUBAI: Gulf people and observers were stunned yesterday by statements, attributed to the Emir of Qatar, Shaikh Tamim Bin Hamad Al Thani, in which he appeared to defy the official GCC policies on different issues, particularly Iran, Hamas and Hezbollah.

“Iran represents a regional and Islamic power that cannot be ignored and it is unwise to face up against it. It is a big power in the stabilisation of the region,” Shaikh Tamim said at a military ceremony. He also described Hamas and Hezbollah as legitimate resistance movement and called Hamas “the legitimate representative of the Palestinian people.”

Doha denied the statement as “fabricated”. Qatari officials said the website and twitter account of the official news agency, QNA, had been “hacked”.

However, Gulf media and observers were unimpressed with the Qatari explanation, citing previous occasions when Doha acted “against the interests of the GCC,” Saudi newspaper Okaz said. Gulf states have repeatedly warned Doha of harbouring leaders of the Muslim Brotherhood considered as a terrorist organisation in most Gulf countries.

The GCC also criticised Qatar’s strong relations with Iran, accused by the bloc of meddling in the internal affairs of Gulf states, such as Bahrain, and instigating the conflict in Yemen. Gulf states also asked Qatar repeatedly to rein in the Doha-based Al Jazeera news channel, which has become a mouthpiece for the Brotherhood and other terror groups such as Al Qaeda and Daesh, Gulf analysts said yesterday. The channel has been blocked in Saudi Arabia and the UAE yesterday as well as other Qatari media websites.

Saudi Arabia, Bahrain and the UAE pulled their envoys from Qatar for about eight months in 2014, accusing Doha of undermining regional security. Tensions have eased since

then, with Qatar promising to toe the GCC official line. But it seems that Doha has again chosen a confrontational way vis a vis other GCC states, Gulf sources said yesterday.

Fonte: Gulf News (2017c).

ANEXO AA - QATAR MUST STOP UNDERMINING GCC INTERESTS

Doha isn't doing itself a favour by trying to jeopardise Gulf efforts to defend its security and prosperity

Published: May 25, 2017 16:29 [Gulf News](#)

Earlier this week, the Gulf Cooperation Council (GCC) celebrated its 36th anniversary. Comprising Bahrain, Kuwait, Oman, Qatar, Saudi Arabia and the UAE, the regional bloc was established in 1981 to bring together countries that share historic, demographic and geographic roots, in addition to the similarity of their political and economic systems.

The people in these six countries had always felt as one, sharing family ties and enjoying common social norms and traditions. The GCC, aims to put all those factors in the forefront to strengthen ties at the state level, integrate political and economic strategies and coordinate defence and foreign policy.

For more than three decades, the GCC succeeded in realising most of its objectives, although most citizens in the Gulf believe there is still unfinished work towards the ultimate union between the six states. Nevertheless, the group has managed, since its establishment, to successfully face political and security challenges: From the 1990 Iraqi invasion of Kuwait to the 2011 events in Bahrain and the current military campaign to restore Yemen's legitimate government, overthrown three years ago by the Iran-backed Al Houthi militias and its allies — the supporters of deposed president Ali Abdullah Saleh. The takeover of Sana'a by the extremist militia threatened the Gulf's collective security, especially the border areas of Saudi Arabia. The GCC, thus, decided to step forward to help Yemen regain its legitimate government and restore security and stability. The decision to launch the campaign was collective and the Saudi-led coalition included all the six members of the GCC.

The Yemen campaign represented a traditional show of unity and resolve among the GCC states — something expected from the bloc, considered by many as the only successful Arab organisation since the independence of most Arab countries in the first half of the last century.

Today, the GCC is faced with another challenge. And unfortunately, it is coming from within the ranks of the group. Shortly after the conclusion of last week's GCC Consultative

Summit in Riyadh, we were stunned by remarks, attributed to the Emir of Qatar, Shaikh Tamim Bin Hamad Al Thani, during a military ceremony on Tuesday, in which he appeared to defy not only the official GCC policies on most critical issues — particularly Iran, Hamas and Hezbollah — but also to hint that the American bases in Qatar were the only guarantee to safeguard his country from the “threat posed by some neighbouring countries”.

While the three summits hosted by Saudi Arabia last Saturday and Sunday, in the presence of United States President Donald Trump and leaders of 57 Muslim countries, agreed that Iran was fuelling conflicts and sectarian tension in the region, Shaikh Tamim has been quoted by the Qatari official news agency as saying: “Iran represents a regional and Islamic power that cannot be ignored and it is unwise to face up against it. It is a big power in the stabilisation of the region.”

Doha denied that the emir had spoken at the ceremony and claimed the statement was “fabricated”. Qatari officials curiously said the website and Twitter account of the official news agency, QNA, had been “hacked”. However, a quick look at the archives showed that the emir’s statement was not only carried by the news agency on its official website and Twitter account, but also on Qatari state television and other online platforms that belong to the state media outlets.

Understandably, Gulf media and observers were unimpressed with the Qatari explanation, citing previous occasions when Doha had flagrantly acted against the interests of the GCC. Just three years ago, Saudi Arabia, Bahrain and the UAE pulled their envoys out from Qatar for about eight months because of Doha’s constant efforts to undermine regional security by aligning itself with forces that seek to destabilise the region such as Iran and the Muslim Brotherhood. One of the reasons at the time was the continuous media campaign by Doha-based Al Jazeera news channel, targeting the GCC states and their governments. The channel has become a mouthpiece for the Brotherhood and other terror groups such as Al Qaida and Daesh (the self-proclaimed Islamic State of Iraq and the Levant). It regularly hosts radical elements and jihadists who call for violence not only in the Arab world, but also in other parts of the world. The 2014 tension eased when Qatar signed the Riyadh Agreement, in which Doha promised to stop acting outside the GCC fold and vowed to rein in Al Jazeera. However, it seems that was just another tactic to ease the pressure. Doha today is back to its old game of stoking tension.

Today, the region is at a critical junction. Threats surround the Gulf from almost all sides. Iran, terror groups, sectarian militias in Yemen and the raging war in Syria pose existential challenges to GCC. The bloc needs to stay united more than ever. And Qatar is not

doing itself any favour by trying to undermine Gulf efforts to defend its security, prosperity and the future of its citizens. Qatar must realise that its own security and prosperity are part of the Gulf's collective security. We all pray that reason will eventually prevail.

Fonte: Gulf News (2017d).

ANEXO AB - SECRET QATARI-IRANIAN MEETING HELD IN BAGHDAD

Secret Qatari-Iranian meeting held in Baghdad

Reports in Saudi newspapers alleged that Qatari Foreign Minister Shaikh Mohammad Bin Abdul Rahman Al Thani held a secret meeting last week with Qasim Sulaimani, a senior military officer in the Iranian army and commander of its Quds Force

May 30, 2017

A Saudi daily on Thursday said that Qatari Foreign Minister Shaikh Mohammad Bin Abdul Rahman Al Thani held a secret meeting last week with Qasim Sulaimani, a senior military officer in the Iranian army and commander of its Quds Force, while he was in Baghdad on an official visit.

“Despite the scarcity of information about the meeting, there were messages in Baghdad that Qatar exited early from the Arab-Islamic consensus, well before the ink of the Riyadh Declaration dried,” Okaz reported.

The Saudi daily alleged that the secret meeting had been arranged by the Iraqi government in return for Doha not demanding \$500 million left suspiciously by Qatari officials at Baghdad airport following the release of Qatari hostages held during a hunting trip in southern Iraq.

“Reliable sources said an agreement was reached where Qatar would rebel against the resolutions of the Arab-Islamic-American Summit,” Okaz reported adding that the arrangement was made only 27 hours before the summit.

Iraqi sources have reported “huge developments” in Qatari-Iranian relations about intelligence cooperation between the two countries in the near future which would give Iran a broader scope to carry out its agenda for the region.

Arab and Gulf countries have repeatedly accused Iran of fomenting terrorism and sectarianism in the region and meddling in the domestic affairs of Arab countries.

A string of summits in Riyadh last weekend, attended by US President Donald Trump, cemented a unified Arab and Muslim position against Iran and its terrorist agenda, in which all countries signed off on in the Riyadh Declaration — including Qatar.

However, Qatar’s standing in the Arab world has sharply deteriorated this week after Qatari Emir Shaikh Tamim Bin Hamad Bin Khalifa Al Thani reportedly said Qatar was facing an “unjust” campaign against it.

He defended Qatar's support for Hamas and Hezbollah and said it was "unwise" to escalate tensions with Iran.

Shaikh Tamim called on "the brothers" in Egypt, the UAE and Bahrain to end their continuous anti-Qatar campaigns.

However, Qatar later said that the statements attributed to Shaikh Tamim were false and the Qatar News Agency (QNA) was hacked.

It said an investigation would be launched into the security breach.

But on Thursday, Qatar seemed to end its strange silence on the issue when its foreign minister spoke affirming that "a hostile media campaign against Qatar" was being conducted.

"The campaign was particularly in the United States," its foreign minister said.

"We will confront it."

Observers familiar with the Qatar's dealings with terror groups were not shocked by the Qatari comments, both alleged and official.

The statements show Qatar's real face and the hatred in their hearts, an editorial in Okaz said.

"Its defence of the Iranian terrorist regime shows the secret Doha-Tehran alliance that intends to strike at Arab and Islamic solidarity."

"The positions of Qatar go against the positions of Gulf and Arab countries. Although it is a small country, it is always looking for a larger role at all costs, even if it tears at fabric of Gulf, Arab and Islamic solidarity. Qatar has misjudged the situation and entered the hornet's nest."

"The silence of Arab countries has ended, and the leaf has completely fallen," it said.

"Qatar supported Hamas, turned against the legitimate Palestinian [National] Authority, publicly declared its aid to Israel, and could not bear the success of the Riyadh summits. This is the country that is playing with fire," it said.

Fonte: Gulf News (2017a).

ANEXO AC - UAE SUPPORTS STATEMENTS OF KINGDOM OF BAHRAIN AND KINGDOM OF SAUDI ARABIA ON QATAR

ABU DHABI, 5th June, 2017 (WAM) -- The United Arab Emirates has issued the following statement: "The UAE affirms its complete commitment and support to the Gulf Cooperation Council and to the security and stability of the GCC States. Within this framework, and based on the insistence of the State of Qatar to continue to undermine the security and stability of the region and its failure to honour international commitments and agreements, it has been decided to take the following measures that are necessary for safeguarding the interests of the GCC States in general and those of the brotherly Qatari people in particular: 1-In support of the statements issued by the sisterly Kingdom of Bahrain and sisterly Kingdom of Saudi Arabia, the United Arab Emirates severs all relations with the State of Qatar, including breaking off diplomatic relations, and gives Qatari diplomats 48 hours to leave the UAE.

2-Preventing Qatari nationals from entering the UAE or crossing its points of entry, giving Qatari residents and visitors in the UAE 14 days to leave the country for precautionary security reasons. The UAE nationals are likewise banned from traveling to or staying in Qatar or transiting through its territories.

3-Closure of UAE airspace and seaports for all Qataris in 24 hours and banning all Qatari means of transportation, coming to or leaving the UAE, from crossing, entering or leaving the UAE territories, and taking all legal measures in collaboration with friendly countries and international companies with regards to Qataris using the UAE airspace and territorial waters, from and to Qatar, for national security considerations.

The UAE is taking these decisive measures as a result of the Qatari authorities' failure to abide by the Riyadh Agreement on returning GCC diplomats to Doha and its Complementary Arrangement in 2014, and Qatar's continued support, funding and hosting of terror groups, primarily Islamic Brotherhood, and its sustained endeavours to promote the ideologies of Daesh and Al Qaeda across its direct and indirect media in addition to Qatar's violation of the statement issued at the US-Islamic Summit in Riyadh on May 21st, 2017 on countering terrorism in the region and considering Iran a state sponsor of terrorism. The UAE measures are taken as well based on Qatari authorities' hosting of terrorist elements and meddling in the affairs of other countries as well as their support of terror groups – policies which are likely to push the region into a stage of unpredictable consequences.

While regretting the policies taken by the State of Qatar that sow seeds of sedition and discord among the region's countries, the UAE affirms its full respect and appreciation for the

brotherly Qatari people on account of the profound historical, religious and fraternal ties and kin relations binding UAE and Qatari peoples."

Fonte: Emirates News Agency (2017).

ANEXO AD – DISCURSO DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS NA ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS.

Statement by His Highness Sheikh Abdullah Bin Zayed Al Nahyan Minister of Foreign Affairs and International Cooperation of the United Arab Emirates before The General Debate of the 72nd session of the United Nations General Assembly

New York, 22 September 2017

Please Check Against Delivery

Mr. President,

Let me begin by congratulating you on your presidency of this session of the General Assembly. We are confident that your deep experience in international affairs will contribute to its success, and we stand ready to provide you with all the support and cooperation you need. I also wish to thank your predecessor, Mr. Peter Thompson, for his stewardship of the last session.

Let me also take this opportunity to express my country's appreciation for the efforts of the Secretary-General, Antonio Guterres, to reform the United Nations' work in conflict prevention and the achievement of peace and security. We fully support his vision, which will require United Nations member states to cooperate more closely on both existing and emerging global challenges.

The foreign policy of the United Arab Emirates is guided by principles consistent with the Charter of the United Nations and international law: a spirit of partnership, support for the rule of law, good-neighborliness and non-interference in the internal affairs of other States. These principles lead us to support a stronger role for the United Nations, and its reform, so that it can fulfil its mandate to maintain international peace and security and to bring about development and prosperity.

Mr. President,

The United Arab Emirates works hard and responsibly, both within its neighbourhood and beyond it, to promote the stability and development of Arab countries and tackle the destruction which our region's wars have left in their wake. We see security and stability as the key to the advancement of nations and peoples, a promising future for younger generations, and a decent life for all. Our collective priority must be to promote peace and stability.

Despite serious regional and international efforts, our region continues to suffer from crises. These have several causes: extremism and terrorism; continued interference by states in each other's internal affairs; aggressive and expansionist policies driven by hegemonic ambitions; and regimes which seek influence by providing support to extremist and terrorist groups to undermine legitimate governments and spread chaos and conflict throughout the region and the world. These crises have killed many, displaced millions and destroyed infrastructure. If this situation persists, it will only generate more violence, destruction and depletion of economic, cultural and human resources not only in our region, but throughout the world.

There is no doubt that we, as an international community, have made progress in confronting security and humanitarian threats. However, more can be done to restore stability in the Arab world. The UAE believes that the initial steps to restore stability in the region should be the following:

First: to protect the development progress that has been made, and prevent any party from obstructing or wrecking collective efforts at peacebuilding. Otherwise we will be reduced to managing these conflicts instead of being able to solve them. I refer in particular to Libya, Syria, Yemen and Somalia. In those countries comprehensive political solutions can be achieved. Stability can be restored. But this will only be possible if we put a stop to outside interference in Arab affairs, and prevent any form of support from being given to extremist and terrorist groups. In this regard, we support the efforts of the United Nations to bring warring parties to the negotiating table and achieve comprehensive political solutions for the crises in our region.

Second: to unite in a firm and sincere rejection of extremism and terrorism in all its manifestations. There is no other way to confront and eradicate this scourge. My country believes that the Riyadh Summit was historic by any standard. It attracted an unprecedented breadth of attendance at the highest levels, including the important participation of the President of the United States. The outcomes of the Summit demonstrated that the Arab and Islamic world stands firmly against terrorism and its ideological roots.

We believe that the elimination of this threat from our Arab region is within our reach. The liberation of ancient Arab cities with a rich history, such as Mosul in Iraq and Mukalla in Yemen from the grip of terrorist organizations is proof of this. It shows what can be achieved when we work together to combat extremism and terrorism.

Third: To take collective action to identify countries that support and finance terrorism, and hold them accountable. This is why the UAE has taken measures in tandem

with its close allies the Kingdom of Saudi Arabia, the Kingdom of Bahrain and the Arab Republic of Egypt, aimed at stopping Oatar's support for extremism and terrorism, and forcing it to abandon policies which have destabilized our region.

We are committed to protecting our national interests, the security of the Arabian Gulf, and the stability of our region. Some parties in our region are making alliances with organisations that seek to undermine peace and security in the Arab region and the world. This is a gamble that they will lose. It is behavior that we should not accept. Let us stand united against those who finance, promote and justify extremism and terrorism.

We have a clear choice with no alternative: to stand against terrorism in all its manifestations and to stand against all perpetrators without exception. We must demonstrate zero tolerance to those who spread violence, fear and destruction among innocent people, and those who provide support and safe haven to terrorist groups. The sovereign measures taken by my country in cooperation with its close allies serve this purpose. They are consistent with international law and are intended to protect Arab national security and counter Oatar's support for terrorism.

Fourth: to promote compassion, tolerance and inclusion. Today more than ever, the Arab region is in great need of these values to counter the misleading messages and ideologies spread by extremist and terrorist groups, especially through social media platforms. My country works with regional and international partners to put in place mechanisms which remind our youth of our shared human values and counter the rhetoric of the terrorists. Specifically, the UAE established and hosts specialized institutions such as the "Sawab" Center, the International Center of Excellence for Countering Violent Extremism "Hedayah", as well as the "Muslim Council of Elders" which aims to demonstrate the peaceful nature of our Islamic religion, and the "Forum for Promoting Peace in Muslim Societies" which consolidates the principle of peace among Muslims. We have learned from experience that we must expose extremist and terrorist rhetoric and defeat it intellectually, and provide an alternative narrative based on the principle of peaceful coexistence and tolerance.

While these institutions promote a culture of peaceful coexistence and tolerance, we regret that some countries fund media platforms which call for violence, incite hatred and sectarianism and provide a podium for the murderous ideology of terrorism. History has repeatedly proven the catastrophic consequences that follow when media platforms incite people to commit violence and justify it.

Mr. President,

Our international efforts to achieve peace in the region will not be successful without ending the Israeli occupation of the Palestinian and Arab territories which has lasted over seven decades. This situation makes young people vulnerable to exploitation by terrorist groups who claim that they are the only choice through which they can achieve their aspirations.

The common factor in all crises suffered in the region and the real obstacle to any concrete progress in resolving these crises remains the hostile and expansionist policy of Iran in the region. That policy is one of interference in the internal affairs of other states, and of arming and supporting terrorist groups, such as the Houthis and Hezbollah, as well as terrorist groups and cells in Iraq, Syria, Yemen, Lebanon, the Kingdom of Saudi Arabia, the Kingdom of Bahrain and Kuwait. Iran has not only committed blatant violations of the principles of sovereignty, but also continues to exploit the crises in the Arab world to undermine regional security by inciting and fueling conflict. Iran must realize that peaceful co-existence based on respect for sovereignty in the region is the best basis for a harmonious relationship with the states of the Arabian Gulf.

We reaffirm from this podium the UAE's firm position and its legitimate right to sovereignty over its three islands: Greater Tunb, Lesser Tunb and Abu Musa, which are occupied by Iran in violation of the provisions of international law and the Charter of the United Nations. We will not abandon our demand for Iran to return the occupied islands to their rightful owners, either voluntarily or through the peaceful means that are available for the resolution of international disputes, particularly through the International Court of Justice.

Two years have passed since Iran's nuclear agreement, with no sign of change in its hostile behavior in the region or any desire to abandon its nuclear ambitions. Instead, Iran continues to develop and conduct more ballistic missile tests in a deliberate violation of the spirit of the nuclear agreement. Therefore, we support enhancing controls on Iran's nuclear program and continued assessment of the agreement and its provisions.

We view the similarly provocative behavior of North Korea, through its continued development of its nuclear program and ballistic missiles, as a part of the destructive efforts of these states to pursue their nuclear ambitions and threaten global security and stability. The aggressive policies of Iran and North Korea are inconsistent with their membership in an international organization whose primary concern is the maintenance of international peace and security.

Mr. President,

If we are to restore security in the region and protect its peoples from conflicts and extremism, then we must make development, in both its human and strategic dimensions, our top priority. We must create opportunities and hope for young generations looking to a tomorrow with optimism and confidence. Therefore, my country is committed to achieving economic and human progress, and to contribute to rehabilitation and reconstruction projects in conflict-affected countries, in order to enable their national institutions to undertake their role in restoring security and stability.

The UAE continues its humanitarian approach to alleviate the suffering of refugees. It Supports international and regional efforts to protect them and improve their conditions by providing humanitarian and development assistance. However, the UAE stresses that managing crises by providing only humanitarian and development assistance is not a sustainable solution if we do not address the root causes of such crises.

In this regard, we reiterate the need for the United Nations to assume its responsibilities in finding solutions to humanitarian and political crises and addressing their grave implications, especially with regard to the recent violence and ethnic cleansing committed against the Rohingya in Myanmar. The United Arab Emirates condemns the acts of violence, and displacement and collective punishment, committed against the Rohingya and affirms that it will continue to provide humanitarian assistance and support efforts taken to reduce their suffering.

In this context also, we refer to the obstinate rejection by the Houthi rebels in Yemen of a political settlement to the Yemeni crisis and of humanitarian initiatives there. We see this clearly in their disruption and delay of numerous relief efforts and initiatives aimed at responding effectively to the deteriorating humanitarian situation in Yemen. Despite this, we will continue to work determinedly through the Arab coalition under the wise leadership of the Kingdom of Saudi Arabia on the political and humanitarian processes with the utmost vigour and determination. We will strive to address the humanitarian and development needs of the Yemeni people, especially women and children, and restore stability.

Mr. President,

The UAE believes that it is by looking to the future, promoting humane values and human development, and responding to the aspirations of young people that peoples and nations can best advance their own development and prosperity. Today, my country has moved beyond the establishment of infrastructure and fulfillment of basic needs, including the provision of health, nutrition and education services, and adopted a model which is based on the principles of good governance and values of tolerance according to a vision for building

happy societies. In addition, my country has ensured the provision of a safe environment to enable women and youth to fulfill their dreams and ambitions, and engage in the development of their country. This has allowed the UAE to pioneer innovations and ground-breaking achievements, and to become a beacon of hope for the younger generation throughout the region. The UAE is cognizant that its greatest challenge is to make its development sustainable and prepare itself for the post-oil era. This is a vital endeavor and it is our goal in every action that we undertake.

The UAE considers these values and principles a human and historic legacy passed on and celebrated by generations. Therefore, we have declared 2018 to be the "Year of Zayed" in memory and recognition of the achievements of the founding father of the United Arab Emirates, and to enshrine his values as we continue his journey to build and advance the nation.

Mr. President, we stand before a historic juncture. On the one hand stand those who pursue peace, development, modernity and the future. On the other, those who choose darkness, destruction, sabotage and chaos. In this most necessary and just confrontation, we must stand united. Our goal must be the eradication of extremism and terrorism and the elimination of those forces that are tearing our Arab region apart. Our path will then be clear, towards a future that is brighter and full of hope.

Thank you.

Fonte: Al-Nahyan (2017).

ANEXO AE - TRADE MAP - LIST OF IMPORTING MARKETS FOR A PRODUCT EXPORTED BY QATAR.



TRADE MAP

Trade statistics for international business development

Monthly, quarterly and yearly trade data. Import & export values, volumes, growth rates, market shares, etc.

List of importing markets for a product exported by Qatar

Product: 271111 Natural gas, liquefied

Unit : US Dollar thousand

Bilateral digits	Importers	Exported value in2015	Exported value in2016	Exported value in2017	Exported value in2018	Exported value in2019
	World	0		40,275,619	0	45,110,914
+	Korea, Republic of	0		8,767,671	0	9,718,997
+	India	0		5,881,767	0	6,883,943
+	Japan	0		5,872,468	0	6,274,076
+	China	0		5,096,536	0	6,528,981
+	Singapore	0		1,872,637	0	1,497,168
+	United Arab Emirates	0		1,525,127	0	923,014
+	Taipei, Chinese	0		1,444,512	0	1,650,416
+	United Kingdom	0		1,376,418	0	1,546,020
+	Pakistan	0		1,342,136	0	1,752,323
+	Italy	0		1,239,876	0	1,272,498
+	Egypt	0		1,170,957	0	17,058
+	Thailand	0		965,513	0	1,197,890
+	Spain	0		667,639	0	935,894
+	Belgium	0		557,179	0	726,149
+	Poland	0		544,598	0	732,760
+	Kuwait	0		443,475	0	617,128
+	Malaysia	0		297,830	0	31,079
+	Turkey	0		263,545	0	607,642
+	Argentina	0		259,826	0	0
+	France	0		170,618	0	253,996
+	Netherlands	0		120,401	0	19,472
+	Brazil	0		95,296	0	0
+	Portugal	0		62,010	0	114,320
+	United States of America	0		48,793	0	0
+	Jordan	0		41,667	0	27,955
+	Area Nes	0		35,247	0	56,529
+	Oman	0		28,010	0	49,356
+	Viet Nam	0		26,918	0	0
+	Indonesia	0		21,134	0	348,062
+	Australia	0		19,844	0	0
+	Greece	0		15,959	0	85,405
+	Germany	0		12	0	26,166
+	Bangladesh	0		0	0	1,196,495
+	Philippines	0		0	0	20,122

Sources: ITC calculations based on UN COMTRADE statistics since January, 2017.

ITC calculations based on [Ministry of Development Planning and Statistics](#) statistics since January, 2009 and until January, 2017. ITC calculations based on [UN COMTRADE](#) statistics until January, 2009.

CONTACT US

Email: marketanalysis@intracen.org

Phone: +41 (0) 22 730 05 40

Copyright © 1999-2019 International Trade Centre. All rights reserved.

IN COLLABORATION**WITH:**

https://www.trademap.org/Country_SelProductCountry_TS.aspx?nvpm=1%7c634%7c%7c%7c271111%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c2%7c1...

Fonte: ITC (2019).